



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CLAYTON RODRIGUES DA SILVA

**A FORMAÇÃO SOCIAL DA PERSONALIDADE EMPREENDEDORA EM  
*STARTUPS***

Recife  
2020

CLAYTON RODRIGUES DA SILVA

**A FORMAÇÃO SOCIAL DA PERSONALIDADE EMPREENDEDORA EM  
*STARTUPS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

**Área de concentração:** Sociologia das profissões.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Silke Weber

**Coorientador:** Prof. Dr. Gabriel Peters

Recife  
2020

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Valdicéa Alves, CRB4-1260

S586f Silva, Clayton Rodrigues da.  
A formação social da personalidade empreendedora em  
*startups* /  
Clayton Rodrigues da Silva. – 2020.  
064f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silke Weber.  
Coorientador: Prof. Dr. Gabriel Peters  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,  
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2020.  
Inclui referências e apêndice.

1. Sociologia. 2. Pessoas – Identidade - Caráter. 3. Modalidades.  
4. Efeitos. 5. Empreender – Redes sócias. 6. Educação acadêmica –  
Trabalho empreendedor. I. Weber, Silke (Orientadora). II. Peters, Gabriel  
(Coorientador). III. Título.

301

CDD

(22.

ed.)

CLAYTON RODRIGUES DA SILVA

**A FORMAÇÃO SOCIAL DA PERSONALIDADE EMPREENDEDORA EM  
*STARTUPS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: 05/03/2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Silke Weber (Presidente)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Gabriel Moura Peters (Titular Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Dr<sup>a</sup>. Gabriela Carvalho (Titular Externa)  
FADE - Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Artur Perrusi (Suplente Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosângela Tenório de Carvalho (Suplente Externa)  
PPGE - Universidade Federal de Pernambuco

## AGRADECIMENTOS

É um exercício interessante e até engraçado, depois de ter me engajado numa empreitada sociológica como a que segue para o leitor, expressar aqui a minha gratidão a todos os humanos envolvidos no que me levou à conclusão, tomara que exitosa, desse trabalho. Posso pensar na quantidade de pessoas que mantiveram os *sites* de acesso gratuito a livros e demais produções científicas, que deveriam ser de amplo e irrestrito acesso ao público, mas que infelizmente não são. Nos cientistas, comentadores e estudiosos que ao longo da história prestaram suas contribuições à filosofia, às ciências e, em especial, à sociologia.

Também às instituições de ensino e pesquisa, especialmente as do Brasil, que lidam com condições desesperadoras e ainda assim conseguem formar pesquisadores sérios, comprometidos e engajados em gerar produções cuja qualidade está muito acima do que se poderia esperar em condições de trabalho tão precárias e adversas. E aqui eu posso começar a ser mais específico, tomando a minha própria trajetória como referencial. Assim, eu me sinto muito grato por poder estar trabalhando na área da sociologia. Não posso me imaginar sem fazer aquilo que amo: ensinar e estudar sociologia.

Então eu agradeço às pessoas com quem pude compartilhar esses momentos de estudo e trabalho na área, como os meus colegas da UFPE, em especial à minha turma do curso do mestrado. É um privilégio poder ter vivido o curso num clima de muita solidariedade e companheirismo com vocês, por vezes compartilhando aspirações acadêmicas e profissionais em projetos conjuntos; a Maria Samara, que tem sido companheira de área desde a graduação; também a Esdras Bezerra e Anna Krystina com quem partilho de algumas angústias e recebo a solicitude e solidariedade.

Também sou muito grato ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE e a seus professores e funcionários. É uma honra, para mim, poder participar dos eventos e das aulas. Agradeço especialmente ao professor Gabriel Peters, que contribuiu com a dissertação desde a fase do projeto, fazendo apontamentos fundamentais, bem como por ter ministrado a disciplina de “práticas sociais”, que tive a felicidade de participar. Ao professor José Ratton, que nos instigou a pensar a teoria de forma prática e a questionar as maneiras tradicionais de pensar conceitos e métodos. Agradeço ao professor Artur Perrusi que desde a graduação tem me inspirado e a todos os professores e colegas estudantes do programa que contribuem para a disciplina “seminário de sociologia”.

Agradeço também a Ivon Rodrigues e Ana Alves, que aceitaram compor minha banca de qualificação e contribuíram com ricos apontamentos sobre o projeto. Para além do

programa, eu sempre serei muito grato a Wanessa Gonzaga, que me mostrou a sociologia como exercício profissional em meu estágio na DPU-Recife; aos meus colegas de trabalho da Escola Margareze Lacet, sendo que alguns deles se tornaram amigos, não me deixando estar sozinho em Maceió: Emerson Paes e principalmente Diego Fernandes, pelas conversas agradáveis, pelas descobertas musicais e cinematográficas e pelos chás.

A Túlio de Luna e Rhaysa Oliveira por toda solicitude, companheirismo e apoio. A Alziane Diógenes, Walman Rosas e Ingrid Viana, vocês foram um refúgio pra mim desde sempre, minha família que adotei e fui tão bem acolhido! Assim como a Saulo Joseph e Rute Celina, irmãos que a vida me deu de presente. Faço um agradecimento especial a Marina Mota e Bruno Pinheiro, que ajudaram a me inserir no ecossistema empreendedor de Recife e me colocaram em contato com tanta gente desse meio. A todos os que se dispuseram a me conceder as entrevistas, não posso citá-los nominalmente, mas sem vocês absolutamente nada disso seria possível. Agradeço também à colega Gabriela Carvalho, pelas contribuições e apontamentos na banca de defesa dessa dissertação.

Mas as palavras aqui não vão descrever minha gratidão por minha orientadora, a professora Silke Weber. É emocionante a maneira como a senhora tem o poder de me inspirar. Eu posso dizer que tive a honra e o prazer de ser seu orientando e essa foi, sem dúvidas, uma das melhores e mais ricas experiências de minha vida. À minha mãe, Patrícia Rodrigues, a pessoa mais incrível que já vi, a quem tenho uma gratidão e amor inexprimíveis. A todos e todas que por mim nutrem carinho, estima e simpatia. Citei aqui quem esteve mais próximo e acompanhou o processo de produção desse trabalho, mas poderia incluir mais pessoas, a quem dirijo meu mais sincero obrigado!

## RESUMO

O foco do trabalho é entender a formação social da personalidade empreendedora de universitários que atuam em *startups*. O conceito de personalidade foi tratado de modo experimental à luz da sociologia disposicionalista de Bernard Lahire, entendida como o conjunto de disposições para agir, sentir, pensar e crer que se concretizam de modo singular nas pessoas em relação a um domínio de práticas específico. A metodologia consistiu na realização de entrevistas em profundidade na proposta de Gabriele Rosenthal, para acessar as trajetórias de vida. A análise foi feita com o *software Nvivo Plus 12* e a reflexão teórica se desenvolveu gradativamente à fundamentação empírica, ao estilo *grounded theory*. Ao longo da análise, mostrou-se promissor recorrer a Bruno Latour para tratar das múltiplas implicações entre pessoas, coisas e lugares configurando uma rede de ação. Essas implicações foram rastreadas empiricamente pela sua materialidade, por meio da noção de dispositivos. A personalidade, assim, reflete a variação individual de perfis sociais decorrentes das distintas configurações de vários elementos que compuseram e compõem os quadros socializadores ou redes de ação ao longo da vida do indivíduo. Ela também consiste num fluxo contínuo de diferentes conexões provisórias e sucessivas entre elementos humanos e não humanos. Por essa razão, a singularidade da pessoa também expressa uma pluralidade de fatores sociais, de modo que aquilo que caracteriza o indivíduo em suas práticas, pensamentos, sentimentos e crenças é tão individual quanto social. O conceito de personalidade se mostrou um meio possível para estudar sociologicamente a heterogeneidade dos agenciamentos rastreáveis em dispositivos num nível de análise referente a esta personalidade como um modo individual de ser, que só se define numa configuração relacional específica.

**Palavras-chave:** Personalidade. Disposições. Dispositivos. *Startups*. Trajetórias de vida.

## ABSTRACT

The focus of the work is to understand the social formation of the entrepreneurial personality of university students who work in startups. The concept of personality was treated in an experimental way in the light of Bernard Lahire's dispositionalist sociology, understood as the set of dispositions to act, feel, think and believe that materialize in a unique way in people in relation to a specific domain of practices. The methodology consisted of conducting in-depth interviews, proposed by Gabriele Rosenthal, to access life trajectories. The analysis was carried out with the Nvivo Plus 12 software and the theoretical reflection was developed gradually with the empirical foundation, in the grounded theory style. Throughout the analysis, it proved promising to resort to Bruno Latour to deal with the multiple implications between people, things and places, configuring an action network. These implications were empirically tracked by their materiality, through the notion of devices. Personality, therefore, reflects the individual variation of social profiles resulting from the different configurations of various elements that make up and compose the socializing frameworks or action networks throughout the individual's life. It also consists of a continuous flow of different provisional and successive connections between human and non-human elements. For this reason, the uniqueness of the person also expresses a plurality of social factors, so that what characterizes the individual in their practices, thoughts, feelings and beliefs is as individual as social. The concept of personality proved to be a possible way to sociologically study the heterogeneity of assemblages traceable in devices at a level of analysis referring to this personality as an individual way of being, which is only defined in a specific relational configuration.

**Keywords:** personality; dispositions; devices; entrepreneurship; startups; life trajectories.

## SUMARIO

|              |   |           |
|--------------|---|-----------|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO</b>   | <b>10</b> |
| <b>2</b>     | <b>O EMPREENDEDORISMO <i>STARTUP</i></b>  | <b>22</b> |
| 2.1          | O EMPREENDEDORISMO COMO TIPO DE AÇÃO E COMO MECANISMO IDEOLÓGICO                          | 22        |
| 2.2          | O EMPREENDEDORISMO COMO PERSONALIDADE PSICOLÓGICA   | 24        |
| 2.3          | O EMPREENDEDORISMO COMO IDENTIDADE  | 25        |
| 2.4          | TEORIZAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE EMPREENDEDORISMO   | 28        |
| 2.5          | APOSTANDO NA NOÇÃO SOCIOLÓGICA DE PERSONALIDADE EMPREENDEDORA                             | 31        |
| <b>3</b>     | <b>UM EXPERIMENTO SOCIOLÓGICO DO CONCEITO DE PERSONALIDADE</b>                            | <b>34</b> |
| 3.1          | PERSONALIDADE COMO ESSÊNCIA INTANGÍVEL OU COMO MATERIALIDADE RASTREÁVEL                   | 36        |
| 3.2          | A INSTÂNCIA SOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DA PERSONALIDADE                                       | 40        |
| 3.3          | DISPOSITIVOS E DISPOSIÇÕES COMO NOÇÕES MEDIADORAS   | 50        |
| <b>4</b>     | <b>CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS: ENTRE DISPOSITIVOS, DISPOSIÇÕES E TRAJETÓRIAS DE VIDA</b> | <b>59</b> |
| <b>5</b>     | <b>ANALISANDO A FORMAÇÃO SOCIAL DA PERSONALIDADE EMPREENDEDORA <i>STARTUP</i></b>         | <b>65</b> |
| 5.1          | IDENTIFICANDO E DISTINGUINDO OS DISPOSITIVOS E AS DISPOSIÇÕES                             | 65        |
| <b>5.1.1</b> | <b>Alberto: o caçador de problemas</b>  | <b>68</b> |
| 5.2          | A TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DAS PERSONALIDADES   | 73        |
| <b>5.2.1</b> | <b>Bernardo e sua jornada espiritual rumo à liberdade</b>                                 | <b>73</b> |
| <b>5.2.2</b> | <b>Carlos: uma pessoa de impacto social</b>   | <b>78</b> |
| <b>5.2.3</b> | <b>Daniel: empreendendo em <i>startup</i> como uma jogada segura na vida</b>              | <b>83</b> |
| <b>5.2.4</b> | <b>Eduardo e seu investimento de fé</b>   | <b>87</b> |
| <b>5.2.5</b> | <b>Felipe: a iluminada lenda em construção</b>  | <b>91</b> |
| 5.3          | RASTREANDO OS DISPOSITIVOS: DAS NARRATIVAS ÀS PERSONALIDADES EMPREENDEDORAS               | 98        |
| 5.4          | OS RETRATOS SOCIOLÓGICOS DAS PERSONALIDADES EMPREENDEDORAS                                | 104       |

|              |  |            |
|--------------|--|------------|
| <b>5.4.1</b> | <b>O retrato sociológico da personalidade empreendedora de Bernardo</b>  | <b>104</b> |
| <b>5.4.2</b> | <b>O retrato sociológico da personalidade empreendedora de Carlos</b>  | <b>105</b> |
| <b>5.4.3</b> | <b>O retrato sociológico da personalidade empreendedora de Daniel</b>  | <b>106</b> |
| <b>5.4.4</b> | <b>O retrato sociológico da personalidade empreendedora de Eduardo</b>   | <b>107</b> |
| <b>5.4.5</b> | <b>O retrato sociológico da personalidade empreendedora de Felipe</b>  | <b>108</b> |
| <b>6</b>     | <b>À GUISA DE CONCLUSÃO DO EXPERIMENTO</b>   | <b>110</b> |
| <b>6.1</b>   | <b>CONCLUSÕES POSSÍVEIS SOBRE PERSONALIDADE EM SOCIOLOGIA</b>  | <b>111</b> |
| <b>6.2</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: APROXIMAÇÕES, LIMITES E POSSIBILIDADES PARA UMA TEORIA SOCIOLÓGICA DA PERSONALIDADE</b> | <b>113</b> |
|              | <b>REFERÊNCIAS</b>   | <b>117</b> |
|              | <b>APRÊNDICE A – TABELA DE ANÁLISE DA MATRIZ DE DISPOSIÇÕES CONSTITUTIVAS DA PERSONALIDADE</b>                   | <b>124</b> |
|              | <b>APRÊNDICE B – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA EM PESQUISA</b>                     | <b>125</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O tema geral do trabalho é o empreendedorismo *startup* de universitários dos cursos de informática. O objeto a ser analisado é o processo de formação de personalidades empreendedoras em estudantes universitários do Centro de Informática da UFPE que atuam em *startups*. Trata-se de um assunto que tem despertado cada vez mais interesse em diferentes esferas da sociedade, está na moda. Quanto ao debate científico e, mais especificamente nas ciências sociais aplicadas e nas pesquisas em educação, encontra-se uma literatura robusta e crescente sobre o tema do empreendedorismo.

Já a sociologia apresenta uma menor quantidade de material, apesar de análises originais e empiricamente fundamentadas, como a de Barbosa (2016). Na mídia em geral, são abundantes as matérias que tratam do tema e também em grandes agências de levantamento estatístico, mostrando o quanto a vontade de empreender, de “ter seu próprio negócio”, tem crescido no Brasil (GEM, 2017, EKONOMY, 2018, IPSOS, 2018). Nesse contexto de grande “afã empreendedor”, pode-se destacar o surgimento e crescimento das *Startups*, um tipo de empreendimento que, a meu ver, expressa o que há de mais atual e característico nas tipificações comuns acerca do empreendedorismo contemporâneo, seja na mídia em geral, ou nestes levantamentos panorâmicos de agências de pesquisa.

Esse cenário se desenrola numa situação de difusão de tecnologias digitais da informação; da integração cada vez maior de diferentes regiões do mundo por meio delas; do papel cada vez maior da internet, das redes sociais, dos aplicativos e das diversas soluções tecnológicas para a vida cotidiana. Toda essa dinâmica vai além da perspectiva vendida na propaganda e na publicidade da grande mídia. Elas envolvem também a face do trabalho de profissionais da informática que desenvolvem diferentes produtos e soluções tecnológicas. Esses profissionais autonomizam processos cognitivos que, dentre outras coisas, reúnem enormes quantidades de informações sobre os seres humanos, as organizam e as empregam na tentativa de induzir comportamentos, sentimentos e pensamentos.

Essa dinâmica de trabalho ocorre em padrões ou modelos que envolvem questões mais amplas. São novas relações com o trabalho, com os conhecimentos, com as instituições; são novas formas de entender a si mesmo e de se relacionar com os outros. As leituras das mudanças decorrentes do regime de acumulação flexível de Harvey (1992); ou da sociedade do conhecimento de Castells (2005) explicam esse processo de um ponto de vista rico e agregam os papéis de diferentes fatores nessas transformações sociais.

David Harvey (1992) abordou estas transformações retratando a passagem de um modo de produção capitalista pautado pelo regime fordista, para o regime de acumulação

flexível, desde a década de 1970. A acumulação flexível é caracterizada pelo aumento da demanda por inovação e dinamismo tecnológicos; intensificação do ritmo e precarização das condições de trabalho; autonomização do setor financeiro internacional; transnacionalização das corporações e descentramento do controle da produção (HARVEY, 1992).

Não obstante, para Harvey, há dois fatores fundamentais nessas mudanças, sendo o primeiro deles, a aceleração do tempo de giro do capital como forma de assegurar a sua reprodução ampliada. Esse processo envolve também a aceleração “da desqualificação e da requalificação, para se atender às novas necessidades do trabalho; “(...) a aceleração do consumo, da racionalização das técnicas de distribuição, da circulação de mercadorias, e das condições de pagamento” (SAMPAIO, 2011, p. 81). Mais ainda, é em função dessa aceleração que se pode observar a intensificação do ritmo de trabalho e o aumento da demanda por inovações tecnológicas.

Isso porque o regime de acumulação flexível se propõe a resolver os problemas da crise do fordismo nos anos 1970, principalmente para superar a rigidez deste modelo. Tudo isso implica na busca pela criação e atuação em novos nichos de mercado, em escala menor que a massificação do fordismo e mais voltada às necessidades do consumidor. E esse é o contexto de surgimento das *startups*: intenso dinamismo e demanda por inovação tecnológica; qualificação permanente; aceleração da produção e distribuição; e subordinação da produção ao consumo.

Além disso, um segundo fator que Harvey expressa como fundamental, é que qualquer regime de acumulação só se sustenta e funciona por meio de normas e hábitos de comportamento. Daí é possível perceber que deve haver algum tipo de implicação mútua entre os comportamentos individuais e o modo de produção da sociedade em geral. O desafio da análise sociológica, nesse caso, é o de fazer a devida adequação da escala de análise sem dar saltos que negligenciam processos fundamentais da dinâmica social.

No entanto, antes de adentrar mais detidamente às questões de escala de análise, cabe caracterizar ainda mais o contexto em que o processo estudado se desenvolve. É possível recorrer a Manuel Castells, que também aborda as transformações das últimas quatro décadas com ênfase no papel das tecnologias da informação. Ele faz isso destacando características como a passagem da dinâmica de produção em massa para a flexível, proporcionado em muito por essas tecnologias, impactando diferentes processos da economia e da cultura (CASTELLS, 2005). Do ponto de vista da economia, ela estaria mais informacional, global e em rede, e se intensificou a busca por maior produtividade e lucratividade.

Mas o que as proposições de Castells têm de grande potencial analítico está na possibilidade de perceber elementos não humanos desempenhando um papel fundamental e de protagonismo, a depender do recorte com que se observa. Ainda que, para ele, as tecnologias da informação atuem como mediadoras, elas atuam em algum grau. Castells entende que a sociedade do conhecimento não é aquela que automatiza processos de produção realizados pelo empenho direto de energia humana. As máquinas, desde a revolução industrial, já haviam passado a desempenhar atividades antes realizadas por humanos.

Além disso, as “potências da natureza” passam a ser controladas pelo emprego dos saberes científicos, sendo esse controle uma extensão e multiplicação da força humana. Mas nesse novo cenário, chamado de industrialismo, a tecnologia é tomada como objeto, como instrumento que potencializa a força humana, ligada à transformação da matéria-prima em mercadoria. Nesse processo, a matriz é energética, pois o avanço da produção está intrincado à expansão da capacidade energética (AGUIAR, 2007).

O modelo industrial de produção, na leitura de Castells, permitiu a explosão do consumo de massa, mas sofreu profundas transformações com o que ele chamou de revolução da informação, substituindo o industrialismo pelo informacionalismo. Nesse novo padrão de desenvolvimento todo o conjunto das relações sociais passam a ser mediados ciberneticamente. São as tecnologias da informação que constituem uma plataforma e a mediação das interações humanas, institucionais e das atividades produtivas. “A matriz deixa de ser a energética e passa a ser a cibernética. O que se busca potencializar não é a força, mas a mente humana” (AGUIAR, 2007, p. 13).

No entendimento de Castells, conforme argumenta em seu livro *Sociedade em Rede* (2005), as diferentes variações das tecnologias da informação (microeletrônica, computação, telecomunicação, radiodifusão, optoeletrônica etc) não estão diretamente relacionadas à transformação da matéria prima, mas do conhecimento, de modo que

(...) a busca deixa de ser pelos insumos baratos de energia, para insumos baratos da informação”. (...) Nesse paradigma, as tecnologias deixam de ser ferramentas e se metamorfoseiam em processos que podem ser reconfigurados sem destruir o sistema que os constituem. **O usuário pode, se o desejar, transmutar-se, também, em criador** (AGUIAR, 2007, p. 13 grifo meu).

O trecho grifado é de fundamental importância para as discussões aqui desenvolvidas. Castells entende a centralidade com que os processos relativos ao conhecimento criam uma nova configuração nas relações sociais. Nessa nova configuração, de meu ponto de vista, o usuário, que é um misto de consumidor e cliente com trabalhador e produtor (principalmente de conteúdo/informações) é alçado a uma condição de protagonismo, ao mesmo tempo em

que as tecnologias da informação protagonizam as condições pelas quais o informacionalismo se consolida.

Parece haver uma situação de hibridismo a ser percebida, analisada e descrita nos termos de Bruno Latour (2012), que propõe um marco analítico pelo qual as interações entre humanos e não humanos podem ser simetricamente percebidas, configurando uma rede de mútuas implicações entre coisas, discursos (que me permito incluir saberes ou conhecimentos) e pessoas. No entanto, esse é um *link* teórico potencial a ser melhor explorado mais adiante. Ainda assim, tendo sido apresentada a perspectiva de Harvey, que demonstra as mudanças na dinâmica da produção vinculadas a regimes morais e padrões de interação; bem como o papel das tecnologias e do conhecimento na discussão de Castells; pode-se apresentar uma perspectiva mais pragmática quanto às transformações sociais nas quais se insere o contexto das *startups*.

Com um enfoque maior nas questões relativas ao comportamento individual vinculado às transformações sociais contemporâneas, Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009) escrevem *O novo espírito de capitalismo*. Neste livro o autor e a autora fazem uma análise da “gramática moral” de valorização ou desvalorização dos indivíduos no “novo capitalismo”, com base num conjunto de características comportamentais. Partindo do conceito de *cité*, os autores esboçam uma série de atributos relativos a hábitos, normas e valores que são desejáveis ou “típicos” desse novo espírito do capitalismo.

As *cités* dizem respeito a regimes de justificação moral que têm uma validade generalizada, são ordens legítimas (BOLTANSKI, 2001). Aos regimes de justificação correspondem regimes de ação. No caso das transformações do capitalismo contemporâneo e das mudanças comportamentais individuais correspondentes, tem-se a “*cité* por projeto”, à qual correspondem qualidades como a flexibilidade, adaptabilidade, criatividade, gosto pelo curso da atividade e não unicamente pelo resultado, sociabilidade e a importância da criação de redes.

Mas o que considero fundamental na abordagem de Boltanski é sua preocupação em não reduzir de modo negligente as justificações dadas pelos atores sociais. Essa negligência ocorre quando essas justificações são tratadas como mera aparência que “dissimulam interesses e relações de força” (BOLTANSKI, 2001, p. 15). A proposta do autor, então, é a de se assumir uma postura pragmática que leve a sério as “exigências normativas” que as pessoas fazem a si próprias, as suas justificações (idem). Para tanto, assume-se que há uma indissociabilidade entre a crítica e a justificação, numa relação que se desenvolve por meio de disputas em situações concretas. Nesse sentido, crítica e justifica são inúteis se não estiverem

diretamente relacionadas: uma só existe em função da outra. Mais ainda, ao passo em que a justificação se demonstra insuficiente, abre-se a possibilidade de renovação da crítica.

Mas qual seria o referente de validade, os parâmetros dessa disputa sobre a qual se desenrola de modo contínuo a relação entre justificação e crítica? Primeiro, é importante entender que há ordens legítimas (ou seja, que asseguram um ponto de apoio robusto) que repousam num conceito de justiça e que Bolstanski designa de *Cité*. Na prática, são os regimes de justificação, que se assentam sob diferentes princípios de avaliação, havendo, portanto, vários tipos delas.

Seguindo no curso de seu argumento, quanto à importância de se considerar as exigências normativas que as pessoas se impõem, considera-se fundamental levar em conta não apenas os argumentos das pessoas, mas também suas **aspirações e pretensões**. Porém, isso deve ser feito em confronto com a realidade, por meio da noção de “prova”.

A cada regime de justificação, estão associados repertórios de objetos pertinentes na ordem considerada, em que a sua junção esboça os contornos de um mundo. A presença destes objetos nas situações consideradas e a sua ativação pelas pessoas empenhadas permite o agenciamento ordenado das provas. É finalmente o resultado dessas provas que confere ao julgamento a sua força e torna difícil pô-lo em causa (BOLTANSKI, 2001, p. 16).

Mas esse confronto entre as pretensões e a realidade por meio da prova, só ocorre a partir de princípios que dependente do tipo de *cité* e que Bolstanski (2001) chama de princípio de equivalência, variando conforme os seis tipos de *cités* (ou regimes de justificação e crítica) inicialmente apresentados: a *cité* **inspirada**, onde a grandeza é a do santo que atinge um estado de graça ou a do artista que recebe inspiração; a **doméstica**, onde a grandeza das pessoas depende da sua posição hierárquica numa cadeia de dependências pessoais, ou seja, o grande é o mais velho, o antepassado, quem protege.

Há também a *cité* do **renome**, onde é a opinião dos outros que pode conferir grandeza a alguém, ou o número de pessoas que por essa pessoa nutrem estima e prestígio; na *cité* **cívica**, o grande é quem representa e exprime a vontade geral de um coletivo; na *cité* mercantil a grandeza está com quem aproveita as oportunidades e enriquece vendendo mercadorias cobiçadas num mercado concorrido; a última é a *cité* **industrial** onde o critério de grandeza é a eficácia baseada em capacidades profissionais.

Todos esses regimes apresentam um princípio de avaliação por meio do qual os seres são postos em relação e “medidos” criando-se uma ordem de grandeza entre eles. Todos esses regimes buscam a compatibilidade entre duas demandas contraditórias: uma noção de humanidade comum, que reconhece igualdade e dignidade a todas as pessoas; ao mesmo tempo em que há um ordenamento entre essas pessoas, pelo seu grau de grandeza. Segundo

Boltanski, há dois constrangimentos que atenuam a tensão dessa contradição: a primeira é que não há uma atribuição em absoluto ou definitivo da grandeza de alguém, podendo-se a prova que lhe conferiu tal *status* ser questionada e refutada; a segunda é que “a grandeza dos grandes só é legítima se estiver a serviço do **bem comum**” (BOLTANSKI, 2001, p. 17).

O empreendimento analítico de Boltanski está em tecer a gramática moral que especifique: o princípio da equivalência (por meio do qual se avalia); o estado de grande e o estado de pequeno; os repertórios de objetos e dispositivos (categoria de coisas), de sujeitos (categorias de seres humanos) e a relação natural entre os seres, os verbos; a mediação da relação entre grandes e pequenos pelo “bem comum”; a fórmula de investimento; a prova modelo; a capacidade das pessoas; e a figura harmoniosa da ordem natural.

A fórmula de investimento diz respeito ao equilíbrio da *cit *, obtido por meio da associação entre sacrifício e o acesso ao estado de grande, de modo que proveitos e cargos de responsabilidade sejam equiparados. A figura harmoniosa da ordem natural diz respeito a “ideais-tipo” relativas a um mundo onde a distribuição dos estados de grandeza é equitativa. Posto isso, o argumento de Boltanski sobre as transformações do mundo capitalista pode ser melhor compreendido.

  no já mencionado *Le nouvel esprit du capitalisme* que o autor, juntamente com  ve Chiapello, analisa as mudanças do regime de justifica o (ou do que Max Weber chamou de espírito do capitalismo) que ocorrem entre os anos 1960 e 1990. Essas mudanças correspondem ao que ele chamou de **Cit  por projeto**. Sua fundamenta o empírica se desenvolveu por meio da análise dos discursos de gestão, presentes em relatórios de diferentes institui es. A literatura analisada permitiu entender que havia uma forte dimensão crítica visando mudar os dispositivos de organiza o e “as disposi es gerais” dos atores da empresa. Essa literatura de gestão se mostra preocupada com novas formas de obter lucro, mas também com uma dimensão moral expressa nas proposi es de se obter esse lucro de forma justa, considerando-se o ponto de vista dos funcionários e do “bem comum”.

Para Boltanski, fica evidente a dimensão ideológica dos textos de gestão, pois apresentam não apenas diretrizes para que se persigam objetivos econ micos, mas também razões que justifiquem o compromisso pessoal para a busca por lucro. Com isso, promove-se argumentos que respondem às possíveis críticas. Com isso, pode-se dizer que a análise feita por esse viés atenta para as mudanças observadas nos **dispositivos de governança** públicos ou privados e revela que esses dispositivos “permitem aos responsáveis conter a crítica e manter inalteradas as principais assimetrias sociais existentes ou mesmo ampli -las” (BOLTANSKI, 2013).

Ora, Harvey descreve a um nível macrossociológico (com foco na coletividade) as transformações do que chamou de regime de acumulação flexível. Ele foca na dimensão da produção da vida material como base da organização social. Nesse sentido, a ação das pessoas constitui dialeticamente esse processo: é por ele condicionado (em termos de limite do que e como se pode fazer, pensar e sentir) e também o constitui, já que é o trabalho coletivo das pessoas que possibilita um regime de acumulação.

Castells, por sua vez, atenta para substituição da centralidade do trabalho industrial de transformar matéria-prima e energia, pela centralidade do papel desempenhado pelas tecnologias da informação em transformar o conhecimento. Tanto um autor quanto o outro, desenvolve a análise numa escala mais próxima do coletivo que do individual. Nenhum deles deixa de mencionar os desdobramentos individuais das transformações coletivas, mas não é o indivíduo o foco ou ponto de partida da análise.

Tanto Harvey quanto Castells exploram a dimensão política e ideológica de suas formulações. Mas me permito destacar que Castells não coloca o próprio advento da *internet* e o surgimento de certas inovações tecnológicas como meramente uma demanda econômica. O que ele faz é mostrar que a inovação em certas tecnologias é ela própria uma expressão política de uma estratégia de “governança” ou poder. Exemplo disso é a maneira como descreve o surgimento da *internet*:

Inicialmente tratava-se de descobrir uma forma de não permitir que os soviéticos tomassem de assalto ou destruíssem o sistema americano de comunicação em caso de deflagração de uma guerra entre os dois países. Pensada como um equivalente eletrônico da tática maoísta de dispersão das forças de guerrilha, a *internet* resultou numa arquitetura de rede que não pode ser controlada a partir de nenhum centro e é composta por milhares de redes de computadores autônomos com inúmeras maneiras de conexão (CASTELLS, 2005, p.44 apud AGUIAR, 2007, p. 13)

Já no caso de Boltanski, a proposta alegada é a de considerar as transformações recentes das sociedades capitalistas do ponto de vista dos atores, considerando as motivações morais que compõem suas ações e que configuram um mundo socialmente construído, envolvendo elementos que ele descreve por meio da gramática específica dos regimes de justificação. Por essa razão, as características desse novo mundo decorrente de certas mudanças sociais são descritas a partir de atributos pessoais, assim como as repercussões ideológicas desses atributos.

Nesse sentido, no novo espírito do capitalismo (chamado de sociedade do conhecimento, por Castells, e de regime de acumulação flexível por Harvey) a gramática da *cit * por projeto, tem a atividade como um princípio ou equivalente geral, pois ela supera a oposi o entre trabalho e não trabalho e tem por finalidade gerar ou se integrar a projetos. Ou

seja, a atividade por excelência é a que se integra a redes e cria o máximo de conexões possíveis. Isso também significa que o projeto é sempre transitório e está em constante ajustamento a um mundo em rede. A conexão entre seres é o que constitui o elemento da relação natural e o estado de grande se define pelo ativo, autônomo, que assume riscos, expande e cria novos contatos e laços, descobre novas possibilidades e fontes de informação. Trata-se de uma pessoa que não se limita a desempenhar um papel social.

Quanto ao repertório de sujeitos, se constitui de todos os atores que agem como mediadores, expandindo e animando a rede, inovando e criando, inclusive por “intuição e faro”. Já o repertório de objetos é marcado pela forte presença de tecnologias digitais, principalmente pelo fato de que a principal operação desse regime de ação é a de criar conexões. Isso também se explica por que a configuração harmoniosa, ou seja, “a forma natural do mundo é a rede” que se impõe a humanos e não humanos, saibam os atores ou não (BOLTANSKI, 2001, p. 25).

Além disso, a **prova modelo** seria a sucessão de projetos, de modo que o mundo é mais justo conforme mais curtos, numerosos e mutáveis forem os projetos. Afinal, a relação de grandeza aqui é exatamente a justiça que há na confiança dos pequenos (fechados, dogmáticos, tímidos, inflexíveis) no zelo e empenho dos grandes pelos projetos. A fórmula de investimento então se expressa no sacrifício que o grande faz ao abrir mão da estabilidade, ou projeto duradouro em qualquer instância da vida. Nada que estanque sua mobilidade pode resistir aos projetos.

Importante lembrar que a base empírica de Boltanski para compor tal gramática foi exatamente o agrupamento de palavras associadas a um mundo ou outro, de modo que a presença de uma *clité* é medida “pela soma de todas as ocorrências num dado *corpus*, dos membros de uma categoria criada para a representar” (Idem). Essa é a base pela qual o autor descreve a gramática dos regimes de justificação do novo espírito do capitalismo.

E esse novo espírito pode mudar quanto às formas de acumulação e quanto ao regime de críticas que a ele se endereçam e o impelem a transformar-se para tornar-se desejável ou “necessário”. É assim que ele fornece simultaneamente uma justificação do capitalismo “e um ponto de apoio crítico que permite denunciar a distância entre as formas concretas de acumulação e as concepções normativas da ordem social” (idem). Mas é possível trazer uma linha de abordagem que permanece um ponto cego: considerar as pessoas como ponto de partida, mas integradas numa rede de relações com coisas, discursos e lugares. De certo que Boltanski se engaja em partir das pessoas conectadas em rede, evoluindo humanos e não

humanos. Mas seu ponto de chegada é exatamente o quadro de concepções normativas da ordem social.

A própria descrição do autor inclui a possibilidade de não consciência dos atores sobre estarem integrados a uma rede de sucessivas, múltiplas e crescentes conexões; bem como ressalta frequentemente a presença de dispositivos. O que vale questionar aqui é a possibilidade de dispositivos que não se limitem a fabricações humanas, entendendo-se que os elementos não humanos da rede não se restringem ao papel de fruto da ação humana anterior e que mediam interações humanas presentes e futuras.

Esses dispositivos só são dispositivos relacionalmente, dentro da rede, pois acionam disposições em certos ambientes e implicam condicionantes (e não determinantes) para ações, pensamentos e crenças. Se é importante considerar as aspirações dos indivíduos e levar a sério as exigências normativas que eles se impõem é igualmente importante perceber que essas exigências expressam dispositivos e conexões das quais esses indivíduos podem não estar cientes, não tendo sequer notícia a respeito.

Além disso, ao falar dos dispositivos de gestão que os relatórios analisados empregavam, Boltanski (2001) menciona a tentativa de modificar as disposições gerais dos atores envolvidos na empresa. A preocupação do autor, no entanto, é com o engessamento da ação social por parte de um modelo inteiramente disposicional no qual não há mais ação, apenas a manifestação de dispositivos incorporados. Para ele, “não podemos compreender o estabelecimento de todo um conjunto de dispositivos, se não considerarmos que esses dispositivos são de redução de certas incertezas” (BOLTANSKI, 2014, p. 221).

Chame-se de incerteza ou indeterminação o aspecto que mantém a realidade estudada em aberto, isso não isenta nenhum sociólogo da noção de que um mesmo aspecto pode ser estudado por diferentes vieses e que nenhum modelo analítico reflete tal qual um espelho, ou index a realidade estudada. Logo, parece redundante apelar para a incerteza para, com isso, abrir mão de uma vez por todas da dimensão não consciente, ou, não concebida e expressa pelos atores na sociedade.

Os próprios modelos de ação constituídos das categorias que ele forjou com base na ocorrência de palavras em discursos de gestão são, antes de tudo, modelos. Não importa se saíram da boca ou da tecla de atores para serem reorganizadas com base em critérios sociológicos: haverá, como ele mesmo percebe, uma abertura para incerteza e um certo grau de discrepância entre o modelo e a prática. Mais tarde Boltanski vai dizer que: “Penso que toda a análise presente no *Nouvel esprit* que fizemos dos anos 19968-2000 continua correta,

mas que a cidade (*Cité*) por projetos foi algo somente esboçado, mas nunca colocado em prática” (BOLTANSKI, 2014, p. 227).

O que levou o autor a essa conclusão foi a percepção de que, apesar de as instituições empresariais proporem um regime de legitimidade que ele nomeou de *cité* por projeto, esse discurso estava vinculado de forma aparentemente contraditória ao “crescimento da violência capitalista, das desigualdades” (idem), tudo menos a consolidação da *cité* por projeto. Mais ainda, ele diferencia competência de capacidade, assumindo que a competência de tecer a crítica pode ou não ser acionada a depender da capacidade para esse acionamento, variando conforme o contexto. Por exemplo, alguém pode não acionar a competência da crítica em público, mas o fazê-lo numa mesa de bar.

Ora, uma alternativa analítica a Boltanski tem por referência a sociologia disposicional, apesar de o argumento do Boltanski parecer mais frisar na caricatura dessa sociologia disposicional que no procedimento analítico das disposições. Na visão dele, as disposições incorporadas atuam como modelos de ação que geram comportamentos necessários e previsíveis, vinculando os atores às estruturas *a priori* e reproduzindo essas mesmas estruturas (cf. BOLTANSKI, 2001, p. 14).

Ele tece a crítica à noção de *habitus*, conceito fundamental da sociologia disposicional formulado por Bourdieu, dizendo que a teoria deste surge “do encontro da etnometodologia com a psicanálise e que implicam certo nível de interiorização e incorporação” (BOLTANSKI, 2014, p. 220). A preocupação de Boltanski, que concorda explícita e alegadamente com Bruno Latour, é a de não recair em tautologias pressupondo o laço social logo de saída, em vez de trabalhar partindo do indivíduo para chegar a esse laço.

Numa fala mais recentemente publicada pelo *Blog Sociofilo* (2016), em entrevista concedida a Diogo Correia, Boltanski reconhece o conceito de *habitus* e diz que o fato de não usá-lo não o coloca contrário à possibilidade de se explorar tal conceito. Assevera que o modo como o próprio Bourdieu o operava estava esgotado. “Digo isso porque faltam, hoje, elos entre a psicanálise, a sociologia e um modo de apreender alguma coisa como, entre aspas, a **personalidade**” (BOLTANSKI, 2016, p. 2, grifo meu).

Essa é, precisamente, a proposta da dissertação. Entender a formação da personalidade de empreendedores *startups* considerando tal personalidade como um conceito que sintetize esta rede de múltiplas implicações entre humanos e não humanos, atrelada a um domínio de práticas delimitado para fins de análise científica. Esse domínio são as *startups*, geralmente definidas como organizações temporárias “com modelo de negócio repetível e escalável” e

que “atua num ambiente de incertezas” (BICUDO, 2016), envolvendo tecnologias no produto final ou num processo essencial da criação/produção.

Noutras palavras, trata-se de um negócio voltado para a geração de soluções inovadoras que envolvem tecnologias da informação, necessitam de investimentos e lidam com a acentuada incerteza quanto aos resultados. Desse modo, elas seriam lugares, tanto no sentido de espaço físico, como de articulação que comporta uma série de elementos, inclusive virtuais, que centralizam e para onde convergem diferentes pessoas, coisas e discursos difusos nas redes de articulações da ação social. Os nós que se pode identificar nesta rede permitem desdobrar uma série de questões de interesse para a sociologia e que, no entanto, têm sido mais comumente tratados por outras disciplinas, como a psicologia.

Dentre essas questões está a formação da personalidade empreendedora, que diz respeito não apenas a uma trajetória de socialização com diferentes arranjos interativos entre pessoas, mas também ao papel da relação dos indivíduos com as tecnologias digitais na formação de suas mentalidades, ou disposições para pensar; e do quanto as disposições construídas fora da relação com as tecnologias digitais implicam em diferentes modos de lidar com estas mesmas tecnologias nas práticas cotidianas do trabalho.

Foi por meio de entrevistas em profundidade como propõe Gabrielle Rosenthal (2014), tratadas por meio do *Software* de análise qualitativa *Nvivo* e reproduzindo o estilo de *Grounded Theory*, refletidas e formuladas na proposta de Bertaux (2008) que se constituiu a base empírica da pesquisa da qual resultou a presente dissertação. Ademais, além de caracterizar o contexto geral das mudanças sociais nas quais se insere o surgimento e funcionamento das *startups*, cabe também caracterizar o contexto específico da pesquisa. Isso porque, no Brasil, o Estado de Pernambuco tem sido destaque em empreendimentos desse tipo (SECTI-PE, 2017; BARBOSA, 2018; PIMENTEL, 2018) e recebido uma série de fomentos por parte do poder público (JORNAL DO COMÉRCIO, 2018).

Parte disso se deve ao Porto Digital, um parque tecnológico e ambiente de promoção e fomento ao empreendedorismo e inovação, fundado no ano 2000 por colaboração entre a iniciativa privada, governo e universidades (PORTODIGITAL, 2018). O Porto Digital tem sua história intimamente ligada ao Centro de Informática da UFPE (SABOYA, 2018), com quem mantém estreitos laços institucionais atualmente. Vale destacar, também, as populares histórias de jovens estudantes universitários que, no decorrer de seus cursos de graduação, conseguiram dar início a empreendimentos que evoluíram para empresas de grande porte (ZUINI, 2016). Estas histórias ganham enorme projeção e são amplamente exploradas pela mídia e pela indústria do cinema, por exemplo (GRILLETI, 2019).

Com base em iniciativas no próprio Centro de Informática da UFPE e também no Porto Digital, proliferam comunidades e eventos de *startups* e compartilhamentos de saberes e práticas empreendedoras e de inovação em diferentes áreas. Por esse motivo, pareceu mais do que plausível e também promissor investigar a formação da personalidade empreendedora em jovens universitários do Centro de Informática da UFPE que atuam com *Startups*. A relação deste tipo de empreendimento com as universidades é mais do que evidente. Assim sendo, deve-se considerar que o Centro de Informática da UFPE é tido como um centro de excelência, considerado o “vale do silício pernambucano” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2018) e bastante atrelado ao mercado e à iniciativa privada, onde se desenvolvem projetos de inovação científica e tecnológica dentre os mais averbados da UFPE.

A dissertação se desenvolve apresentando uma síntese dos debates científicos sobre o empreendedorismo e as *startups*; e, a seguir, destacando os limites indicados nas abordagens que caracterizam as transformações sociais recentes nas leituras de Harvey, Castells e Boltanski, para introduzir as contribuições da sociologia disposicional de Bernard Lahire; as reflexões de partida sobre a noção de personalidade então são apresentadas; e as contribuições de Bruno Latour se incorporam ao debate. O tratamento experimental do conceito de personalidade se desenvolve por meio da análise do material empírico, sendo essa análise o ponto de partida e o critério de validade das formulações. O referencial teórico anteriormente citado é mais um mediador das inferências que um selo de autoridade para fechar os resultados e conclusões. O estilo *Grounded Theory* adotado, permite identificar como a discussão teórica se desenvolve simultaneamente às incursões empíricas.

## 2 O EMPREENDEDORISMO *STARTUP*

Uma vez que o tema da dissertação é o empreendedorismo em *startups*, procedeu-se a uma revisão de literatura para tentar delinear o que caracteriza esse empreendedorismo e como o assunto tem sido debatido, principalmente na sociologia. Os termos de busca foram “Empreendedorismo” (e variações como empreendedor/a) e “*Startup*”, em diferentes arranjos com os seguintes outros termos: “Sociologia”, “Formação Universitária”, “Universidade”, “Educação”, “Personalidade” e “Identidade”. Os trabalhos encontrados e selecionados foram organizados por tipo de abordagem (teoria e métodos) e congruência de resultados.

As fontes de busca foram a plataforma *Scielo*, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Periódicos Capes, e o *Google Acadêmico*. Também se recorreu a materiais específicos de gestores ou empreendedores que sugerem modelos de empreendedorismo a serem seguidos e que são frequentemente citados em estudos sobre o tema.

Da revisão encontrou-se trabalhos que se preocupam com as características dos empreendedores no sentido do que é favorável ou desfavorável à formação de uma conduta empreendedora. Para isso, se consideraram os estímulos do contexto ou as disposições de pensamento e comportamento, chegando-se à formulação de modelos ideais do que seria um empreendedor, definindo-se um conjunto de atributos típicos, ou esperáveis.

### 2.1 O EMPREENDEDORISMO COMO TIPO DE AÇÃO E COMO MECANISMO IDEOLÓGICO

Notou-se o foco na formação de competências empreendedoras (CHAVES, 2006; BASTOS, 2013, CAMPOS, 2014; CAMPOS, 2015; ITELVINO, 2015). Há também os trabalhos que discutem o “empreendedorismo em si”, categorizando-o ou tipificando-o como uma cultura, como um discurso, como um sistema moral de ação, ou como uma ideologia. É o caso dos trabalhos que se debruçam especificamente sobre o *ethos* empreendedor contemporâneo, como o de Barbosa (2016), entendendo o empreendedorismo como um espírito que provê um “modelo de ação” empreendedora para os indivíduos.

Esse mesmo *ethos* é entendido de uma maneira diferente por Lopez-Ruiz (2004) que fala da difusão de crenças e valores sociais em certas instituições paradigmáticas e capazes de expressar a “fisionomia” do mundo contemporâneo. No caso, a instituição escolhida é a empresa transnacional e se analisa o *ethos* de seus executivos como relacionados ao espírito do capitalismo. No entanto, aqui o foco é na Teoria do Capital Humano, que alega haver uma linearidade entre investimento em educação e ganho com produtividade.

Na verdade, a Teoria do Capital Humano coloca as pessoas como mais um fator de produção, o que leva à conclusão de que investir na formação e qualificação das pessoas agrega valor à produção. Do ponto de vista de um indivíduo ou família, a qualificação pode significar “empregabilidade” e maiores chances de obter ganhos na renda. Essa perspectiva ou é implicitamente assumida e se analisa o quanto a educação promove competências empreendedoras; ou ela é criticada já que presta um serviço ideológico para a reprodução do capitalismo.

Ainda em educação, Calixto (2013), entende os atributos do empreendedorismo contemporâneo a partir da noção de “governamentalidade de si”, mais especificamente as da pedagogia moderna. Monteiro (2011) aborda esse processo caracterizando-o como religioso, tendo em vista que as empresas recorrem ao ritualismo e à simbologia empreendedora, de modo a promover a associação entre felicidade, realização e sucesso econômico ao consumo de determinados produtos, adoção de um estilo de vida e engajamento no trabalho.

Outras visões críticas acerca desse processo têm se desenvolvido em trabalhos como os de Leite e Melo (2008), Almeida (2016) e Lima Junior (2011) que aborda a funcionalidade do empreendedorismo para o capitalismo e o discurso neoliberal, bem como o de Fontenelli (2012), que entende o “discurso da inovação” como mecanismo de controle do conhecimento pelo capitalismo. Betoni (2014) também nota que nos anos 1990 o discurso em favor do empreendedorismo cumpria papel ideológico de adaptar a mentalidade dos jovens às demandas do regime de acumulação flexível num cenário de precarização das condições de trabalho.

Campos (2006), por exemplo, percebe haver uma demanda por um trabalhador de novo tipo no regime de acumulação flexível. Também Fernandes (2009) vê a formação de um sujeito empreendedor num processo contraditório de reestruturação do trabalho na atualidade, tomando como exemplo o Porto Digital do Recife. Aqui cabe destaque, pois trata-se de trabalhos de fôlego que identificaram transformações na dinâmica macrossocial e as relacionaram com certos constrangimentos aos indivíduos, sem no entanto, trabalhar as implicações dos efeitos das instituições (quadros) sobre a “personalidade cultural dos indivíduos” (LAHIRE, 2004).

Bastante frequentes são os trabalhos que enfocam na maneira como o empreendedorismo se manifesta na educação escolar, seja na educação básica, técnica ou de nível superior (MARTINS, 2009; SCHMIDT&BONENBERGER, 2009; MATOS [et. al.], 2010; HINCKEL, 2010; COAN, 2011; BRESSAN & TOLEDO, 2013; ZAMBON, 2014; PANDOLFI, 2015; LOIOLA, 2016; SOUZA DE SOUZA, 2016). Especificamente sobre a

universidade, há autores que aplicam a noção de comportamento empreendedor a organizações, como Silva (2005) que estuda a relação entre universidade e desenvolvimento local no setor de ciência e tecnologia da informação.

Ainda em relação às universidades, Rosa (2016) trata das competências empreendedoras na gestão de redes de pesquisa; e Ipiranga, Freitas e Paiva (2010), que abordam a relação entre universidade, empresas e governo mediante a legislação de inovação tecnológica. Outro estudo que vale mencionar é o de Vieira (2017), que pesquisou o empreendedorismo de si de influenciadoras digitais, abordando as representações e sentidos que elas atribuíam a si mesmas por meio de suas postagens nas redes sociais.

Massaini (et. al., 2012), por exemplo, fala da ação empreendedora de países inteiros, analisando o perfil empreendedor desses países, dados de suas atividades empreendedoras e a relação entre essas “atitudes” e o índice global de competitividade. Na mesma linha segue o trabalho de Fontenele (2010), analisando a atividade empreendedora de países inteiros e trabalhando com o índice global de competitividade.

No entanto, Fontenele percebe uma contradição nas noções vinculadas à Teoria do Capital Humano, pois se nos países ricos o nível de renda está positivamente relacionado à atividade empreendedora; nos países pobres, a relação é negativa. Ou seja, o “empreendedorismo” nesses países é o que chamam de “por necessidade”, mas que também inclui o trabalho informal precarizado e não se traduz numa elevação da renda *per capita*.

## 2.2 O EMPREENDEDORISMO COMO PERSONALIDADE PSICOLÓGICA

Alguns comentários parecem oportunos de serem feitos sobre o trabalho de Santos (et. al. 2017) que faz um estudo psicométrico da escala de oportunidades e recursos para empreender com estudantes do ensino superior. O foco deste estudo foram os fatores que influenciam o comportamento empreendedor, tomado de modo ideal. O que há de curioso, é que a conclusão de que os estudantes ponderam mais os fatores externos em suas decisões empreendedoras foi obtido de forma psicométrica, ou pelo padrão de ocorrência de certos fatores na amostra.

Mais importante ainda, do ponto de vista da questão desenvolvida na dissertação, o trabalho de Rizzato e Moran (2013), que tratam da relação entre empreendedorismo e personalidade entre estudantes universitários. Os autores recorrem a Gordon Allport (1961, p. 43 apud RIZZATO & MORAN, 2013, p. 282), para definirem a personalidade como sendo “a organização dinâmica interna daqueles sistemas psicológicos do indivíduo que determinam o seu ajuste individual ao ambiente”.

Esta personalidade pode ser apreendida pelos seus traços, que empiricamente foram categorizadas por Costa e McCrae (1992) ao desenvolverem “um inventário chamado de NEOPI-R - *Neuroticism, Extraversion, Openness Personality Inventory Revised*” (idem). Os autores então aplicaram análises quantitativas no SPSS para tipificar perfis de empreendedores, chegando a três padrões: os seguidores, sonhadores e empreendedores. A conclusão é que esse último grupo destoa mais dos outros e tem uma auto percepção de eficácia mais acentuada.

Ora, o que se tem aqui é um modelo descritivo relativamente simples de ser aplicado e, nos termos de Boltanski, redutor de incertezas, que coloca uma instância externa e outra interna dos indivíduos. Esta, é parcialmente rastreável, se expressando em traços particulares arranjados em variações individuais de pessoa a pessoa. Além disso, esse modelo tem por complemento uma versão de traços patológicos ou disfuncionais de personalidade. Não seria adequado, a essa altura, lançar questionamentos do ponto de vista sociológico a modelos desenvolvidos, testados e discutidos no âmbito da psicologia. Mas a perspectiva sociológica permite alguns questionamentos que podem ser desenvolvidos com base empírica para se chegar a uma teoria sociológica da personalidade.

### 2.3 O EMPREENDEDORISMO COMO IDENTIDADE

Há trabalhos mais focados na dimensão microsociológica e individual. Por exemplo, a análise temática de entrevistas e a percepção de fragmentação discursiva, chega à conclusão de que a constituição do eu empreendedor como pessoa está atravessada por relações de poder e que não se restringe a uma definição única de identidade (ÉSTHER; RODRIGUES; FREIRE, 2012). Canever (et. al., 2013) analisa que as motivações para empreender entre estudantes universitários geralmente se relacionam ao desejo por independência e reconhecimento social; dinamismo e envolvimento com várias atividades e percepção de que é necessário ir além do que o curso de graduação tem a oferecer.

Digno de nota é o estudo de Yitshaki e Kropp (2016) que, com base na análise da história de vida, entende a identidade empreendedora como constituída também de paixões. Essas paixões podem estar mais ou menos associadas a certas condutas a depender do contexto de ação: empreendedores sociais têm suas identidade ligadas ao desejo de deixar sua marca e ao entusiasmo; já os empreendedores da alta tecnologia mobilizam mais emoções compostas por um forte desafio de fazer algo que faça sentido e que deixe sua impressão digital.

Alsos (et. al. 2016) analisam como a identidade social de alguém pode influenciar o seu comportamento empreendedor e descobre os empreendedores de *startups* como um grupo heterogêneo quanto à maneira de se engajarem no empreendedorismo. As ações dos empreendedores e sua autopercepção é delineada e fortemente influenciada pela identidade social. Lewis (et. al., 2016) discute o desenvolvimento da identidade empreendedora a partir da descoberta, desenvolvimento e exploração de oportunidades que geram transições de identidade e constroem o empreendedorismo feminino.

Destaque-se o fato de que é citada a abordagem pela via da **personalidade** em Zhao e Seibert (2006 apud Lewis et. al., 2016), mas do ponto de vista da psicologia. Em outro trabalho, Lewis (2016) explora a noção de identidade capital, entendida como um conjunto de forças e habilidades psicossociais que são empregadas pelos indivíduos para simultaneamente se definirem e representarem como os outros os definem.

Retomando o relevo à dimensão do gênero, mas sem discutir a identidade, Guerreiro (et. al., 2012) analisa os fatores sociais que motivam as pessoas à exercerem atividades por conta própria, ou empreenderem. Faz isso por meio de entrevistas em profundidade e chega a tipologias do acesso ao empreendedorismo. Leitch e Harrison (2016) analisam a formação da identidade a partir da noção de que há a identidade para si e a identidade como processo contínuo de formação pelo trabalho ou atividade.

O trabalho de Down e Reveley (2004) também recorre à noção de identidade empreendedora e trata da entrada no empreendedorismo, enfocando na **formação social da identidade empreendedora** a partir de uma situação microssocialmente situada (termo de Randall Collins, 2000). Tal situação é apreendida a partir de uma abordagem etnográfica de enfoque interacionista sobre o encontro intergeracional e seu impacto na decisão por embarcar no empreendedorismo.

Quanto ao aspecto heterogêneo do comportamento empreendedor, um outro trabalho chega a uma noção de identidade híbrida de atores que se engajam em atividades que envolvem domínios de práticas distintos: as atividades estritamente acadêmicas de pesquisa universitária; e as atividades relativas à transferência de tecnologias. Essa identidade híbrida comporta um “eu acadêmico” e uma “*persona* comercial secundária” (JAIN; GEORGE; MALTARICH, 2009).

Carvalho (2016) recorre a Goffman para fazer uma análise dramaturgic e microssociológica da relação entre papéis sociais empreendedores e identidade individual empreendedora. Ele apreende a identidade como autopercepção e percebe que a incorporação de papéis sociais empreendedores estão relacionados a uma autopercepção de autoestima e

senso de capacidade. Na mesma linha, Maia (2016) se fundamenta em Goffman e destaca o papel da cultura, principalmente nas ações de captação de recursos por partes dos empreendedores que, segundo seus achados, incorporam em sua conduta a figura do futuro bilionário.

Até aqui, viu-se que, por meio da noção de papel social são pensadas as atribuições relativas a um grupo específico ou generalizado sobre quem um indivíduo é, ou pode ser; ou a auto atribuição a que se faz o indivíduo constituindo a identidade em seus dois aspectos – a identidade para si e a identidade para o outro – específico ou generalizado (DUBAR, 2005). Essa identidade é construída socialmente a partir de estímulos, educação, oportunidades, acordos e outros aspectos.

Inclusive a personalidade como uma forma de se comportar indicada por atitudes, modos de pensar e aspirações é pensada como possível de ser socialmente modelada e formada, como em Zhao e Seibert (2006). No entanto, esses aspectos constitutivos da personalidade são tomados como referentes de uma realidade dada e identificados a partir da ocorrência de termos pelos quais são corriqueiramente definidos, inclusive em *surveys*. A análise desenvolvida adiante permite repensar os termos nos quais o debate sobre o tema tem se desenvolvido.

Primeiro, na abordagem que proponho os aspectos constitutivos da personalidade não são pensados em termos de atributos ou adjetivos indicadores de qualidades. Antes disso, eles indicam processos de agenciamento, configurados em redes de múltiplas implicações e só se definem relacionalmente. Exemplo, uma placa eletrônica programável pode implicar em ações, pensamentos e sentimentos que não seriam possíveis sem esse objeto. Mas não é o objeto em si mesmo que dispõem as pessoas a agirem dentro de um domínio de práticas, mas sim as implicações entre os padrões de modos de agir, sentir ou pensar (as disposições).

Estas, são padrões porque ocorrem ao longo de uma trajetória, podendo ser desejadas ou detestadas e manifestas a partir de situações específicas que envolvem pessoas, coisas, discursos e lugares configurados em rede. A exemplo da placa programável, que só implicaria a ação de desenvolver projetos de robótica, dentro de um quadro ou domínio de práticas configurados por pessoas, coisas, discursos e lugares implicando-se em modalidades e seus efeitos. E é assim que a personalidade, conforme se pode perceber nas análises da dissertação, são modos de ser relativos a um domínio de práticas que não se confundem com tipos médios ou ideais de um conjunto de qualidades percebidas pelos próprios agentes, pelos agentes com que lida, ou por cientistas.

## 2.4 TEORIZAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE EMPREENDEDORISMO

Outros trabalhos dão maior enfoque à dimensão coletiva ou à apreensão das teorias administrativas e organizacionais, bem como sociológicas sobre o empreendedorismo como o de Borba, Hoeltgebaum e Silveira (2011). Eles analisaram produções que versavam sobre o empreendedorismo em seus aspectos administrativos em pequenas empresas, na inovação e também sua dimensão psicológica. Eles observaram que o foco na ação da empresa predomina, e que o aporte teórico de maior impacto remete às obras de Joseph Alois Schumpeter.

Machado e Nassif (2014) fazem um interessante levantamento histórico sobre as concepções acerca do empreendedorismo. Partem da ideia de empreender como uma atividade que envolve indivíduo, processo, organização e ambiente, para então descrever as diferentes formas com que essa atividade é concebida, levando em conta a literatura do século XVI à atualidade. Martes (2010) analisa as proposições de Weber e de Schumpeter sobre a ação empreendedora. Schumpeter entende o “desenvolvimento” econômico como um processo que vai além do aumento de capital, incluindo o fator da inovação que produz um desequilíbrio e, por conseguinte, uma retomada de equilíbrio num novo arranjo, num cenário competitivo onde a tecnologia é fundamental. Assim como Weber, Schumpeter parte do indivíduo (empreendedor) como tipo ideal dotado de intencionalidade, mas socializado e não atomizado.

Além disso, se a inovação é a mola propulsora do desenvolvimento econômico, o empreendedor é seu ator por excelência. Ele age racionalmente, mas movido por valores (o da inovação) e por paixões que envolvem o desejo de conquista. O empreendedor atua por meio da destruição criativa, resistindo e confrontando certos padrões institucionais e gerando transformações que promovem o desenvolvimento. Isso significa que Schumpeter tem sua abordagem pautada pelo individualismo metodológico, sendo o empreendedor um tipo social que dispõe de um quadro cognitivo diferenciado. Também ao mesmo tempo em que se apoia nas instituições (cultura, tradição), ele apresenta certa resistência e as desafia.

A hipótese de Fontenele é a de que Schumpeter trabalha com uma teoria da ação de cunho Weberiano e que se preocupa em explicar as mudanças radicais, principalmente por associar o empreendedorismo à mudança (inovação). Além do que, as bases da análise em Schumpeter estariam mais próximas de uma perspectiva sociológica que tradicionalmente econômica: O enfoque no indivíduo não estaria em tomá-lo como entidade empírica, mas como portador de um sentido da ação social que se pretende interpretar.

O agente é concebido, na teoria economia ortodoxa, como um indivíduo atomizado — sem raízes, sem relacionamentos sociais — e o próprio contexto institucional desaparece. No caso da Sociologia Compreensiva, a ação individual é social na medida em que se orienta pelo comportamento de outros. “Outros” são definidos por Weber como sendo, além de outros indivíduos, uma “pluralidade de agentes desconhecidos e indefinidos” (Weber, 2000, p. 13). Ação econômica para Weber, possui, igualmente, características correlatas. Trata-se de uma ação individual, dirigida por interesses (materiais ou ideais), mas também por hábitos e sentimentos. Na teoria econômica, o ator é exclusivamente dirigido por interesses materiais e seu comportamento não é necessariamente orientado pelo comportamento de outros. Tradição e emoção não contam na ação, relações entre política, lei, religiões etc., são ignoradas (Granovetter & Swedberg, 1992, p. 85 e 86). Para Weber, ação social propriamente econômica, é motivada pelo interesse e orientada para a utilidade. Porém, como toda ação social, ela é também uma ação orientada para o comportamento de terceiros (FONTENELE, 2010, p. 265).

Na mesma linha, Goss (2005) questiona o legado de uma análise Schumpeteriana do empreendedorismo que negligencia a questão da mudança relacionada à ação social. Ele parte dos primeiros *insights* do autor para dizer que as perspectivas tardias de Schumpeter sobre o empreendedorismo eram pessimistas. Isso porque com a consolidação do capitalismo como sistema social se observaria a rotinização da inovação por parte das instituições, com cada vez menos oposição aos fatores institucionais.

Isso levaria à obsolescência da “função empreendedora”. Não obstante, ao passo em que a ação social cria padrões ou estruturas rotinizadas e racionalizadas, essas estruturas repercutem numa mudança de percepção, de emoções e, portanto, de motivações nos indivíduos. Com isso, há a possibilidade de reações inovadoras. O que é possível perceber é que muitas das análises do empreendedorismo, desde Schumpeter, seguem um padrão de se orientar pelo individualismo metodológico associada a uma análise tipológica da ação.

São poucos os que fogem a essa tendência, portanto, dignos de comentários. De Clercq e Voronov (2009) apresentam um ponto de partida singular e original sobre o tema: considerar o empreendedorismo como um processo profundamente incorporado e socialmente conectado às posições dos empreendedores nas estruturas das relações de poder. Para tanto, recorrem ao trabalho de Bourdieu e falam de um *habitus* empreendedor e sugerem que uma pessoa que se engaja no empreendedorismo deve lidar com a questão de sua legitimidade nesse domínio de práticas.

Nesse sentido, o empreendedor “novato” precisa lidar com o dilema de se adequar às regras do campo, mas se mostrar um inovador nessas regras – “disruptivo”. No entanto, pode-se notar que permanece a tensão entre o constrangimento institucional ou estrutural e a ação individual. Ademais, Fuller e Tian (2006) recorrem aos conceitos de capital simbólico, mais especificamente da relação entre capital social de pequenas e médias empresas e a postura

ética quanto ao empreendedorismo responsável, sem tematizar a tensão “agência-estrutura” por tomarem a empresa como agente coletivo.

Um outro grupo de trabalhos selecionados na revisão de literatura trata mais especificamente das possibilidades de abordar o tema do ponto de vista da sociologia. Ruef e Lounbury (2015) dão ênfase à perspectiva weberiana que desenvolveu uma abordagem compreensiva para entender o contexto, o processo e os efeitos da atividade empreendedora. Watson (2012) retoma perspectivas sociológicas clássicas como Durkheim, Weber e também Wright Mills para sustentar que o empreendedorismo é um fenômeno social cujo estudo pela sociologia pode render importantes descobertas.

Isso por que as pesquisas sociais do tema podem revelar aspectos importantes sobre o papel da criatividade e da inovação; as interações e “intercâmbios” das vidas individuais com a dinâmica social e global nas mudanças históricas. As investigações do tema podem incrementar o debate sobre a relação entre agência e estrutura, sem, no entanto, perder de vista o papel central que a noção de empreendedorismo tem desempenhado na retórica neoliberal.

Azambuja & Mocelin (2017) escrevem sobre o empreendedorismo “intensivo em conhecimento” relativo ao setor de produção tecnológica e aos parques de inovação. Eles fazem um levantamento da literatura acerca do tema destacando as abordagens que dão foco aos motivos pelos quais os empreendedores decidem empreender. Mais especificamente sobre as startups Kon e Monteiro (2014) no trabalho *Empreendedorismo em Computação e Startups de Software* apresentam noções fundamentais sobre o tema.

Esse trabalho foi selecionado porque apresenta o ponto de vista dos profissionais do meio e porque o contexto é o de *startups* de *softwares* e projetos de inovação tecnológica. Os autores apresentam o empreendedorismo de base tecnológica como modo de agir em inovação de soluções por meio de noções como as técnicas de *Startup Enxuta* (*Lean Startup*), Desenvolvimento de Cliente (*Customer Development*), Painel de Modelo de Negócios (*Business Model Canvas*) e o ecossistema de *startups* digitais.

Cavalcante (2015), em sua dissertação de mestrado desenvolve um estudo sociológico sobre as *startups* com uma perspectiva otimista, concluindo que o governo deveria investir em política de incentivo continuadas, já que as *startups* têm o potencial de sustentação econômica do setor produtivo, reativam o interesse dos jovens pelo debate político e podem reaquecer o mercado de trabalho, além de democratizarem o acesso ao empreendedorismo.

## 2.5 APOSTANDO NA NOÇÃO SOCIOLÓGICA DE PERSONALIDADE EMPREENDEDORA

É possível notar que não há novidade em discutir as características das ações e comportamentos empreendedores, seja os agrupando por meio do conceito de atitude, de perfil, de mentalidade, de identidade, de experiência, de práticas, de discurso, de ideologia, de cultura, de *ethos* e também de personalidade. Mas a maior parte dessas abordagens se desenvolve em áreas como a administração, a psicologia e a educação.

O que esses estudos apresentam é um conjunto de atributos comportamentais que tipificam o empreendedorismo, especialmente sua dimensão prática e individual. Alguns estudos, inclusive, fazem aproximações do que observam empiricamente por meio de enquetes ou entrevistas, com um padrão ou modelo de ação empreendedora típica ou desejável. Outros estudos na área da educação debatem sobre de que maneira a educação pode contribuir, ou não, para gerar comportamentos empreendedores.

Isso significa que já existe uma discussão robusta sobre o tema em geral. Mas o que, em síntese, esses trabalhos dizem? Que há uma expectativa sobre competências a serem desenvolvidas no âmbito das empresas e das instituições educacionais para que as pessoas se engajem no empreendedorismo; que há um modelo de como agir de forma empreendedora a ser perseguido; que esse modelo pode constituir um projeto ideológico de grupos dominantes para reproduzir e atender às demandas do capitalismo.

Também discutem como a teoria sociológica pode contribuir e receber contribuições dos estudos sobre o empreendedorismo para desenvolver questões como a relação entre agência e estrutura. Mas é muito frequente que esses estudos partam do individualismo metodológico e que desenvolvam análises tipológicas, inclusive as que recorrem a noções como *ethos* e ao pragmatismo francês, como em Bolstanski.

É possível dar outro tratamento à discussão? Sim, eis a proposta desta dissertação: refletir o empreendedorismo em sua materialidade, que é a de pessoas pensando, sentindo, crendo e agindo. Teríamos aí dois polos cuja relação deveria ser entendida por meio da pesquisa científica, o empreendedorismo e as pessoas. Em última instância e de modo grosseiro, seria possível reduzir o objeto pesquisado a isso.

Mas olhando com acurácia para essa relação, empregando uma visão sociológica, percebe-se que as pessoas agindo estão necessariamente relacionadas a um domínio de práticas específico e articulam em suas práticas algumas crenças, emoções, discursos, coisas, um corpo, lugares e ações. Nota-se também que esses elementos se implicam mútua e incessantemente, configurando conexões mais ou menos duradouras e formando algo que

pode ser pensando como uma rede. Qual desses elementos articulados são capazes de expressar melhor essas conexões? Quais os nós que melhor evidenciam a relação entre empreendedorismo e pessoas? Para começar a responder, poderíamos tomar a cultura em sua dimensão material (as coisas produzidas pelos humanos); e também a dimensão simbólica da cultura (as linguagens e demais objetos simbólicos produzidos pelos humanos).

Nesse caso, o empreendedorismo poderia ser considerado um dos elementos da cultura que envolveria principalmente a dimensão simbólica - como um discurso e um conjunto de crenças e valores; e também a dimensão material, especialmente os resultados do empreendedorismo na produção e consumo de bens materiais e serviços e as respectivas relações de poder envolvidas nesse processo. No meio dessa abstração entre o material e o simbólico teríamos pessoas agindo, pensando e sentindo.

A cultura, nesse caso, é também uma abstração usada para mediar a interlocução abstrata entre pesquisadores das ciências humanas sobre pessoas agindo, pensando e sentindo. Desse modo, a cultura como um conceito é uma chave que abre tanto a porta do estudo e entendimento científico sobre as pessoas; e também a porta de uma maneira de pensar próprio de um grupo social – os estudiosos das ciências humanas. Colocado dessa forma, o que eu pretendo dizer é que a escolha da fundamentação teórica e o uso dos conceitos sobre um tema vinculam o pesquisador a uma forma de pensar de um ou mais grupos sociais e permite uma interlocução com esses grupos. Outrossim, o uso dessas referências teóricas torna inteligíveis, portanto, socialmente articuláveis os pensamentos, sentimentos, crenças e ações de um pesquisador dentro de um domínio de práticas e de uma configuração social específicos.

Dito isto, parece oportuno notar que a escolha sobre quais elementos dar enfoque para revelar as conexões e relações entre pessoas, coisas e discursos vai depender de um modo de pensar próprio de quem questiona e pesquisa. Assim, a condição humana do sujeito que estuda fica pressuposta, mas não como um impeditivo ético ou de “rigor”, porém como mais um aspecto a ser considerado na análise e formulação científicas nas ciências humanas.

Vale lembrar também que a maneira de tratar essas conexões precisa de um referencial teórico por que é necessário ser compreendido quanto aos resultados. Porém, não é apenas no sentido de comunicar a outras pessoas aquilo que se descobre por meio da pesquisa. É preciso tornar comunicável as implicações relativas aos elementos não humanos articulados ao domínio de práticas específico e também a materialização de configurações anteriores na configuração atual de relações entre pessoas, coisas e discursos.

Isso porque há uma história que expressa e cria um padrão de como as pessoas interagem e podem interagir umas com as outras e também condicionantes, que se

materializam nos corpos dessas pessoas de diferentes formas e que também se materializam em coisas criadas pelos humanos ou não. Não interessa a essa perspectiva se há ou não e como funciona uma certa instância interna em oposição ao que é externo, com maior ou menor profundidade. Isso porque os pensamentos, as crenças e as ações; bem seus motivos, seus dispositivos e suas condições seriam empiricamente rastreáveis.

Para evitar que essa afirmação gere um salto e crie lacunas quanto aos argumentos do debate, cabe introduzir algumas noções que podem ajudar a ir além da caixa preta do “eu profundo”, do inconsciente, do impenetrável e caótico foro íntimo, da complexidade irreduzível e inexprimível das subjetividades dos indivíduos. Também permite superar tomar como dado aquilo que os indivíduos “representam” sobre si mesmos ou sobre os outros.

Mas cabe a ressalva de que o presente trabalho é resultado de uma pesquisa sociológica, vinculada a uma instituição e a um grupo de pessoas com uma história e um modo de estudar específicos. Logo, há algumas condições para que a dissertação se desenvolva, cabendo destacar aqui o foco nos humanos e suas práticas. Assim, é dessa situação que parto para elaborar, brevemente a precisão conceitual e a busca pela fundamentação empírica pela qual desenvolvo o estudo da relação entre empreendedorismo e pessoas: de um estudo sociológico.

Assim, o empreendedorismo *startup* aqui é entendido como um conjunto de proposições discursivas científicas e não científicas, com um histórico de entendimento e que se relaciona com diferentes ações de pessoas articuladas entre si e com elementos não humanos. O empreendedorismo também seria um domínio de práticas, parte de uma rede que integra elementos humanos e não humanos se implicando mutuamente.

Dentre as várias conexões possíveis de servir como chave de entrada para um entendimento sociológico do tema, o conceito de personalidade parece promissor, mas não aquele já desenvolvido na psicologia. Aqui se propõe a experimentação sociológica do conceito de personalidade. A seguir, são discutidos os fundamentos teóricos e a maneira com que esse conceito pode ser construído.

### 3 UM EXPERIMENTO SOCIOLÓGICO DO CONCEITO DE PERSONALIDADE

Como se forma socialmente a personalidade empreendedora de pessoas que desenvolvem negócios no modelo *startup*? Essa é a questão que instigou a pesquisa, mas que também envolve outras concernentes a um nível mais abstrato de reflexão sobre a personalidade na própria sociologia, como o dilema da predominância ou da agência, ou da estruturam na ação social; considerações estas se situam na rediscussão de algumas distribuições de objetos de investigação entre áreas como a sociologia, a antropologia e, principalmente, a psicologia.

A própria noção de personalidade não é novidade na sociologia. Na verdade, até 1930 era frequentemente utilizada, mas foi caindo em desuso a partir da segunda metade do século XX, quando passou a ser quase que exclusividade dos especialistas da psicologia e, na sociologia, foi substituído por ideias como a de **papel social** (JACOBS, 2017). Jacobs segue a discussão de como o conceito de personalidade gradativamente foi suplantado pelo de papel, retomando a reflexão feita por Park e Burgess (1921 apud JACOBS, 2017) para quem a etimologia da palavra personalidade remete ao termo latino “*persona*”, uma máscara utilizada por atores, sugerindo que ela se fundamenta no papel do indivíduo em seu grupo social.

O papel então seria produto da personalidade e se a personalidade diz respeito aos estados mentais dos indivíduos e o papel às expectativas sobre o que ser e o que fazer dos agentes nos grupos sociais, então personalidade caberia à psicologia e papel, à sociologia. Mas as contribuições de Bernard Lahire (2005) abrem caminho para retomar o debate da personalidade noutros termos, pois demonstram o quanto os processos da intimidade e a própria sensação de foro íntimo dizem respeito a elementos que são a um só tempo individuais e coletivos.

Ademais, é preciso considerar que não apenas as pessoas, mas também as coisas entram no jogo da construção das mentalidades e personalidades individuais, e tudo isso se articula a relatos, científicos ou não, sobre essa realidade. Trata-se de uma rede de articulações sucessivas se reagregando continuamente nos termos de Latour (2012). Por isso que é válido destacar o papel das formulações psicológicas sobre o tema. Começando por Nikolas Rose (2008), para quem a psicologia se origina como uma tecnologia de individualização, ou seja, de administração racional do comportamento das pessoas e não como um campo profissional ou disciplina acadêmica.

O empreendimento que se atribuiu à psicologia foi o de conhecer a natureza humana para controlá-la de modo adequado. Inicialmente, com o conceito-chave de “atitude”. Posteriormente também o de opinião e, por conseguinte, opinião pública (ROSE, 2008). Mas

as ciências sociais não apenas descrevem tais aspectos, elas também criam novas relações e novas formas de entender e pensar o mundo e a si mesmo. Assim sendo, os cidadãos agora passam a ter “atitudes” discutíveis, **justificáveis**, controláveis e mutáveis; e têm também opiniões. No entanto, Rose (2008) traz um debate fundamental: o papel que os testes psicológicos e que a psicométrica desempenharam em “encontrar verdades sobre problemas mentais” (idem, p. 157).

“A ideia central aqui foi que a psicologia se moveu, no final do século XIX, da tecnologia investigativa do experimento para a tecnologia julgadora do teste. O teste é um novo tipo de exame que não é clínico nem pedagógico, como em exames de qualificação para universidades ou para serviços públicos; é na verdade modelado para relacionar uma pontuação a um indivíduo. O teste é uma maneira de materializar a mente, é parte de uma mudança maior na individualização, partindo de um olhar focado no corpo para um olhar focado em um espaço interior” (ROSE, 2008, p. 157).

Expressão disso se observa no papel estratégico dos famigerados testes de personalidade que se difundem nas redes sociais. Eles são, na verdade, formas de se obter informações importantes sobre as pessoas e usar esses dados para promover comportamentos geralmente voltados ao consumo, mas também à formação de disposições de crença e ação. Exemplo típico é o escândalo da *Cambridge Analytica* no caso das eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos e no *Brexit*, na Inglaterra (BBC, 2018; MENDONÇA, 2018).

Além disso, outra direção que as abordagens psicológicas tomaram foi a de inventar o grupo como um campo a ser estudado e como intermédio entre o indivíduo e a população, o que ocorreu por volta de 1930, tendo por foco a fábrica (ROSE, 2008, p. 161). Desse modo, as atitudes, os sentimentos, as crenças ou o senso de coesão das pessoas eram estudadas a partir dos grupos onde tais elementos se manifestavam. Mas o grupo teve seu apogeu e em seguida a noção de empresa congregava questões referentes a várias práticas, desde as aspirações do governo à subjetividade do indivíduo.

É nesse sentido que Rose (2008, p. 162) vai dizer que “a empresa forjou um novo *link* entre as maneiras pelas quais somos governados por outros e as maneiras pelas quais devemos nos governar”. Emerge então a ideia de um “*Self Empreendedor*”, que reduz uma série de problemas da vida prática e em sociedade a questões de iniciativa e atitude.

“A orientação dos *selves* não era mais dependente da autoridade da religião ou moralidade tradicional; estava alocada a especialistas da ‘subjetividade’ que transfiguram questões existenciais sobre o propósito da vida e o significado do sofrimento em questões técnicas, em maneiras mais efetivas de se administrar o mal funcionamento e melhorar a qualidade de vida” (ROSE, 2008, p. 157).

Mas aqui cabe o questionamento sobre quem diz quem é ou não um especialista. Rose defende que a autoridade da moral religiosa não exercia um controle ou condicionamento estrito da orientação dos *selves*. Mas se ele chega a essa conclusão pelo fato de que as

instituições religiosas não monopolizam a constituição da visão de mundo das pessoas, a contribuição desse argumento se vê bastante limitada. As práticas que envolvem algum senso de transcendência ou espiritualidade não desaparecem, mas passam por metamorfoses de modo que a própria figura do especialista não necessariamente remete a um cientista, mas também a “gurus” do empreendedorismo e influenciadores nas redes sociais, por exemplo.

Rose também sugere que atualmente, porém, o “*self* psicológico profundo”, entendido como o inconsciente, o interior, “o depósito de nossas vidas” tem se achatado em decorrência de estudos como os da neurociência e psiquiatria biológica, que têm identificado o cérebro como o depósito do que antes era atribuído à mente. Mas a medida em que a “neurobiologia” ocupa espaços nos sistemas de governo, práticas de regulação e regimes éticos, na visão do autor, ela tenderá a se tornar uma ciência social.

### 3.1 PERSONALIDADE COMO ESSÊNCIA INTANGÍVEL OU COMO MATERIALIDADE RASTREÁVEL?

Há sentido no argumento de Nikolas Rose, tendo em vista que mesmo a anatomia do cérebro varia a depender da cultura na qual vive o indivíduo; ao mesmo tempo em que essa mesma anatomia condiciona, em certa medida, uma série de modos de agir, pensar e sentir desse indivíduo (Ingold, 2011). Esse debate é caro às reflexões sobre o processo de automatização da mente e da inteligência e sobre o quanto isso se relaciona às subjetividades contemporâneas.

Ressalte-se também o processo pelo qual o discurso biológico superou noções como a de vitalismo e adotou abordagens que “maquinaram o ser humano” a um nível bioquímico. Noções como a de informação, código e programa referem-se ao organismo vivo bioquimicamente constituído. Essas noções passam a articular matéria, vida e pensamento (RÉGIS, 2006). Além disso, se na modernidade, a mente era exclusividade do ser humano e o tornava superior a máquinas e animais, sabe-se hoje que “95% das atividades que pensávamos depender de processos da consciência, como razão e inteligência, são realizadas automaticamente” (RÉGIS, 2006, p. 138).

Por um lado, para o *cogito* cartesiano, todo pensamento é pensado, o que implica haver uma “consciência transparente a si mesma, sempre presente a si” garantindo a “reflexividade do ato de pensar” (RÉGIS, 2006, p. 138). Essa racionalidade é prerrogativa do ser humano, de modo que os animais agem como autômatos, não dispendo de código linguístico para declarar o que pensam e agindo em decorrência das reações de seu organismo, não do pensamento. Por outro lado, já na modernidade, esse *cogito* é repensado, pois o ser humano passa a ser

analisado considerando-se suas condições concretas de vida, seu contexto histórico e cultural, e também a natureza como ambiente.

Ao desconhecer a história que é anterior e que condiciona sua existência o sujeito moderno vivencia certo estranhamento consigo mesmo, ao passo em que um desejo que age secretamente possui seu corpo e o determina e seu pensamento está articulado a elementos externos à consciência: “história, corpo e inconsciente (presentes respectivamente nos trabalhos de Marx, Nietzsche e Freud) são campos de saber externos à consciência e que, no entanto, a determinam” (RÉGIS, 2006, p. 139).

A partir da segunda metade do século XX formulam-se concepções como a de que a razão é natureza, pois surge da articulação entre cérebro, corpo e experiências com o ambiente, além do fato de que admite-se que haja processos mentais sem consciência, automatizados, já que a inteligência artificial pode “modelizar ações cognitivas” como as atividades mentais relativas à tomada de decisão e raciocínio lógico-formal.

Daniel Dennet (1996) associa a mente a um instância intencional e a intencionalidade é atribuída também a não humanos. Supondo que existam modos de pensar distintos do humano, infere-se que “todo sistema que exhibe comportamento inteligente age segundo um fim, devendo ser tratado como um sistema intencional” (REGIS, 2006, p. 140). Essa noção de intencionalidade parte de John Searle e se define como a maneira de os estados mentais se dirigirem, se referirem ou serem acerca de objetos e estados de coisas do mundo que são distintos da mente, o que envolve mais do que intenções, mas também emoções e crenças (Idem).

“A consciência surge a partir de uma rede distribuída pelos órgãos, envolvendo corpo, cérebro e suas interações com o meio ambiente. Não há soberania do cérebro sobre os outros órgãos. (...) Dennet defende a existência de inteligência e cognição independentes de consciência de si. A aposta é que existem processos mentais sem sujeito. Os sistemas intencionais permitem falar de agentes atuantes em processos de pensamento, mas não em sujeitos” (REGIS, 2006, p. 141).

Damásio (2000) lida com essa questão a partir de dois pontos-chave: o modo como o cérebro cria padrões mentais, ou a imagem sobre um objeto; e como paralelamente a esse processo, também se desenvolve um *self* no ato de conhecer. Assim, a consciência pode ser entendida como um “fluxo contínuo de padrões mentais” que se associam de diferentes maneiras a vários objetos (RÉGIS, 2006, 143). Assim, haveria dois fenômenos relativos à consciência. Um deles se refere ao presente contínuo e a um lugar, ou ao aqui e agora. Trata-se da consciência central. Mas há também o processo da consciência ampliada, que...

“(...) possui muitos níveis e graus, fornecendo ao organismo um complexo sentido de *self*: uma identidade e uma pessoa, você ou eu. Situa essa pessoa em um ponto histórico individual, ricamente ciente do passado vivido e do futuro antevisto e profundamente conhecedora do mundo além deste ponto (RÉGIS, 2006, 143)”.

Nesse sentido, a consciência central é simples e possui um único nível de organização que é estável ao longo da vida do indivíduo. Já a ampliada é um “fenômeno biológico complexo” e que evolui ao longo da vida do indivíduo. A cada um dos processos de consciência também corresponde um *self*, que é constantemente recriado quando da interação entre o cérebro e um objeto. Mas **à consciência ampliada corresponde um *self* que é autobiográfico**. Assim, para conhecer a personalidade de um indivíduo há de se atentar para suas *conexões atuais com pessoas, coisas, discursos e lugares*; mas também ao seu histórico e sua *autobiografia*.

Mas aqui se faz necessário desenvolver melhor o argumento da antropólogo Tim Ingold que foi citado no começo deste capítulo. Esse autor propõe a indissociabilidade entre o organismo e o ambiente, que formam uma totalidade. Segundo sua visão, há uma sinergia entre cultura e natureza, ou seja, entre pessoas e organismos. No processo da vida, é dessa sinergia que emerge a ação e a consciência (INGOLD, 1991, 2000).

Para o autor, as capacidades de pensar e agir surgem como propriedades emergentes de todo um sistema de desenvolvimento constituído por meio da **disposição** da pessoa para estar, desde o princípio, dentro de um campo de relacionamentos com o mundo e com outras pessoas (INGOLD, 2003, p. 20 apud SILVA, 2011 grifo meu).

Nesse ponto, Ingold coaduna com Latour (2012), sobre a necessidade de superação da dicotomia que originalmente remete a nós (ocidentais) e eles (orientais) do ponto de vista “externo” aos esquemas teóricos, e à natureza e cultura do ponto de vista “interno”. Essa perspectiva, de modo geral, não é exclusiva de Ingold e se atrela a um movimento que sugere a reunião das ciências da informação, inteligência artificial, ciências físico-químicas e biológicas e alguns ramos das “ciências do comportamento” para constituir a “ciência cognitiva” (INGOLD, 2000).

Esse empreendimento parte da rediscussão do dilema sobre a separação entre corpo e alma e ganhou novo impulso com a “descoberta da lógica dos **dispositivos** de tratamento da informação, que permitiram compreender ‘como uma matéria pode pensar’ (SPERBER, 1992). Por meio de “noções como experiência e engajamento no mundo” Ingold se propõe a superar a querela entre a perspectiva do “universalismo acessível pelos dispositivos mentais” e a submissão ou negação “desses dispositivos a recortes diversos de singularização e atualização” (Idem).

Para Ingold (1991) o debate tem se desenvolvido pensando o conceito de pessoa a partir de três elementos: o ser humano vai além de sua condição biológica, apesar de seu organismo ser tão biológico quanto o de qualquer outro animal não humano; mas o ser humano se

desenvolve como pessoa por meio do processo de socialização; já os não humanos têm suas possibilidades de ser restritas à constituição genética.

Quanto aos seres humanos, que são em parte organismo, dispõem também da possibilidade de adquirir uma **personalidade**, ou “*personhood*”, nos termos de Ingold (1991), sendo a parte orgânica apenas pré-requisito de um “programa de aprender” – “*programmed to learn*” – que, por sua vez, corresponde a sua personalidade (INGOLD, 1991, p. 359). Assim, o autor se opõe a uma tradição de pensamento cujas origens remetem a Marcel Mauss, que na visão de Ingold pressupõe um *self* “como *locus* da experiência individual, mas cuja forma e significado são dadas pela estrutura moral da sociedade” (SILVA, 2011, p. 365).

Ingold (1991) propõe então a pessoa como sendo não o *self locus*, da intimidade constrangida pelo que lhe é externo. Em vez disso, seria o “*focus*” de agência e experiência num campo inteiramente relacional. Desse modo, tornar-se pessoa é se tornar-se organismo; de modo que a aprendizagem não remete à recepção do externo nem da aquisição de um esquema construído reproduzível e atualizável. A aprendizagem é um processo prático que não se separa do fazer por meio do engajamento, uma educação da atenção.

Mais do que ser socializado ou “enculturado”, aprender é se tornar apto e experiente. “O padrão de relações sociais da pessoa torna-se, assim, incorporado na estrutura de seu sistema perceptivo, como uma sedimentação de uma história passada, de envolvimento interativo mútuo e direto” (INGOLD, 2000). Daí, Ingold sugere a noção de socialidade, como potencial gerador de um campo relacional onde todo ser humano cresce a partir do engajamento no mundo, mais do que da separação desse mundo. “Tornar-se uma pessoa é, então, reunir relações sociais na estrutura de consciência” (SILVA, 2011 p. 368).

Essa perspectiva entende o comportamento social como consequência do agenciamento do organismo no ambiente, não pela cultura, nem pelos genes. Isso também significa que as pessoas podem interagir entre si a partir da experiência perceptiva anterior à objetivação da experiência em linguagem ou representações coletivas, ou mesmo acordos verbais. A socialidade assim, pode ocorrer independentemente de uma linguagem de qualquer tipo ou de autoconsciência atrelada à linguagem.

A visão de Ingold é, sem dúvidas, promissora. Mas a possibilidade de fundamentar empiricamente suas alegações soam como um convite às discussões sobre vida e cultura. Do ponto de vista do debate aqui desenvolvido, vale destacar o esforço em superar a dicotomia entre mente e corpo, natureza e cultura e apresentar uma alternativa de discutir *a personalidade como materialidade em contínua constituição e não como uma essência abstrata e intangível*. Ainda assim, cabe destacar, mais uma vez a noção de **disposição e**

**dispositivo** que é frequentemente usada como algo que impulse ou condicione (torne possível e material) a agência e a “performance” dessa pessoa/organismo.

Assim sendo, para entender a construção da personalidade empreendedora *startup*er deve-se atentar e seguir a rede de pessoas, coisas, discursos e lugares, a interação entre humanos e não humanos. Essas interações forjam associações provisórias com elementos perfeitamente rastreáveis no plano material e essas redes também dispõem de um histórico que concretiza arranjos mais estabilizados. Exemplo disso é o quanto os padrões mentais do que é vivido apresenta manifestações derivadas da interação entre o cérebro, o corpo, as outras pessoas, as coisas e os lugares; mas também com padrões mentais que se conectam à experiência vivida no passado.

E é aqui que a ideia de disposições ganha sentido, possíveis de serem empiricamente tratadas, pois remetem a padrões de ação, pensamento, sentimento e crença orientadas para “quadros socializadores”, ou seja, vivas, no pleno fluxo da experiência. Dessa maneira, nenhum dos elementos do campo relacional, nos termos de Ingold (1991) ou da rede nos termos de Latour (2012) devem ser tratados isoladamente como uma coisa em si, sejam os discursos que justificam, orientam, normatizam e descrevem a personalidade e o empreendedorismo *startup*; sejam os empreendedores e suas composições autobiográficas, seus corpos e mentes; seja o conjunto de objetos que compõem os elementos não humanos da rede de atores do empreendedorismo. Mas as análises das entrevistas mostram que é nas *articulações entre eles e suas controvérsias que se revela “o social”* da formação de personalidades.

### 3.2 A INSTÂNCIA SOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DA PERSONALIDADE

Mas do ponto de vista da sociologia, como a personalidade pode ser assimilada, considerando-se os desdobramentos teóricos sobre dilemas fundamentais, como o dilema “agência *versus* estrutura”? Como já discutido, o termo *personalidade* caiu em desuso desde os anos 1930. No entanto, vale questionar se de lá pra cá as tradições teóricas em sociologia apresentam algum aporte que torne possível a interlocução inteligível (no sentido de poder nomear) processos estudados a partir do conceito de personalidade?

Não haveria espaço aqui para discutir todo o desenvolvimento de mais de 80 anos de pesquisas empíricas e discussões teóricas na sociologia. No entanto, desde a contextualização do tema, na introdução desse trabalho, bem como no tópico acima quando se discutem as propostas de superação de dicotomias entre corpo e mente, a preocupação com a dimensão prática do comportamento social é uma constante. Ademais, com frequência, a noção de

dispositivo e de disposição são mencionadas para se referir à dimensão do motivo, causa, ou razão da ação; mas não como determinação primeira, ou causa absoluta.

Boltanski fala da tentativa das instituições em promover mudanças de disposição para ação em seus funcionários por meio de discursos vinculados a regimes de justificação e crítica. Ingold fala no engajamento no mundo como o “estar disposto” e no papel dos dispositivos mentais da informação em revelar como a “matéria pode pensar”. O que há de comum aqui é o aspecto mediato do dispositivo em articular ação, percepção e cognição como processos. Há de se considerar também o fator temporal, já que há um histórico de relações que são incorporados pelas pessoas, no sentido de que seu padrão de relações se torna corpo/organismo.

Pierre Bourdieu desenvolveu uma teoria que alegadamente se preocupa em resolver a cisão entre a dimensão objetiva e a subjetiva das práticas humanas em sociedade e lida com os **dispositivos** como noção fundamental: pois é a dimensão simbólica incorporada que dispõe as pessoas a se comportarem de formas específicas e vinculadas às suas condições de vida, mas não determinando mecanicamente as ações, as crenças e pensamentos. Por meio do conceito de *habitus*, Bourdieu media condicionantes sociais e a subjetividade das pessoas (Setton, 2002):

(...) um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (Bourdieu, 1983, p. 65)

Desse modo, a teoria disposicional da ação em Bourdieu lida com algumas dimensões básicas: percepção, reflexão e ação. Isso porque o *habitus* é infraconsciente e não depende da autopercepção. Trata-se de um esquema de ação na qual as regras do jogo e a dinâmica do campo de ação são tacitamente reconhecidas, independentemente de cálculo, sendo um “princípio de conhecimento sem consciência, uma intencionalidade sem intenção” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 34)

O *habitus* funciona como esquema de ação, de percepção, de reflexão. Presente no corpo (gestos, posturas) e na mente (formas de ver, de classificar) da coletividade inscrita em um campo, automatiza as escolhas e as ações em um campo dado, “economiza” o cálculo e a reflexão. O *habitus* é o produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação entre essas experiências. Uma espécie de programa, no sentido da informática, que todos nós carregamos (Idem).

Ora, desse ponto de vista, Bourdieu seria herdeiro da tradição de pensamento francesa que desenvolve a ideia de uma origem social da cognição humana. Aquela mesma tradição criticada por Tim Ingold, que toma a **personalidade como programa cognitivo**. Sem a pretensão de assumir como mais correta a perspectiva de um ou de outro, pode-se trabalhar

com os limites e possibilidades do que as proposições de cada um deles pode oferecer para o estudo sociológico.

Um dos autores que atenta para certos limites das formulações de Bourdieu é Bernard Lahire. Mas esse autor faz isso sem abrir mão da potencialidade da sociologia disposicionalista. A crítica que ele tece é mais propositiva que contestatória e sua preocupação é com a validade empírica de alguns argumentos. A instância sociológica do estudo da personalidade que se desenvolve nessa dissertação se baseia, principalmente, em Bernard Lahire (1997, 2004, 2005, 2011, 2015) e Bruno Latour (2012, 2001), cuja ligação se evidenciará ao final deste tópico.

Quanto a Lahire, sua sociologia à escala individual considera que a socialização ao longo da vida ocorre em contextos e momentos diferentes, resultando em **disposições** de agir, pensar e crer com diferentes “graus de fixação e força”. Estas disposições podem ser mais ou menos heterogêneas e não se deve confundir a incorporação duradoura de uma disposição ou competência com a vontade e a apetência, ou com as condições de praticá-la. Mas aqui temos um ponto de partida que pode ser desenvolvido ou até diluído com base nos desdobramentos que as análises do material empírico podem proporcionar.

O próprio Lahire acredita que é o ponto de vista que define o objeto e não o oposto, o que implica em lançar mão de procedimentos adequados à especificidade do que se pretende estudar, se grupos sociais ou se indivíduos. Desse modo, considerando o caráter heterogêneo e atualizável da socialização, deve-se “ultrapassar a simples invocação ritual do passado incorporado, tomando por objeto a constituição social e as modalidades de atualização desse passado” (LAHIRE, 2005 p.17) para superar argumentações “meramente retóricas” e pôr em prática uma sociologia disposicional empiricamente fundamentada.

Mas essa heterogeneidade da socialização, do ponto de vista do que as análises empíricas descritas mais adiante têm demonstrado, envolve mais do que relações entre pessoas, realçando-se o papel de objetos materiais ou simbólicos; de entidades não humanas; e também de lugares ou espaços materiais constituídos de relações entre humanos e não humanos. No caso específico dos empreendedores *startupers*, a relação com os artefatos tecnológicos, por exemplo, exerce um papel fundamental na formação das personalidades.

Além disso, essa formação não deve remeter a uma ideia de fechamento ou a de fabricação de um produto acabado, mas a um processo incessante de construção de múltiplas e sucessivas conexões entre pessoas e coisas. Por esse motivo, mostrou-se oportuno lançar mão de conceitos oriundos de quadros de referência para além da sociologia disposicionalista,

como os de Latour, que permitem, no entanto, incrementar a fundamentação às análises empíricas do estudo.

Ainda sobre Lahire, a questão das “ilusões” que os indivíduos têm sobre si mesmos deve ser levada em conta. Isso por que a observação empírica das práticas sociais permite perceber contradições entre o que as pessoas dizem que fazem e o que elas realmente fazem. Mas tal ponto pode ser explicado para além de quaisquer acepções moralistas ou mecanicistas, quando se considera que em nossas sociedades as pessoas podem “incorporar crenças (...) sem ter os meios (materiais e/ou disposicionais) para as respeitar, concretizar, atingir ou cumprir” (LAHIRE, 2005, p.18).

Nesse sentido, há contradições outras que podem ser percebidas com uma escuta atenta a uma entrevista aberta e em profundidade, como a de um entrevistado que diz que seu trabalho é todo baseado em fontes gratuitas; mas que alegadamente investiu num momento crucial de sua formação como programador na compra de livros. Essa contradição não necessariamente remete a uma ilusão. Ela na verdade é reveladora de uma percepção sobre o que se considera uma fonte de informação e dados para se trabalhar: algum *site* da *internet* que disponha de um banco de dados aberto. Ela revela também o papel de diferentes objetos (livros em brochura e *blogs* ou *sites*) na constituição das maneiras de pensar e agir.

O que se destaca é que Lahire reconhece o papel que os diferentes quadros socializadores exercem nas pessoas ao longo de suas trajetórias e nas diferentes situações de socialização. É evidente que a família exerce monopólio na socialização “primitiva”, por exemplo, mas a fixação disposicional gerada aí não é definitiva. Mudanças na vida do indivíduo podem levá-lo a desejar se livrar de certas condutas e hábitos, por isso que o papel dos contextos extra familiares não podem, de modo algum, ser desconsiderados. E isso principalmente porque a socialização nesses contextos tem sido cada vez mais precoce e podem exercer papel fundamental na construção de uma personalidade empreendedora (LAHIRE, 2015).

Não obstante, algumas distinções conceituais básicas devem ser trazidas à baila, pois as categorias *quadros*, *modalidades*, *tempo* e *efeitos* tipificam processos fundamentais segundo a abordagem proposta por Lahire. Ao falar de “quadros” (*cádras*), ele se refere às instituições sociais; por “modalidades” designa “maneiras e formas de agir”; e os “efeitos” se referem às “disposições para agir, sentir e pensar”. A precisão desses termos e seu uso ao longo de todo o processo em estudo evita incorrer no que ele chama “retóricas vazias” (LAHIRE, 2015).

A propósito, o que de original as proposições de Lahire apresentam, segundo ele próprio em entrevista dada à revista *Educação e Pesquisa* (2004) tem a ver com...

“uma nova maneira de pensar o mundo social segundo uma escala individual, ou seja, levando sistematicamente em conta as variações interindividuais e intra-individuais dos comportamentos. Minhas próprias interrogações são originárias da superação crítica (empírica e teórica) da teoria do *habitus*” (p. 317).

A referida superação decorre da descoberta, pelo viés empírico, da particularidade ou até excepcionalidade “nas sociedades diferenciadas” do *habitus* tal como definido por Bourdieu, apreendido por Lahire como um patrimônio individual de disposições (Idem, p. 206). Daí que as noções de pluralidade e heterogeneidade serem de grande importância e transpassarem toda a obra de Lahire. O argumento do autor é o da inviabilidade de entender o *habitus* como um sistema disposicional homogêneo, geral, permanente e transferível para diferentes situações, pois isso não se observa empiricamente nos agentes das sociedades contemporâneas (LAHIRE, 2002).

Além disso, Lahire reconhece o papel que os diferentes quadros socializadores exercem nas pessoas ao longo de suas trajetórias e nos diferentes contextos de socialização. Na socialização primitiva, como já mencionando, a família não fixa um padrão definitivo, mas exerceria “um papel de filtro” com relação a demais socializadores, “realizando um trabalho, imperceptível, porém permanente, de interpretação e de julgamento sobre todos os domínios da vida social” (LAHIRE, 2015, p. 1398).

Mais ainda, em relação ao poder da socialização secundária em surtir efeitos na construção da “personalidade cultural” (termo utilizado pelo autor), baseando-se nas contribuições de Singly (1993 apud LAHIRE, 2005, p. 22) para o caso da leitura, Lahire coloca que as competências duradouramente incorporadas são condições necessárias, porém não suficientes para gerar sistematicamente certas ações. Mudanças na vida do indivíduo podem levá-lo a desejar se livrar de certas condutas e hábitos, por isso que o papel dos contextos extra familiares não podem, de modo algum, ser desconsiderados, em especial porque a socialização nesses contextos tem sido cada vez mais precoce e podem exercer papel fundamental na construção de uma personalidade empreendedora (LAHIRE, 2015).

Por essa razão, o autor defende a necessidade de “distinguir claramente as disposições favoráveis à entrada em uma carreira das que são especificamente constituídas no novo contexto de ação em questão” e que “as socializações secundárias podem recolocar mais ou menos profundamente em questão o papel central da socialização familiar”. (Idem, p. 1400-1401). Assim, seja no tratamento empírico do papel que a família exerce e dos processos de socialização heterogêneas de demais socializadores, Lahire constata que:

“A avaliação subjetiva das perspectivas de alcançar esta ou aquela posição social, estes ou aqueles recursos materiais ou simbólicos, nada tem de cálculo consciente, e não se apresenta também de forma clara, como a resolução de um problema de probabilidade. (...) Os atores são, assim, muitas vezes mais ‘razoáveis’ sem terem necessidade de implementar uma razão de tipo lógico ou calculista. Eles convencem-se mais do que raciocinam” (LAHIRE, 2011, p. 14).

Com isso, limitar a análise do social às representações que os atores fazem de si mesmos parece pouco proveitoso no sentido da execução de uma sociologia empírica, capaz de identificar as múltiplas contradições e heterogeneidade da vida social. Além disso, ao considerarmos a acuidade em relação à escala de análise é possível entender algumas nuances intra-classes, por exemplo, manifestas nas variações individuais, que contradizem modelos ideais-típicos homogeneizantes do social (Lahire, 2005, p. 29). Assim, a própria visão de uma personalidade homogênea pode ser questionada, como expressões do tipo “personalidade forte”. Dada a diversidade de disposições para ação a depender do contexto, uma mesma pessoa pode ter uma personalidade “forte” e “fraca”.

Mesmo com relação ao papel das instituições (inclusive as organizações nas quais os indivíduos são socializados e contribuem para sua transformação), Lahire sugere assumir uma noção relacional de construção da personalidade:

“[quanto à] construção da personalidade cultural [do indivíduo] (...) ele não reproduz necessária e diretamente os modos de agir de seu entorno, mas encontra a sua própria modalidade de comportamento em função da configuração na qual ele se vê inserido. Suas ações são reações que ‘se apoiam’ de modo relacional nas ações dos diferentes agentes da constelação social que, sem o saber, circunscrevem, traçam espaços de comportamentos e representações possíveis para ele” (p. 321).

Parafraseando Marx, Lahire fala da confusão que se faz entre “a lógica das coisas e as coisas da lógica” (p. 35) para tratar da dificuldade que a sociologia à escala individual encontra com abordagens ideias-típicas. Segundo ele, estas abordagens tendem para uma visão homogeneizante e menos atenta às variações e ambivalências do social e dos indivíduos. Também destaca que não se deve tomar os termos correntes no senso comum como termos sociológicos.

“Antes de tudo, sentimentos de solidão, de incompreensão, de frustração, de mal-estar, podem ser fruto desta (inevitável) distância entre o que o mundo social nos permite exprimir objetivamente num determinado momento do tempo e o que ele colocou em nós ao longo de nossa socialização passada (...) Essa situação é favorável ao reforço da ilusão da existência de um foro interior ou de um eu íntimo (autêntico) independente de qualquer quadro social, quando é precisamente o desfasamento ou a disjunção entre o que o social colocou em nós e o que ele nos oferece como possibilidade de acionamento das novas diversas disposições e capacidades em tal ou tal momento do tempo que está na origem de um tal sentimento. Mas, em sentido contrário, podem ser produzidas situações de crise pelas múltiplas situações de desajustamento, de separação entre o que nós incorporamos e o que as situações exigem de nós. Trata-se então de crises do vínculo de cumplicidade ou de convivência ontológica entre o passado e feito corpo e a nova situação. Por fim, não tendo o dom da ubiquidade, o indivíduo pode sofrer por causa da multiplicidade de investimentos sociais que se lhe apresentam e que podem acabar por entrar em concorrência, ou mesmo em contradição.” (p. 38)

Também cabe destacar a importância da noção de “retrato sociológico” (LAHIRE, 2004). Isso porque trata-se de um conceito que possibilita apreender microgrupos ou indivíduos como implicados por uma “combinação singular de uma multitude de propriedades sociais” (AMÂNDIO, 2012, p. 200). Por meio deste conceito o sociólogo pode identificar os laços que ligam os indivíduos aos seus diferentes quadros de socialização, onde a pessoa construiu aquilo que é, por meio de maneiras de agir, pensar e sentir.

O conceito de “retratos sociológicos” permitirá o uso experimental da noção de personalidade, atribuindo-lhe um novo sentido de unidade entre singular e plural, entre particular e social, individual e coletivo. É por meio do conceito de retratos sociológicos que se operará a reconstituição da trajetória de formação subjetiva das personalidades empreendedoras do ponto de vista sociológico. Para Lahire, é fundamental que a sociologia se esforce para demonstrar que o social também está presente nos traços mais íntimos e particulares e não somente no que se refere ao “coletivo ou geral”. Com isso, pode-se desconstruir o que o autor chama de “um dos grandes mitos contemporâneos”, o de que o “lugar de nossa liberdade” se encontra no indivíduo, no “foro interior”, ou na subjetividade (LAHIRE, 2005, p. 36).

Para Lahire (2004, pp. 334-335) as disposições podem ser formadas em três grandes modalidades da socialização: por treinamento ou prática direta; por efeito difuso de uma situação que reafirma de modo contínuo e na prática, no espaço e em **dispositivos** não discursivos certas disposições; e por inculcação ideológico-simbólica de crenças. Antes de partir para a perspectiva teórica de Latour, cabe dizer que a frequência com que os termos “disposição” e “dispositivos” aparecem sugere uma demanda por definição mais acurada. O tópico imediatamente depois desse se esforça em apresentar essa definição.

Por ora, cabe continuar a desenvolver as noções e argumentos do que corresponde ao “núcleo duro” da perspectiva teórica da dissertação, partindo agora para Bruno Latour (2012), que assim como Lahire, trabalha com a ideia de desdobrar o social. Para tanto, seu projeto de estudo científico se propõe a superar a dicotomia entre o discurso sobre as coisas e o discurso sobre os homens, reflexo da aceção dicotômica entre a natureza como transcendente e concernente às “coisas-em-si”; e a sociedade de “homens-entre-si”. Para tanto, é necessário empreender o esforço de seguir as redes que são reais, narradas e coletivas, assim como a natureza, o discurso e a sociedade.

Essa rede permite construir o coletivo, pois liga os homens e as coisas e pode ser desdobrada por meio dos híbridos, que nada mais são do que “humanos e não humanos inteiramente conectados e em contínua mobilidade e ação, performando múltiplas realidades”

GONZALES; BAUM, 2013, p. 146). É pelo grau de inserção e conexões estabelecidas na rede que esses híbridos, bem construídos, ganham certa independência, de modo que “construção social” e “realidade” passam a ser sinônimos.

Emerge então uma nova teoria da ação, onde o trabalho do cientista é o de construir situações nas quais o não humano possa agir. Isso significa que, na rede, há certa reciprocidade ou simetria na relação entre humanos e não humanos, já que “o pensamento é apreendido, modificado, alterado, possuído por entidades não-humanas que, por seu turno, dada essa oportunidade pelo trabalho dos cientistas, alteram suas trajetórias, seus destinos, suas histórias” (LATOUR, 2001, p. 323 apud GONZALES; BAUM, 2013, p. 147).

Mas o que e como estudaria o cientista social? Para Latour seria o contínuo processo de articulação dos atores em rede que formam o coletivo. Desse modo, esse coletivo não seria um princípio, ou ponto de partida, nem mesmo apresenta uma natureza homogênea. Do mesmo modo, o social como objeto de estudo não seria nem uma esfera de vida, nem uma totalidade envolvente, menos ainda os resíduos do que outras disciplinas científicas não conseguem dar conta. O social seria o fluxo contínuo de reassociações, de reagregação entre entes que não são sociais em essência (LATOUR, 2012).

Por esse motivo, as controvérsias, os elementos que se dispersam e reassociam constantemente e que escapam ao enquadramento num ou noutro domínio específico, alimentam a busca pelo entendimento “do social”. As controvérsias, ou incertezas seriam, então, os meios de se fazer a ciência social. Há cinco maneiras de se alimentar delas: primeiro, é necessário entender que não existem grupos, mas formações de grupo; segundo, os atores em rede não são a fonte da ação, nem há uma força invisível que impele as pessoas a agir, mas um conjunto de entidades em rede, se digladiando em controvérsias e acionando-se mutuamente.

Nesse sentido, o próprio pesquisador integra esta rede, assimilando e também sendo assimilado na agência. Em terceiro lugar, o mundo social se constitui de objetos heterogêneos que se entrelaçam e mediam as mais diferentes relações. Em quarto lugar, o caráter necessariamente social das construções, já que social, diz respeito às conexões permanentemente reagregadoras. Não haveria, pois, fatos acabados, mas a provisoriamente de controvérsias em entidades não estabilizadas.

Em quinto lugar, é necessário entender que o próprio texto como relato científico é mediador. Já que, para Latour (2012), não há oposição entre fabricação ou artificialidade e verdade ou realidade, a objetividade do estudo científico não remete à neutralidade, ou à esterilidade, nem ao fechamento, mas sim ao acompanhamento pormenorizado das

controvérsias do movimento do social. Desse modo, se Latour define o laboratório como um centro de cálculo para onde fluem dados e informações de diferentes relações dos atores em rede, o texto, para o cientista social, seria um laboratório.

É nesse sentido que, de meu ponto de vista, a *autobiografia relatada* é material e situação promissoras de se *experimental empiricamente um conceito social de personalidade*. Essa experimentação tem diferentes momentos: a autocomposição biográfica no ato da entrevista; a escuta dessa entrevista e sua transcrição em texto; a análise pormenorizada desse texto; a relação desse relato autobiográfico com os relatos científicos e teóricos; e a síntese reflexiva do pesquisador.

Ademais, Latour recomenda evitar saltos que obriguem o uso de entidades invisíveis e não rastreáveis, alheias à materialidade. Isso se torna possível com o enfoque às mútuas e múltiplas implicações dos atores em rede, com especial atenção aos não humanos e ao que aparenta o “não social”. Ou seja, não se deve negligenciar as mudanças e trajetórias entre lugares, que são sempre provisórios, o que Latour chama de localizadores, pois preparam e definem o local da ação.

“Agora, um alerta é necessário! Se não conseguimos descrever o cenário local em todos os detalhes que possibilitam a condução dos atores – tanto humanos como não humanos – para ação e recorremos a saltos de um plano a outro, tais como a ‘subjetividade’ ou o que ‘vem do interior’ para explicações interpretativas, então devemos lembrar que as subjetividades, *personalidades* e inconscientes também circulam, assim como o local e o global que se constituem por entidades circulantes. Ou seja, elas também são móveis e indutores para determinados formatos por atores em ação ou entidades circulantes, que melhor seriam se fossem chamados de subjetivadores ou personalizadores” (GONZALES; BAUM, 2013, p. 155, grifo meu).

Esses subjetivadores Latour chama de ‘*psicomorfos*’ e são indutores de habilidades e competências, não sendo inatos, mas externos e identificáveis na sua materialidade. Com isso, é possível conceber um sujeito formado pelo que lhe é externo, ainda que esse exterior não se lhe apresente de modo coercitivo. Trata-se de um sujeito localizado, que não é fonte de iniciativa imanente para agir. Em vez disso, os atores são induzidos a agir por uma vasta rede de implicações mútuas de diversos mediadores.

A personalidade, a partir das contribuições de Latour, pode ser entendida como um conjunto de associações provisórias entre pessoas, coisas e discursos localizados e rastreáveis na sua materialidade. Esse referencial permite aprofundar a dimensão empírica do tratamento experimental ao conceito de personalidade, seguindo a orientação de se manter num determinado plano de análise. Mas isso não pode ser confundido com a redução de todos os elementos que emergem da pesquisa a um único plano. O papel da teoria também é o de

potencializar inferências, criando pontes entre planos sem a necessidade de dar saltos esterilizantes ou diluições retóricas de questões concretas.

Nesse sentido, o corpo dos sujeitos, por exemplo, seus cérebros, também são elementos da rede. Também se constituem de um conjunto de associações provisórias do momento presente e decorrente de um trajeto. Isso revela que a **dimensão tempo** não pode ser esquecida, pois a sucessão de associações provisórias gera uma cadeia de condições e definições para ação; de indutores sem os quais a ação não ocorre, ou ocorre de uma forma completamente diferente. Mas esse trajeto não está para ser revelado como um conjunto de fatos em sequência temporal, mas como construções em fluxo permanente de conexões, revelados quando da composição autobiográfica das pessoas.

É aqui que reside o *link* que se pretende desenvolver entre as redes de atores humanos e não humanos de Bruno Latour e as disposições para agir, sentir, crer e pensar de Bernard Lahire. As disposições implicam um caráter de constante construção ou fabricação, abrangendo controvérsias ou contradições e diferentes graus de força ou fixação, ou de complexidade e solidez de conexões. De fato, há um passado incorporado, porém vivo e em fluxo por meio de disposições. Estas são heterogêneas e, do ponto de vista da ação, estão indissociavelmente vinculadas a um ambiente constituído de coisas, pessoas e discursos.

O conceito de personalidade pareceu promissor para organizar abstratamente a maneira como se configuram os elementos que envolvem o empreendedorismo *startup* como um domínio de práticas de pessoas. No lugar de conceitos como cultura, ou discurso, identidade, ou modelo de ação (como tipo ou como ideal), o conceito de personalidade pode exprimir a dimensão prática dessa constante articulação de elementos humanos e não humanos de uma história de vida e de uma pessoa que age, pensa e sente no presente momento.

Além disso, propor, num discurso científico, a superação de dicotomias a nível de abstração, não implica diretamente na execução de um rearranjo dos campos científicos e seus elementos humanos e não humanos articulados em rede. Digo isso para insistir no fato de que os campos de produção do conhecimento científico estão organizados por disciplinas com demarcações metodológicas e teóricas específicas. Nesse sentido, o conceito de personalidade aqui desenvolvido tem por foco a ação social, já que parte da sociologia, mas levando em conta aspectos que vão além dos seres humanos interagindo entre si. Os procedimentos empíricos, no entanto, que possibilitaram experimentar sociologicamente o conceito de personalidade são descritos no quarto capítulo, e, na sequência, no quinto capítulo procederei à descrição das análises.

Do que foi visto até aqui, algumas coisas devem ser destacadas: a primeira, é de que há uma possibilidade de acessar o social a partir da indivíduo; esse acesso não reduz o social ao individual, mas vê que a instância do social constitui e se expressa no que há de mais íntimo e pessoal; isso não significa que as pessoas são autômatos de elementos sociais, como se tomadas por entidades abstratas ou forças invisíveis que as fizessem sentir, pensar e agir de uma certa maneira; isso por que os sentimentos, pensamentos e ações têm uma dimensão ligada a maneira pela qual alguns elementos estão dispostos numa rede de múltiplas articulações no tempo presente.

Além disso, essa configuração em rede não está fechada ou estabilizada, mas num fluxo contínuo de reagregação e controvérsias. No entanto, os padrões de configuração que convergem para uma pessoa se consolidam em diferentes níveis: no corpo (o passado incorporado) e em dispositivos materiais e discursivos. Isso nos leva à necessidade de desenvolver de modo mais preciso e fundamentado que noção de disposições e de dispositivos é essa por meio da qual se procederá ao experimento sociológico do conceito de personalidade.

### 3.3 DISPOSITIVOS E DISPOSIÇÕES COMO NOÇÕES MEDIADORAS

Bernard Lahire (2008) coloca a noção de disposição como um princípio ou fórmula geral de práticas; ou mesmo como uma abstração que o pesquisador elabora para interpretar uma multiplicidade de **indicadores de atividades humanas**. É certo que a ideia de “princípio” reduz a uma instância acessível algo que parece demasiado caótico e inacessível, para que possa ser compreendido e interpretado. Do mesmo modo qualquer conceito que permita interpretar cientificamente um fenômeno o faz. O problema é que a noção de “princípio” se fecha em si mesma, pois dá a ideia imediata de “início de tudo” ou de “mola propulsora”.

Do meu ponto de vista, trata-se de um procedimento de redução de incertezas demasiado simplificador. Não que a maneira como Lahire desenvolve e opera o conceito de disposição seja reducionista ou careça de qualquer tipo de base empírica. O que estou dizendo é que tomar as disposições como “princípio” ou “fórmula geral” de práticas, ainda que considerando sua heterogeneidade, fecha a discussão a alguns questionamentos de suma importância. Por exemplo, princípio como “impulso primeiro”, “causa primeira” e gatilho, ou como uma margem de maior possibilidade de ocorrência relativa a um padrão objetivado?

Essa percepção de que há uma demanda por precisão quanto ao conceito não concorre com a necessidade de fundamentação empírica. Pelo contrário, longe de ser mero capricho

retórico ou prosaico, a precisão descritiva do que se pretende estudar é fundamental por várias razões, mas principalmente: 1) pela inteligibilidade da interlocução que uma produção científica precisa apresentar, sem a qual meu trabalho não teria qualquer contribuição a oferecer; 2) pela coerência teórica, já que o texto aqui se propõe laboratório sociológico de experimentação exatamente do conceito de personalidade; 3) conceito esse que tem por mediador, inclusive do tratamento empírico, a noção de disposição.

Até aqui, a noção de personalidade assumida na pesquisa foi apresentada de diferentes formas, embora congruentes: como modo de ser, agir, sentir e pensar relativos a um domínio de práticas; como um conjunto de associações provisórias, presentes e historicamente padronizadas, entre pessoas, coisas e discursos, localizados e rastreáveis na sua materialidade e vinculadas a uma pessoa. Essas noções não se confundem com aquelas da psicologia, ou de demais áreas.

No caso da proposta aqui, a personalidade não é um tipo, nem um *status*. Não à toa a noção está sendo experimentada. Mas para entender melhor esse ponto, é fundamental delimitar os sentidos atribuíveis à disposição e aos dispositivos com que a pesquisa operou a análise e as inferências do material empírico. Primeiro, essas noções desempenham um papel mediador também em relação à escala de análise e à tensa apropriação de certos objetos distribuídos tradicionalmente entre áreas como antropologia, psicologia e sociologia, a exemplo da noção de personalidade.

Barreiros (2017) vai falar de “sociologia psicológica” para se referir à perspectiva de Bernard Lahire, alegando que a noção de disposições apresentada por Bourdieu e desenvolvida por Lahire permite uma convergência entre a sociologia e a psicologia, sendo essa noção a que mais tenciona a fronteira entre essas disciplinas. Ele parte da ideia de que o enfoque nas disposições põe em evidência o caminho de se estudar a genealogia das estruturas mentais na formação das categorias de pensamento mais elementares.

Barreiros diz que, com isso, leva a cabo a recomendação de Bourdieu (2001, p. 201) de que “a sociologia e a psicologia deveriam juntar esforços”. O argumento é o de que, ao superar a noção bourdieusiana do *habitus* como unívoco para propor uma sociologia do social individualizado e plural, Lahire promove um avanço nesse sentido. No entanto, seria necessário uma análise sociogenética das estruturas mentais, de modo que as instituições como o Estado exercessem papel fundamental na estruturação da cognição dos agentes sociais.

Na visão desse autor, o conceito de disposições, se bem operado, pode resolver antinomias como a definição do que é objeto psicológico ou sociológico; entre o subjetivo e o objetivo; e o que concerne às estruturas mentais *versus* sociais. Sobre isso, eu acho válido o

esforço de rediscutir as fronteiras entre as disciplinas, visto que esse tensionamento tem se demonstrado imperativo no próprio debate em ciências sociais. No entanto, considero forçoso chamar a sociologia disposicionalista desenvolvida por Lahire de Sociologia Psicológica, pelo menos em definitivo.

O principal motivo pelo qual acho inconsistente essa perspectiva tem que a ver com o fato de que as propostas de resolver as antinomias descritas acima não são novidade alguma e há outras categorias que se propõem a mediar essas e outras dicotomias em sociologia. Como já mencionado, o dilema da predominância entre agência e estrutura tem sido um debate fundamental na sociologia. Ao analisar as chamadas propostas de síntese, aquelas que originalmente se dispõem a superar ou atenuar essas antinomias em sociologia Paulo Soares (1998) tece considerações importantes.

Para Soares (1998, p. 2) Alexander coloca o debate em termos das tradições intelectuais que enfocavam ou na ação, ou na ordem e propõe que não é possível se fundamentar unicamente em conceitos de ação, mas se preocupar com a questão da ordem. As duas respostas frequentes a esse problema seriam o Individualismo e o Coletivismo, que tomam a “sociedade como resultado de negociações e decisões individuais”, ou como realidade em si.

Ressalte-se que para Alexander (1990) a distinção entre os planos micro e macro não é empírica, porém analítica, ou seja, trata-se de uma questão de recorte analítico, de modo que o que pode ser micro num certo nível, pode ser macro noutro. A partir dessa diferenciação o autor propõe “um modelo microempírico de ação (vista interpretação e estratégia) e, nessa base, um modelo microempírico de ordem (onde sociedade, cultura e *personalidade* são concebidas como ambiente imediato da ação” (SOARES, 1998, p. 5).

Além da importância dos aspectos sociais e culturais para a negociação individual, Alexander vai afirmar ser o conceito de personalidade o mais importante: personalidades provêm capacidades diferenciais para interpretação e estratégia (IDEM). Capacidades como as de tipificação, invenção e estratégia fazem parte da própria personalidade dos indivíduos; não se limitando, pois, a categorias de base epistemológicas – ao contrário, são capacidades que mudam historicamente (p.355) (IDEM, p. 7).

Nesse sentido, no pensamento de Alexander tal como apresentado por Soares (1998) a personalidade pode ser pensada como propriedade do indivíduo, expressando suas capacidades vinculadas a sistemas culturais ou simbólicos. Mas além de Alexander, também o já mencionado Bourdieu se preocupou em apresentar uma solução à antinomia entre a agência e a estrutura enfatizando a dimensão simbólica. Para tanto, trabalhou com a noção de disposições que seriam não apenas as normas e padrões incorporados por meio do *habitus*,

mas sendo o *habitus* um *modus operandi*, as disposições seriam também “esquemas generativos” que “presidem a escolha” numa “estrutura estruturante” (IDEM, p. 9).

Para tanto, Bourdieu lança mão de um pensamento relacional a partir de homologias, por meio das quais “se pode apreender ‘um conjunto de posições sociais’ em relação a um ‘conjunto de atividades (...) ou de bens’ que apenas relacionalmente se definem (BOURDIEU, 1996, p. 18). Isso significa que o método analítico empregado por Bourdieu trata das posições sociais relacionadas a disposições incorporadas, ou *habitus*, e com as decisões e práticas dos agentes em diferentes domínios de práticas.

Mas o *habitus* também pode ser pensado como unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes e também como operador de distinções; que são estruturas sociais incorporadas e que, apesar de manifestas subjetivamente não se restringem à dimensão individual, já que vinculadas às posições sociais ocupadas pelos agentes, às suas condições objetivas. Essas condições incluem a desigualdade e as diferenças de posse de capital econômico ou cultural. Dessa forma, o *habitus* como sistema de disposições duráveis é também reproduzidor dessas diferenças tanto mais essas diferenças são desconhecidas (IDEM, p. 10).

Com isso, percebe-se que Bourdieu também lança mão de um pensamento relacional, estando aqui, pelo menos de modo abstrato e superficial, alguma possibilidade de convergência com a proposta de campo relacional proposta em Ingold (1991) e já explanada anteriormente. No entanto, se em Bourdieu esse campo relacional tem a ver com as relações de poder entre pessoas, a partir da distribuição desigual de capitais econômicos e simbólicos, em Ingold também se inclui uma noção de pessoas que são organismos indissociavelmente integradas aos seus ambientes.

Agregando as proposições de Ingold às de Bourdieu por meio de uma perspectiva relacional, a discussão de se tomar os elementos de análise a partir da indissociabilidade entre o social e do individual, também pode superar a dicotomia entre natureza e cultura. Mais ainda, Bourdieu enfatiza a dimensão simbólica da vida social e fala em bens e capitais não apenas econômicos, mas também culturais, simbólicos. Incluir-se-ia, pois, nesse campo relacional, não apenas pessoas agindo, mas também bens materiais e simbólicos. Sem pressa, anteciparei aqui que se tomarmos esses bens como coisas que implicam e são implicadas por pessoas, expande-se em muito a potencialidade analítica dessa proposta relacional.

Por exemplo, com Ingold (1991) viu-se que há elementos não linguísticos, não discursivos, que engajam as pessoas a agirem. Então haveriam elementos discursivos e também não discursivos que, de algum modo, implicariam a ação das pessoas nesse campo

relacional. Se Ingold vai dizer que a anatomia do corpo depende da cultura, Bourdieu diz que a cultura se torna corpo (a incorporação das condições objetivas pelo *habitus*, que se manifesta subjetivamente). Com isso não se pretende resolver tensões que haveria entre a perspectiva de Ingold e a de Bourdieu.

A proposta aqui é a de apontar caminhos pelos quais suas proposições podem ser operadas em conjunto, mas tendo por parâmetro a análise empírica de processos estudados em sociologia. Não para sugerir uma teoria alternativa, mas para operar uma investigação que resulte em inteligibilidade de processos que se pretende entender, de tencionar os limites que a maneira como tradicionalmente esses conceitos são operados têm imposto à pesquisa sociológica. Por exemplo, Bourdieu é criticado por apresentar enfaticamente os mecanismos de reprodução das disposições incorporadas, sem indicar as possibilidades de mudança. Eis um claro e reconhecido limite.

No entanto, no meu entendimento, Bourdieu coloca a dimensão simbólica não como mera referência ou matriz recursiva de um indivíduo que age. O agente não emprega os recursos simbólicos com base em interesses particulares. Seus próprios interesses e escolhas estão vinculados às condições de vida e o seu corpo age a partir de uma posição que ocupa na sociedade e de disposições que o constituem (disposições incorporadas, tornadas corpo). Isso significa que os bens materiais ou simbólicos têm implicação na ação das pessoas e são por elas implicados.

Aqui, há um gancho que pode ser explorado e que pode abrir caminho para uma discussão sobre a mudança. Mas para isso, é preciso pensar na implicação num campo relacional por meio de conceitos que atendam a três condições fundamentais: 1) sejam empiricamente operáveis, ou materialmente rastreáveis; 2) que possibilitem pensar a implicação para além do unidimensional e do unidirecional, ou seja, implicações mútuas entre o material e o simbólico, entre as pessoas e as coisas, entre a mente e o corpo; 3) como consequência, que seja capaz de reduzir incertezas sem negar a complexidade e heterogeneidade das implicações no campo relacional.

A proposta desta dissertação é a de operar os conceitos de dispositivos para atender a essas três condições. Se as disposições figuram como princípios ou fórmulas, os dispositivos seriam os indicativos empíricos e rastreáveis dessas disposições. Por isso é fundamental definir mais precisamente o termo “dispositivo”. Dodier e Barbot (2017) fazem um levantamento das diferentes maneiras como a noção de dispositivos tem sido empregada e mostram que não há novidade em operar tal conceito.

Para esses autores, o conceito de dispositivo emerge da conscientização de que deve-se considerar a relevância de “certos agenciamentos de elementos heterogêneos que não podem ser reduzidos a nenhuma das grandes categorias dos seres sociais geralmente estudados pelas ciências sociais” (p. 488). Com isso, pode-se incluir a consideração de objetos materiais, analisando, por exemplo, não apenas as regras ou normas sociais, nem apenas a ação em si, ou ainda a interação, mas “integram os objetos técnicos, espaço, mobílias, prédios” que tornam possível a norma e a ação e influenciam a conduta dos atores.

Dodier e Barbot (2017) também lembrar que não apenas a dimensão do agenciamento, mas também a da coerção é explorada a partir da noção de dispositivo. No entanto, trata-se de coerções maleáveis, associadas a noções como as de direcionamento, localidade e personalização pode-se pensar em “formas de condução” que “se distinguem das modalidades tradicionais de enquadramento” (p. 490). Os autores também indicam as estratégias que permitem descrever as relações com os dispositivos.

A primeira estratégia proposta pelos defensores da teoria do ator-rede repousa sobre a abertura de princípio no que concerne ao conjunto de mediações. Ela visa integrar às narrativas de inovação técnica ou científica a multidão, a imprevisibilidade, e irredutibilidade das forças de toda natureza que intervêm nesses processos (Latour, 1984). Essa ampliação da tenção para o conjunto de mediações entre indivíduos e dispositivos conduziu as ciências sociais na direção de formas de descrição inéditas. Contudo, pode-se questionar a respeito da capacidade do pesquisador, fazendo tudo o que está ao seu alcance para seguir o conjunto de ‘actantes’ – humanos e não humanos – engajados nessas histórias. Do mesmo modo pode-se sublinhar as dificuldades de manutenção das narrativas nas quais se mesclam constantemente considerações sobre os próprios actantes e sobre a linguagem que os humanos utilizam para falar desses actantes. Pela clareza da análise, uma distinção entre esses dois níveis de descrição deveria ser mantida (DODIER; BARBOT, 2017, p. 490).

Isso significa que é necessário encontrar meios de lidar simultaneamente com a “heterogeneidade interna dos agenciamentos considerados e a delimitação de um nível de análise” (IDEM). Nesse sentido, retomando a noção de disposição, a crítica propositiva de Lahire a Bourdieu pode ser relembada, inclusive sua preocupação em demonstrar a heterogeneidade e pluralidade disposicional de um mesmo indivíduo em relação a diferentes domínios de práticas. Além disso, Latour lembra a importância de se ater à materialidade e evitar saltos entre níveis de análises por meio de entidades intangíveis.

Desse modo, retomando a indicação de Alexander sobre a noção de personalidade, pode-se valer de um experimento desse conceito para estudar sociologicamente a tal “heterogeneidade dos agenciamentos” rastreáveis em dispositivos, mas a partir da narrativa apresentada pelos indivíduos acerca de suas ações numa perspectiva de autocomposição biográfica, ou seja, de uma narrativa de trajetória vivida. Com isso, tem-se um nível de análise delimitado não numa pessoa em si, seja ela tomada como átomo ou como indivíduo

socializado, mas na personalidade como modo individual de ser que só se define numa configuração relacional específica.

Mas antes de se deter mais especificamente à dimensão metodológica de como esse experimento é operado, vale precisar ainda mais a noção de dispositivo. Agamben (2005) e Silva (2014) lembram que Foucault passou a empregar o termo para se referir a:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos... (e entre estes) existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes, (cuja finalidade) é responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 1996, p. 224-245).

Interessante notar a menção ao termo jogo, que me permite o gancho de especificar melhor uma outra noção fundamental para o argumento aqui desenvolvido, a noção de configuração. Em Nobert Elias (2001, 2008), a configuração é um conceito que remete a um padrão interativo entre os indivíduos que estabelecem entre si relações de interdependência complexas, mutáveis e não ordenadas, mas que, diferente do que proponho aqui, ele restringe aos grupos humanos. Para Elias, o conceito de configuração faz falar ou nomeia um mundo que até então permanecia em silêncio.

De um ponto de vista analítico, os dispositivos indicam pontos nodais (nós) de conexões que constituem uma configuração em rede de elementos materiais e simbólicos, humanos e não humanos, discursivos e não discursivos, culturais e naturais. Essa potencialidade analítica do termo, fica mais evidente com os comentários de Agamben (2005) que retoma a etimologia do termo “dispositivo” como sendo a palavra latina *dispositio* que assumiu a herança de uma “complexa esfera semântica” do termo grego *oikonomia* oriundo, por sua vez, da teologia.

O termo *oikonomia* remete à administração da casa e permitiu à teologia pensar em Deus como ser e como práxis, já que “quanto ao seu ser e à sua substância é certamente uno, mas quanto a sua *oikonomia*, isto é, ao modo pelo qual administra a sua casa, a sua vida e o mundo que criou, é, ao invés, tríplice” (AGAMBEN, 2005, p. 12). Também lembra da apreensão do termo em alemão por Heidegger com a palavra *Gestell* em analogia ao latim *dispositio* ou *disponere* (*stell* em alemão corresponde a *ponere*).

Heidegger apresenta uma série de variações em alemão, havendo o sentido comum entre os termos a referência à *oikonomia*, ou seja, a um “conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é administrar, governar, controlar e orientar, em um

sentido em que se supõe útil, os comportamentos, os gestos e os pensamentos dos homens” (IDEM). Além disso, Agamben amplia a noção de dispositivo para:

(...) qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc, cuja conexão com o poder é em certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não - a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem dar-se conta das consequências que seguiram – teve a inconsciência de se deixar capturar (IDEM, p. 13).

Agamben também entende que o sujeito é a síntese da relação corpo-a-copo entre os seres viventes e os dispositivos. Nesse sentido, sendo a noção de sujeito relacional, um mesmo indivíduo pode ser “o lugar de múltiplos processos de subjetivação: o usuário de telefones celulares, o navegador na *internet*, o escritor de contos” (IDEM) e outros. No entanto, nesta dissertação, como já argumentado anteriormente, as relações ou conexões entre pessoas, coisas e discursos consideradas também incluem o histórico de configurações que essas conexões geram e que, por sua vez, são objetivadas em diferentes dispositivos, fazendo parte, inclusive, do corpo das pessoas.

Nesse sentido, a noção de sujeito que Agamben sugere não menciona tal aspecto, de modo que é nesse ponto em que a noção de personalidade pode congrega (e isso há de se experimentar a seguir) também uma **história de vida**, uma trajetória, ou seja, o **fator tempo** como um dos elementos a ser considerado. Isso porque os diferentes sujeitos, como o navegador na *internet*, não são um mero tipo abstrato, mas um ser agenciado corpo-a-copo por dispositivos num fluxo que é também temporal, pois implicado por padrões incorporados em decorrência de uma **história de configurações**.

Além disso, esse indivíduo é também heterogêneo, pois o sujeito navegador na *internet* é partícipe de uma rede de implicações que faz com que a sua navegação na *internet* seja singular, pois sua conduta é uma variação individual única, mas é também plural, pois relativa a uma multiplicidade de dispositivos e conexões. Inclusive, é somente relacionalmente que se pode tomar um dispositivo, que diverge da noção de aparato, por exemplo.

Logo, pode ser dito que a noção de dispositivo é mais abrangente do que a de aparato. Essa se refere à coleção estática de instrumentos, máquinas, ferramentas, partes ou outros equipamentos de uma ordem dada das coisas, ao invés de referir-se a sua composição estratégica: ‘Pode-se dizer do aparato que são os instrumentos ou os conjuntos discretos dos próprios instrumentos – os acessórios (*implements*) ou equipamentos. Dispositivo, por outro lado, pode denotar mais o arranjo – o arranjo estratégico – dos acessórios em uma função dinâmica’ (BUSSOLINI, 2010, p. 96).

Essa visão relacional é fundamental, pois lembra que os dispositivos são promulgados por práticas e não podem ser pensados como coisas em si. Ao contrário é o dispositivo que produz o aparato. Trata-se de uma compreensão prática ou performativa que além de propiciar a rediscussão das já citadas dicotomias, permite também “repensar as formas de causalidade em termos de temporalidade, espacialidade e matéria” já que tais elementos são reconfigurados no dispositivo, que são reconfigurações materiais específicas do mundo (LEMKE, 2018, p. 51).

Mais ainda, a noção de dispositivos permite operar uma semiótica material, a partir das relações entre significado e matéria, sem opor tais elementos. E isso numa perspectiva que não se prende ao funcionalismo, já que o dispositivo não tende a se perpetuar, pois uma vez que estabiliza, deixa de existir e, falhando ou obtendo sucesso em seus propósitos originais, podem dar origem a consequências e possibilidades imprevistas e desconhecidas (IDEM).

Além disso, pode-se pensar nos seres humanos como sujeitos que emergem das operações de dispositivos, sem que esses lhe sejam externos:

Em primeiro lugar, a mudança de ‘ambiente’ para ‘dispositivos’ rompe com as ideias de direção humana (*human stewardship*) ou de qualquer relação exterior entre humanos e as condições ambientais da vida humana; ao invés disso, a materialidade é partilhada igualmente por humanos e não humanos e a agência humana é sempre já parte de dispositivos complexos que fundem e hibridizam forças humanas e não humanas. Em segundo lugar o conceito de dispositivo não apenas desestabiliza as ideias convencionais de exterioridade e externalidade, mas também força os humanos a reconhecerem a alteridade em sua própria humanidade (*humanness*), indo, dessa maneira, além de conceitos tradicionais de corporificação (*embodiment*). Nessa perspectiva, a agência não humana é a pré-condição para os humanos agirem e existirem (BENNETT, 2010, p. 113).

Aqui, percebe-se também uma possibilidade de contribuir com o viés analítico de Ingold, que ainda trabalha com a noção de ambiente, estando a pessoa/organismo indissociavelmente integrada ao ambiente. Ou seja, no lugar de colocar o ente “pessoa” como integrada ao ambiente, pode-se pensar na pessoa/organismo como resultante de múltiplas implicações entre dispositivos.

Por fim, Wakefield e Braun (2014) dizem que do ponto de vista dos apontamentos que podem ser feitos pela pesquisa sociológica de um ponto de vista crítico, utilizando a noção de dispositivos, pode-se tecer uma crítica fundada na investigação pragmática que analisa dispositivos específicos operando, no lugar de uma inquisição “moral”. Assim, não se discute se um dispositivo é bom ou mau, mas como ele pode operar de outra forma. A seguir, irei descrever como essa proposta empírica vai ser operada em termos de metodologia.

#### 4 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS: ENTRE DISPOSITIVOS, DISPOSIÇÕES E TRAJETÓRIAS DE VIDA

Cabe agora discorrer sobre os métodos por meio dos quais a proposta de experimentar sociologicamente a noção de personalidade foi operada. A proposta da pesquisa foi a de investigar a formação social da personalidade empreendedora de estudantes universitários que atuam em *startups*. Para isso, esses estudantes concederam entrevistas onde narraram suas trajetórias de vida com foco na entrada no empreendedorismo e suas atividades em *startups*. Ou seja, as entrevistas tinham como objetivo o de apreender os relatos de caráter biográfico.

Ressalte-se que, apesar de a observação direta dos comportamento ser ideal em termos de pertinência, trata-se de uma tarefa espinhosa, delicada e muito provavelmente inviável acompanhar os indivíduos em seus diferentes contextos e situações de ação. Para Lahire (2011), a sensibilidade do sociólogo para as variações e as invariantes pode fazer da entrevista e da análise de arquivos instrumentos poderosos e reveladores. Com isso, torna-se possível identificar e analisar as “múltiplas pequenas contradições, de heterogeneidades comportamentais imperceptíveis aos inquiridos que, pelo contrário, tentam muitas vezes manter a ilusão da coerência e da unidade de si mesmos” (LAHIRE, 2011 p. 28).

A seguir discorre-se sobre diferentes maneiras de definir tais relatos biográficos, ou histórias de vida, de modo a obter uma síntese destas definições e das propostas de operacionalizá-las na pesquisa. Antes disso, cabe ainda definir a questão da *representatividade* da pesquisa. O parâmetro de representatividade aqui não decorre de uma “relação quantitativa com o universo”, mas sim das “qualidades teóricas e metodológicas - em particular a sua relação com a natureza do fenômeno investigado” (BRANDÃO, 2007, p. 5). Assim, os casos estudados possibilitam caracterizar a singularidade que expressa e constitui o plural (LAHIRE, 2005). *A generalização que a pesquisa permite fazer é, portanto, teórica* (BRANDÃO, 2007).

É nestes termos que a reconstituição de trajetórias biográficas particulares possibilita relacioná-las a diferentes situações de agenciamento. Ou seja, seus relatos constituem um processo de autocomposição biográfica, de modo que as narrativas incluem a maneira como os entrevistados veem a si mesmos e como veem suas próprias histórias em relação ao empreendedorismo *startup*, destacando o que julgam ser mais relevante dessa história para dar sentido ao engajamento no empreendedorismo. O foco estará nas relações entre coisas, pessoas e discursos expressos nesses relatos.

Quanto à sequência de procedimentos e às características da produção e registro dos relatos biográficos, pode-se considerar as proposições de Bertaux (2009). Para ele, os relatos

de vida podem preencher três funções no marco qualitativo da pesquisa: *a função exploratória, a função analítica e a função expressiva*. A função exploratória apresenta dois momentos, sendo o primeiro o da utilização extensiva, quando procura-se coletar o máximo possível de informações sem procurar fazer com que elas estejam completas, no intuito de fazer aflorar aspectos centrais em questão, os processos essenciais.

O segundo momento é o da utilização intensiva, centrada em um dado aspecto que pareça ser digno de um estudo aprofundado. A função analítica também se constitui de dois momentos: No primeiro, se estabelecem as relações entre os fenômenos, delineando categorias e nós, fazendo a passagem das ideias às hipóteses, em suma, construindo uma teoria. Teoria aqui ganha o sentido de reprodução abstrata daquilo que se passa na "realidade social" (o referente). Já no segundo preocupa-se com a verificação, ocorre a consolidação empírica das proposições descritivas e as interpretações avançadas.

Antes de finalizar as proposições de Bertaux com a função expressiva, cabe trazer uma releitura dessa sequência agregando a proposta de adaptar os pressupostos da *grounded theory* como o faz Brandão (2007). Assim, além de agrupar os procedimentos pelos seus propósitos (exploratório, analítico e expressivo) pode-se aplicar uma sequência progressiva identificando a cada entrevista transcrita e analisada, os aspectos-chave e as categorias pertinentes às situações de agenciamento nas quais as personalidades se formam. Com isso, as entrevistas seguintes podem aprofundar pontos cegos e a saturação pode ser obtida de modo mais eficaz.

Sobre o modelo de entrevista a ser utilizado, ele foi baseado na proposta de Rosenthal (2014), pois tratou-se de um procedimento aberto que teve o entrevistado como referência, apresentou menor grau de padronização e foram menos inflexíveis às situações interacionais da pesquisa (ROSENTHAL, 2014, p. 171). Considerando as funções exploratória e analítica das entrevistas e também o modelo *grounded theory* de análise e formulação progressiva, é oportuno destrinchar os diferentes momentos da inquirição, pois a exploração e análise transpassa todo o processo de coleta e tanto a função exploratória quanto a analítica estiveram presentes em todas as entrevistas.

Retomando a proposta de Rosenthal (2014), o primeiro e mais longo momento é onde o entrevistado faz as colocações que julga pertinentes acerca do tema, com o mínimo de intervenções por parte do entrevistador, que se coloca apenas para desenvolver os assuntos levantados pelo entrevistado (Idem, p. 183). Aqui o foco é o exploratório. No segundo momento da entrevista algumas passagens são confirmadas, algum assunto é aprofundado e o entrevistado é instigado a falar mais, o que explica um maior número de intervenções por parte do entrevistador.

Por fim, são colocados aspectos ainda não mencionados, porém de interesse para a pesquisa, com o objetivo geral de “reproduzir cursos de ação” (Idem, p. 184). Rosenthal também propõe considerar as anotações feitas antes, durante e depois das entrevistas, na constituição do que ela chama de “*memo*” da pesquisa. Por fim, a autora também sugere que se atente para a dimensão temporal, discernindo a sequência com que as experiências foram vividas e a sequência com que os indivíduos tematizam tais acontecimentos (ROSENTHAL, 2014b).

É possível apresentar exemplos de tópicos iniciais utilizados na pesquisa, bem como das perguntas da segunda e terceira fase da entrevista. No primeiro momento, utilizou-se a seguinte abordagem: “Para começar, fale sobre sua trajetória até a entrada no empreendedorismo *startup*, suas motivações e expectativas e o que pesou na sua escolha por empreender”. No segundo: “E o que seria botar a mão na massa?”, “Você falou que...”, “Em que ano foi isso?”. No terceiro momento: “Há algo mais que queira dizer?”; “Fale de coisas sem as quais seria impossível empreender em *startup*?”; e qualquer outro aspecto não mencionado, mas que se mostrou relevante.

A escolha dos participantes, na fase exploratória, não estava bem definida ou restrita. Isso porque, procurando me inteirar melhor das situações práticas do empreendedorismo *startup*, sem, no entanto, ser um empreendedor, participei de eventos sobre o tema. O maior deles foi o *Rec'n'Play* (que descreverei melhor no próximo tópico) que promoveu diversas atividades como palestras, cursos e oficinas com *startups* e demais empresas. Lá eu pude conhecer diversos empreendedores e fazer contatos. Foi nesse evento que eu consegui agendar a primeira entrevista, que teve caráter exploratório. Somente depois dessa entrevista eu pude pensar em categorias fundamentais nas quais dar enfoque.

Foi a partir dela que, inclusive, o referencial teórico pode ser repensado e amadurecido, seguindo a proposta de adaptação da abordagem ao estilo *Grounded Theory*. Daí então, decidi focar no Centro de Informática da UFPE de modo que os participantes deveriam apresentar uma série de características tais como: ser estudante do Centro de Informática, ou seja, estar matriculado nos cursos de Ciência da Computação, Engenharia da Computação ou Sistema de Informações da UFPE e empreenderem no modelo *startup*. Por indicação de um entrevistado eu pude ter acesso a demais entrevistados, na **tática de bola de neve**.

Mas também outras formas de entrada foram exploradas, como enviar *e-mail* para o endereço de *e-mail* coletivo do CIN, obtendo a minha primeira entrevista depois definir o recorte. A segunda entrevista foi possível por indicação de uma empreendedora que não

estuda mais no CIN, porém já foi estudante do Centro e é referência no meio, participando, inclusive, da organização e gestão dos principais eventos e atividades de empreendedorismo *startup* em Recife, como a *Startup Weekend* e *Hackathons* (que descreverei melhor mais a adiante). Essa articuladora me indicou a segunda entrevista e orientou o terceiro entrevistado a me procurar, disponibilizando a ele o meu contato de *Whatsapp*. O quarto e o quinto entrevistados foram indicações do segundo.

Isso significa que além da entrevista exploratória, a pesquisa tomou cinco perfis para analisar as trajetórias de vida narradas. Cada uma das entrevistas foi transcrita com o auxílio do programa *InqScribe* (versão gratuita sem licença) e depois organizadas em documento do Word. Em seguida, os documentos era anexados ao projeto no *software* de análise qualitativa *Nvivo Plus 12*. Então eram lidas e os trechos foram selecionados para serem atrelados a um nó, ou categoria. Inicialmente os “nós” estavam dispersos, correspondendo a temáticas como família, escola, religiosidade, lazer, consumo, amigos e relacionamentos.

Ao passo em que as entrevistas ocorriam e as transcrições e leituras seguiram, novos “nós” surgiram e novas formas de correlacioná-los também. Inclusive, se chegou à noção de dispositivos. Depois se pensou em dispositivos como indicadores de disposições. Então organizaram-se tipos de disposições. A seguir, os nós temáticos iniciais passaram a ser tratados como domínios de práticas, podendo-se especificar a partir dos casos concretos. Por exemplo, um nó temático relativo ao domínio de práticas “escola” pode ser especificado em termos de dispositivos ligados às práticas de estudo e leitura. Sobre o trabalho, o recurso estratégico à leitura pode ser outro indicativo de dispositivos que permitem conhecer, praticar e incorporar novas modalidades de pensamentos e ação.

Então foi possível estabelecer a relação entre sentimentos, pensamentos e ações a certos dispositivos e, por meio desses a disposições surgidas, empregadas, suprimidas, ou abandonadas em relação a certos domínios de práticas. As leituras teóricas ocorreram *pari passu* com essa sequência de tratamento empírico. Ao mesmo tempo em que as leituras possibilitavam novas formas de abordar o material empírico, essas abordagens apontavam novas relações conceituais ou inferências teóricas possíveis.

Nesse sentido, vale ressaltar que, em relação à análise, é necessário apontar o papel da teoria; o que os relatos biográficos podem dizer; e qual o papel do sociólogo ao abordá-los. Quanto às referências teóricas, pode-se recorrer a uma metáfora para indicar a conduta adotada ao longo da pesquisa, que foi a tentativa de evitar tomar a teoria como mapa que define a trilha da pesquisa, o que pode levar a conclusões tautológicas, já que, munido do

quadro teórico, o pesquisador “sabe”, *a priori*, de onde partir, o caminho que vai tomar e onde chegar (ROSENTHAL, 2014).

Uma segunda maneira de tratar o papel da teoria na reflexão, ainda recorrendo à metáfora do mapa e da trilha, é a de utilizá-la como lanterna que ilumine o trajeto escolhido, ou como uma bússola que permita entender as direções tomadas numa perspectiva global, sem especificar os sentidos desses caminhos, nem antecipar as descobertas decorrentes da exploração do campo. Com isso, as referências teóricas permitem contextualizar o tema investigado. Assim, um “mapa” próprio foi produzido depois de percorrido o trajeto, podendo ser, inclusive, comparado com os “achados” de outras pesquisas. Esse mapa diz respeito à síntese das trajetórias e às inferências sobre a personalidade empreendedora desenvolvidas com base nas disposições identificadas por dispositivos.

Nesse sentido, as formulações de cunho teórico descritas ao longo desta dissertação se vinculam aos resultados expressos na análise a seguir. O tópico da análise é o momento onde se estabelecem as relações entre os elementos da rede de ação (dispositivos, pessoas, situações de agenciamento, trajetória de vida e disposições). Nesse ponto, a menção ao marco teórico se desenvolve num diálogo onde é possível haver, inclusive, o questionamento de postulados feitos por outros autores acerca do tema. É então que se retomam as proposições que se esperavam obter com o experimento do conceito de personalidade, procurando-se a correspondência empírica das proposições descritivas e das interpretações avançadas (BERTAUX, 2009).

Retomando Bertaux (2009), pode-se falar da função expressiva, que consiste na apresentação dos relatos de vida que, para ele, pode ocorrer de duas formas: ou se apresentam ideias presentes nos relatos sem associá-las a um falante específico, traduzindo-as num discurso sociológico; ou se reescrevem os relatos procurando fazer expressar o que o autor compreendeu no lugar de expressar diretamente. Não se trata de publicar dados brutos, mas uma narração que tem valor de síntese.

A reconstituição destes relatos cumpre um propósito específico, que diz respeito à formulação dos retratos sociológicos correspondentes às trajetórias em análise. Cabe algumas distinções:

Ainda que a metodologia dos retratos sociológicos possa ser situada ao lado de outras metodologias qualitativas, é importante sublinhar suas características distintivas. A saber, não buscamos, nesses retratos, uma visão holística qualquer do entrevistado. O que fazemos no processo de produção do retrato é, justamente, objetivar a subjetividade, identificando as marcas do social no individual, estabelecendo uma ponte entre os contextos macrossociológico e microssociológico (LIMA JÚNIOR; MASSE, 2015, p. 572).

Depois do momento da síntese dos relatos, a análise que ocorre busca chegar à configuração ou **retrato sociológico**, nos termos de Lahire (2005), e deste à formação da personalidade. Tal passagem decorre de um processo reconstitutivo feito pelo investigador, considerando que subjacente aos elementos destacados pelo entrevistado existem informações que permitem um “excedente de consciência” (LIMA JÚNIOR; MASSI, 2015, p. 565). É precisamente nas versões de si que os relatos comunicam que se pode **identificar os “princípios organizadores das práticas”** e elaborar o retrato sociológico correspondente.

No entanto, esses princípios organizadores aqui, só fazem sentido numa perspectiva biográfica que lide com padrões e rupturas, tendo em vista a duração com que certos dispositivos ocorrem e recorrem em suas operações de agenciamento. Os padrões com que os agente resolvem certos dilemas, decidem sobre mudanças ou manutenções em suas trajetórias só podem ser tomadas por meio desses dispositivos. Eles indicam as manifestações materiais das disposições.

## 5 DOS RELATOS AOS RETRATOS: ANALISANDO A FORMAÇÃO SOCIAL DA PERSONALIDADE EMPREENDEDORA *STARTUP*

### 5.1 IDENTIFICANDO E DISTINGUINDO OS DISPOSITIVOS E AS DISPOSIÇÕES

As Entrevistas foram realizadas entre novembro de 2018 e agosto de 2019. Ao total, o material analisado a seguir corresponde a seis entrevistas, sendo a primeira de caráter exploratório e as demais desenvolvidas em decorrência de um planejamento desenhado tal como a metodologia descrita no tópico anterior e considerando os elementos evidenciados na entrevista exploratória, como as condições de se envolver no empreendedorismo a partir das disposições incorporadas. No entanto, superando a noção de incorporar para o interior o que é externo ao indivíduo e atentando para os dispositivos humanos e não humanos que tornam rastreáveis as disposições.

A entrevista exploratória rendeu 40 minutos de áudio transcrito, já as demais num total de 306 minutos e 9 segundos, ou 5 horas, 6 minutos e 9 segundos. No total foram 5 horas, 46 minutos e 9 segundos de entrevistas transcritas. A inserção no meio empreendedor de *startups* ocorreu por meio da participação em eventos onde havia grande concentração de instituições e pessoas envolvidas com *startups*. O maior deles foi o *Rec'n'Play* que ocorreu no bairro do Recife Antigo e promoveu diversas atividades entre os dias 7 e 10 de novembro de 2018. A partir desse evento eu pude fazer contatos e ser inserido em algumas comunidades virtuais, bem como tomar conhecimento de outros eventos menores, porém não menos importantes.

Conheci o primeiro entrevistado nesse evento e, por meio dele, outras pessoas que, por sua vez, me conectaram aos demais entrevistados. Fui inserido em pelo menos 10 grupos de *whatsapp* de diferentes comunidades de empreendedores. Conforme o termo de consentimento de participação voluntária em pesquisa científica assinado em duas vias por cada participante e cujo modelo segue que como apêndice à dissertação, os nomes dos entrevistados foram trocados por um codinome, no intuito de proteger-lhes a privacidade e garantir o anonimato. Assim, em ordem alfabética seguem as considerações da entrevista exploratória com Alberto e as narrativas síntese de Bernardo, Carlos, Daniel, Eduardo e Felipe.

A seguir, esses relatos serão apresentados em síntese resultante de análise que levou em conta tanto os relatos transcritos, quanto as anotações acerca das entrevistas que Rosenthal (2014) chamou de *memo*. A proposta é a de apresentar aqui uma “engenharia reserva” de como a análise se desenvolveu. Ou seja, começarei apresentando o produto da fase de função expressiva, segundo Bertaux (2009), que são as narrativas sínteses. Nessas narrativas sínteses,

a sequência de fatos não é apresentada na mesma sequência das entrevistas, mas considerando uma linha temporal cronológica da história de vida das pessoas.

A ênfase nesse ponto é em apresentar a trajetória de situações de agenciamento com foco nos domínios de práticas, nos “*cadres*” (lugares e instituições) pelos quais o indivíduo passou e destacando, sem tecer análises mais reflexivas, os momentos de rupturas ou de decisões importantes, que incluem também as decisões de continuidade sobre uma situação de interação e de práticas, mas indicando esses momentos ao longo do relato, como o que ocorre nos “*turnovers*” (termo do próprio entrevistado no tópico 5.2.2). Ou seja, a intenção é o de traçar uma apresentação sintética e geral sobre os **quadros** nos quais os empreendedores estiveram envolvidos ao longo do **tempo**, nos termos de Lahire; bem como as **modalidades** (modos de agir, sentir e pensar) e os **efeitos**, mas sem concluir que tais efeitos dizem respeito diretamente às disposições.

Desse modo, são exemplos os quadros do meio familiar, instituições educacionais e religiosas e também as empresas. As modalidades são os comportamentos típicos observados em cada um desses quadros, indicando como uma crença ou modo de pensar por meio de crenças pode surgir de uma experiência religiosa, mas atuar como um dispositivo de motivação e meio de lidar com o risco num empreendimento. Os efeitos são os padrões, ou as disposições com que esses dispositivos agenciam as práticas das pessoas.

Nas sínteses das narrativas, os dispositivos podem ser simbólicos e discursivos ou objetos, ou coisas e também lugares. As modalidades os evidencia, ou seja, as ações, pensamentos e sentimentos, mas não elas em si, porém os gatilhos, os condicionantes, os meios para que elas ocorram. Frases como “Aí eu disse...”; “Daí eu decidi...”; “Eu acredito...”; “Tem que ser...”. Esses dispositivos, além de materializarem as disposições e superarem noções como o que é externo e interno, permitem entender que a unidade de uma personalidade só pode ser apreendida com base na autocomposição biográfica das pessoas, pois apresenta as variações e permanências de padrões disposicionais ao longo do tempo.

Além disso, permite entender que essa unidade não tem a ver com homogeneidade, já que diferentes dispositivos podem estar implicados numa mesma situação de ação, mas também um dispositivo mais comumente implicado num certo domínio de práticas pode emergir de modo inovador em outro, como as estratégias de evitar riscos que inviabilizem o propósito de sucesso. Empreender em *startup*, por exemplo, pode ser tomado como uma estratégia segura em relação ao que se tem à disposição, em vez de se apostar no que os pais acreditam ser a estratégia mais adequada para evitar esse risco, conforme se observa no tópico 5.2.3. Em certo sentido, as proposições de Lahire podem ser questionadas até o ponto em que

as disposições, materializadas em dispositivos, talvez não levem a concluir que há variações intraindividuais de conduta, ou ilusões (contradição entre representação e prática) que os indivíduos possuem sobre si mesmos.

Pode ser que se trate de personalidades configuradas em redes de coisas, discursos, pessoas e lugares e que só se definem relacionalmente. Assim, o que parece contraditório pode expressar uma unidade processual que faz com que aquela pessoa seja quem é por meio de práticas que não existiriam sem as crenças que, por sua vez, só existem como tais em relação às práticas com as quais se implicam. Isso não impossibilita as pessoas de refletirem, inclusive criticamente, estando cientes das posições que ocupam nesse campo relacional, estimando as possibilidades de assumir ou não um risco, por exemplo, a partir dessa percepção. Ou seja, as disposições também não se relacionam a uma reprodução inconsciente (num interior profundo) ou mecânica de certos determinantes.

Por exemplo, o que se observa no tópico 5.2.5, no qual o entrevistado dispõe de estratégias de refletir sobre si mesmo, de observar suas práticas e de ser crítico em relação a elas. Isso se torna possível por meio de dispositivos como leituras e métodos aprendidos com essas leituras que, no entanto, descrevem uma imagem pessoal de tranquilidade e equilíbrio, mas num contexto onde tranquilidade e equilíbrio são improváveis, como é o meio incerto e o ritmo de trabalho intenso de uma *startup*.

Ainda assim, a noção de “ganho futuro”, de sacrificar o presente em relação ao que se conquistará no futuro atua como dispositivo de controle emocional para relativizar possíveis desentendimentos pessoais no presente. Quanto a isso o próprio entrevistado está envolto em dispositivos discursivos que o levam a se descreverem como um Farol, podendo iluminar para os outros, diferentes aspectos. É nesse sentido que falar em ilusão pode ser contraproducente e ocultar uma dimensão de reflexividade dos agentes que, por sua vez, pode gerar discussões mais bem elaboradas sobre as disposições.

Deve-se, no entanto, considerar que pode haver implicações disposicionais não formuláveis discursivamente pelos indivíduos. Daí que há dispositivos “científicos” que permitem tratar do que as pessoas não formulam por meio do discurso, e com eles o sociólogo pode buscar inferir disposições a partir de indicativos materiais, como os dispositivos não discursivos. É uma alternativa a recorrer a depositórios de abstrações mais ou menos obscuras na sociologia como “o inconsciente”, que continua como uma caixa preta da ação social. É nesse sentido que os retratos buscam tornar inteligível, por meio de operações de redução mediadas pelos dispositivos, a imprevisível e complexa rede de mútuas implicações e o fluxo

contínuo de conexões provisórias, mais ou menos regulares em que as personalidades emergem.

Com isso, o salto que vai das modalidades para os efeitos encontra mediação material e empiricamente rastreável – os dispositivos. Por exemplo, falar de uma conduta reflexiva não necessariamente permite concluir que o entrevistado tem uma disposição à reflexão sobre si mesmo. Como se fora um impulso que o compele a agir dessa forma. No lugar disso, vale rastrear os dispositivos discursivos e as estratégias de conduta que lhe permitem operar essa reflexão sobre si mesmo, e ela pode indicar ao mesmo tempo, um novo padrão de reflexão que se constrói como resposta a um padrão de não reflexão e de “temperamento explosivo”.

Então, a modalidade reflexividade está indicada por discursos e estratégias de conduta, desenvolvidas com base em leituras e treinamentos, para lidar com os efeitos indesejados de um padrão de comportamento não refletido e prejudicial aos propósitos e aspirações das pessoas. Note-se que parece genérico e infundado falar, nesse caso, de contradições entre uma disposição para o temperamento explosivo e a disposição de empreender. Mesmo porque, a rigor, disposições não se confundem com impulsos, ou forças anônimas, entidades motrizes.

As disposições então, seriam não apenas efeito, no sentido de ser produto de dispositivos, mas também a dimensão híbrida da relação entre corpos e símbolos, pessoas e dispositivos. É dessas relações que emerge o sujeito, como bem lembrou o já citado Agamben. Nas análises a seguir, o fundamento empírico dessas considerações é apresentado em minúcia. E o que é importante ressaltar é no caso da primeira entrevista, o intuito é o de destacar categorias discursivas recorrentes para os empreendedores. Para explicar melhor o que digo aqui, segue o tópico com a entrevista exploratória, que foi base para o desenho das entrevistas seguintes.

### **5.1 Alberto: o caçador de problemas**

Alberto é estudante de Economia na UFPE e de Engenharia Civil na Faculdade Maurício de Nassau. Trabalha desenvolvendo soluções com *Startups* para diferentes setores do mercado, em especial, finanças e educação. O conheci numa palestra sobre *Fintechs* e a concorrência com os bancos, num evento chamado *Rec'nPlay* que reúne diversas organizações com e sem fins lucrativos, estudantes, pesquisadores e figuras de destaque na cena do empreendimento, inovação e tecnologia. Por *e-mail* marcamos a entrevista que ocorreu no dia 13 de novembro de 2018, às 14h40 numa sala de estudos da Biblioteca do Centro de Ciências Sociais Aplicadas – CCSA, na UFPE.

Alberto sempre se mostrou muito solícito e entusiasmado com meu interesse em pesquisar sobre o que até então era o tema da pesquisa: empreendedorismo em inovação tecnológica. Ele relatou que esse entusiasmo e a solicitude eu encontraria em todos os que trabalham nessa área. Isso por que é do interesse deles que mais pessoas conheçam e se engajem no empreendedorismo. Por meio de Alberto eu pude ter acesso a diversos grupos e organizações com as quais me pôs em contato direto. Nos encontramos no *Hall* do CCSA e nos encaminhamos para a biblioteca. Achemos uma sala de estudos vazia, nos sentamos, falamos mais sobre literatura e começamos a entrevista.

Ele relatou também a necessidade de ele ser menos tímido no falar, para poder se vender melhor, fazer mais articulações e desenvolver mais o *networking*. Falou que se preocupa com os rumos da política do país, com a ausência de diálogo e de argumentos, que tudo parece “torcida de futebol”. Revelou que é cristão, evangélico, mas que não entende o porquê de se discriminarem homossexuais ou qualquer pessoa, por qualquer razão. Para ele as pessoas precisam ser ouvidas e entendidas. Lamentou que “ambos os lados” da política deixaram de fazer isso, ou se é taxado de fascista e *bolsominion*, ou se é taxado de petista comunista. Segundo ele, não há alternativa para pensar, conversar, argumentar e criar soluções.

Falou da importância de sua vida religiosa no desenvolvimento de um *mindset* e de uma desenvoltura mais ativa, engajada. Isso é o que se deve absorver, pelo que diz, no lugar de “conceitos fechados ou leis engessadas”. Disse que isso se trata de uma postura ante o mundo. Indicou-me a plataforma *Symppla*, pediu que eu não perdesse a *Startup Weekend* e me inseriu em grupos de *whatsapp* de empreendedores *startup* (o *Manguez.al*). Os termos específicos relativos às práticas empreendedoras foram: **fazer, aprendizado, problemas, dores, pessoas, networking, mindset, pivotar, feedback, persistir, projeto e inconformado**. A partir desses termos, algumas expressões se articulam para expressar valores, ideias, práticas e relações com pessoas e lugares, tal como poderá ser observado a seguir

O *Mindset*, especialmente, que Alberto descreve como “modelo de mente” ou mentalidade à qual se associam modos de pensar, concepções, percepções. Esse *mindset* também se reflete nas condutas dos empreendedores. Mais especificamente sobre o empreendedorismo *startup*, o *mindset* tem a ver com um modo de pensar e perceber as relações de trabalho, interpessoais e sobre si mesmo que envolvem uma disposição para se articular a cada vez mais pessoas e desenvolver o *networking*; instiga a estar integrado a uma comunidade de pessoas que potencializem as possibilidades de realizar muitos e diversificados **projetos**.

O engajamento nesses projetos parte de um *mindset*, ou seja, de uma disposição (no sentido de estar disposto), voltado a **fazer** as coisas, não apenas falar sobre elas, mas a propor formas de agir e comprová-las na prática, testando as propostas em eventos como *Hackathons* e *Startup Weekend*. Mas se trata de um **fazer** com propósitos igualmente práticos, pensados coletivamente por um time de ação que coloque à disposição do projeto diferentes competências e habilidades. Além disso, esses propósitos práticos se originam de demandas ou **problemas** apresentadas por **pessoas** que, por sua vez, são pensadas como clientes.

No entanto, é o empreendedor ou “startatupeiro” que deve ser **inconformado** e partir à caça desses problemas, sendo capaz de identificá-los como uma **dor** latente que não necessariamente o cliente é capaz de identificar ou expressar. A solução para essa dor ou problema só poderá ser pensada e construída parametrizada pelos efeitos práticos que gera para o projeto dos clientes ou usuários. Disso que a possibilidade de erro é uma constante com que o empreendedor deve lidar, mas numa perspectiva de contínua **aprendizagem**.

Nesse sentido, a postura de estar aberto à aprendizagem só se torna possível por meio de uma abertura às proposições coletivas e à horizontalidade de voz na construção e execução de projetos, sempre buscando *feedbacks* com pessoas. Desse modo, o empreendedorismo passa a ser definido por expressões como “pôr a mão na massa”, “dar a cara a tapa” e também como “algo muito difícil” para o que é essencial “entender de gente e ter as pessoas como o maior patrimônio”. Além disso, esses *feedbacks*, pensados como avaliações dos efeitos de uma solução, podem ser obtidos por meio de opiniões ou relatos pessoais, mas também de testes que incluem a performance de aplicativos, *softwares*, linguagens de programação, equipamentos, e demais elementos que não são pessoas.

Ademais, Alberto demonstrou-se crítico sobre alguns discursos que descreviam o empreendedorismo, no que os classificou como “empreendedorismo de palco”, dizendo haver uma diferença entre o que é dito e o que é feito pelas pessoas e pelas instituições. Essa contradição, para Alberto, não estaria apenas nas descrições do empreendedorismo, mas também nas metodologias de como empreender:

**Alberto:** *E essas metodologias tal, é tudo muito bonito na filosofia e na parte literária, mas poucas empresas executam de fato. E até o próprio livro fala isso, que muitas empresas vão dizer que fazem a metodologia, mas na verdade elas usam pra devido fim, quando aquele fim acontece elas voltam para aquele mesmo método.*

Além dessa contradição entre o dito e o praticado, Alberto aponta a inconsciência do que algumas pessoas apresentam sobre as condições que tornam possíveis o sucesso ou o fracasso no empreendedorismo *startup*. Essas condições envolvem também a origem familiar e social para poder se envolver nos projetos e se conectar às pessoas:

**Alberto:** *A gente tava numa palestra de um cara grande e ele tava dizendo "Só esse ano criei três empresas e as três empresas tão faturando seis milhões, oito milhões", tal, e... todo mundo que tava lá, já tava nessa área um pouquinho, olhava assim dizendo "não é assim tão fácil". Ele não tá vendendo tão fácil. E aí quando foi ver o cara já trabalhava em um local bom, já tinha uma rede de relacionamentos boa, ele já tinha tanta coisa que ele nem mesmo, acho, que nem ele sabe o quanto ele tem que é importante para que aquilo dê certo.*

Alberto compara sua própria dificuldade de se inserir na área do empreendedorismo a partir das condições financeiras de sua família, já que ele não vem de uma “zona com muito dinheiro” e pela sua área de formação, entendendo que é mais fácil atuar em *startups* se você tem formação em áreas de tecnologia. Mas aqui pode-se destacar um ponto fundamental dessa exploração inicial da pesquisa: seria possível a Alberto considerar a possibilidade de que suas condições de origem social e familiar ao mesmo tempo em que o colocavam em desvantagem sobre alguns aspectos (como a dificuldade de acesso à rede de pessoas estratégicas envolvimento e a limitação dos recursos financeiros de que dispunha), proporcionaram o desenvolvimento de algumas apetências e referências afetivas a certas práticas?

**Alberto:** *É, minha família, meus pais... Meu pai (...) trabalhou sempre em comércio e a vida dele foi nessa, minha mãe também. Aí depois de um bom tempo eles conseguiram abrir o próprio negócio deles, abriram uma ótica. E assim, era basicamente minha família era sempre nisso de viver do comércio, fazendo negócio. Meu pai foi um excelente vendedor e eu acho que isso, no começo me tirava de querer ser vendedor, porque achava que ele tava sendo roubado o tempo todo pelo patrão. Sim, ainda hoje vejo algumas coisas assim, mas menos, porque eu vejo que tudo faz em venda. Tá ligado? Tudo, o comércio e todas as relações são feitas basicamente em alguém tá fazendo, se propondo algo e você recebendo algo em troca. E basicamente é o que a gente faz no comércio, só muda que é um produto, você quer um produto e quer outro, entendesse?*

Alberto colocou que esteve sempre em contato com seus pais desenvolvendo negócios e vendendo, mas que via negativamente o fato de que os patrões ficavam com a maior parte dos ganhos pelo empenho nas vendas. Mas também diz que hoje vê de outra maneira, como se o envolvimento com as *startups* e seu modelo horizontal permitisse a ele desempenhar atividades com as quais sempre esteve em contato, mas agora num formato que o apetece mais. Ou seja, as distinções entre disposições, apetências e competências de que fala Lahire (2008) parecem abrir novas possibilidades analíticas para explorar situações como essas.

Por exemplo, não apetece a Alberto entregar a outrem (patrões) a maior parte dos rendimentos de seu trabalho em vendas, nem lidar com um ambiente de hierarquias engessadas. Mas a tendência de pensar nas relações de mercado como positivas, desenvolvidas no meio *startup* têm a ver com uma mudança das condições de trabalho: não mais com patrões ou hierarquias engessadas. Daí que Alberto se dispõe a fazer uso das competências que já dispõe e até a aprender novas. Assim, sua disposição para o trabalho coletivo e o engajamento em projetos que envolvam relações de compra e venda (de mercado)

pode ser vivida de forma alinhada com as apetências (por horizontalidade) e o emprego de competências de forma prazerosa.

Além disso, a maneira como algumas implicações ou **efeitos** estão vinculadas a certos comportamentos, ou “**modalidades**”, como *mindset* levam a considerar elementos não humanos como mediadores ou agenciadores entre as modalidades e efeitos, exemplo: a maneira de perceber e viver o empreendedorismo no contexto familiar da infância só existe em função de pessoas, discursos, coisas e lugares que dispuseram Alberto a perceber e viver daquela forma. Com a mudança de dispositivos nos quais estava implicado, a partir da vivência em *startups* isso muda e as competências e apetências são experimentadas de uma nova forma.

Isso realça a importância de explorar a noção de “disposições heterogêneas” de um mesmo indivíduo, mas indicadas empiricamente por meio dos dispositivos. É nesse sentido que eles permitem superar a ideia de uma interiorização do que seria externo. Empiricamente há comportamentos, discursos, pessoas, lugares e coisas materiais, rastreáveis. Um exemplo que demonstra essa materialidade dos dispositivos está no trecho onde se sugere que o produto ou solução de um projeto empreendedor só pode ser construído com base nas pessoas, em seus *feedbacks*. Mas parece-se desconsiderar os *feedbacks* obtidos por linguagens de programação e pela performance das próprias soluções tecnológicas.

*Alberto: Até saber "pivotar" que é uma palavra que a gente usa muito, que é mudar de... como era, deixa eu te explicar de uma maneira mais simples. Pivotar seria: eu comecei pensando que eu ia vender camarão, mas eu vi que tinha muita gente lá nessa área que eu tava (...) e eu começar agora vendendo peixe. Não mudei tanto mas tô trocando a chave um pouquinho. Entendes? Acontece muito isso numa startup, no empreendedorismo de você pensar uma coisa mais aí seu cliente vai mostrando o caminho, ou seus clientes vão mostrando o caminho que você deve seguir e você vai mudando muito rápido.*

Nota-se, pois, que outra categoria muito importante da entrevista, **Pivotar**, que tem relação com as mudanças de perspectiva e de comportamento sobre o projeto que se está desenvolvendo. É um momento de importantes tomadas de decisão implicadas, pelo que relata Alberto, por *feedbacks* de clientes. No entanto, para esse *feedback* ocorrer é necessário que haja a plataforma na qual ele irá ocorrer, ou seja, os aplicativos, a linguagem de programação, as métricas de testagem, as metodologias de validação do produto e outros, que não são pessoas.

Aliás, nesse *feedback*, as pessoas são apenas parte do processo. Exemplo, para testar a eficácia de um *software* que gerencia o estoque de uma empresa, é necessário colocá-lo em uso. Mas os resultados dessa testagem envolvem dispositivos tecnológicos e metodologias de mensuração como computadores, linguagem de programação, métricas e outros. Parece

evidente o agenciamento dos dispositivos não humanos e o quanto eles permitem tratar empiricamente as disposições.

A seguir, são apresentadas as sínteses das narrativas de cada um dos participantes, resumindo as trajetórias de vida e enfocando, como já dito nos quadros, modalidades e efeitos, por meio dos dispositivos. Somente depois é que esses elementos serão retomados para se proceder a uma análise com inferências sobre as disposições que constituem a personalidade empreendedora. Aliás, essa personalidade, só é personalidade em função de um domínio de práticas e porque se infere com base numa narrativa que permite identificar elementos que conferem unidade singular à pluralidade e heterogeneidade de disposições indicadas empiricamente pelos dispositivos.

## 5.2 A TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO DAS PERSONALIDADES

### 5.2.1 Bernardo e sua Jornada Espiritual rumo à liberdade

O contato com Bernardo se deu por *e-mail*. Enviei um *e-mail* para um endereço coletivo do CIN e Bernardo prontamente respondeu se dispondo a me conceder a entrevista e me passou seu contato de telefone e *whatsapp*. Marcamos a entrevista para às 15h do dia 15 de julho de 2019. Ela ocorreu na Cafeteria São Braz no bairro de Boa Viagem em Recife, perto da Escola Santa Maria, onde o entrevistado havia estudado. Chegando lá, Bernardo estava com uma camisa preta com o nome *Morf*. Muito sorridente e simpático. Escolhemos um lugar para sentar, ele assinou o termo de consentimento e começamos a entrevista.

Bernardo se apresentou como “100% *autodidata*” numa jornada em busca por autoconhecimento, em busca de si mesmo e do seu próprio sentido de liberdade. É assim que Bernardo se refere a sua trajetória de se “*autolapidar*”, dizendo que “*do começo ao fim eu fui lidando com obstáculos, lidando com desafios e barreiras que, no ato de ultrapassar essas barreiras, foi quando eu tive o real aprendizado*”. É em função desse aprendizado que ele se define também como uma “*máquina de ensinar*”. Isso porque em seus estudos e pesquisas ele sente a necessidade de simplificar as coisas para si mesmo e, com isso, simplificar para outras pessoas, utilizando *slides* e recursos visuais para realizar palestras e produzir conteúdo nas redes sociais.

Ele encara suas descobertas como presentes que recebe de outras pessoas que colocam informações, códigos de programação e ferramentas digitais disponíveis de forma gratuita, um dos motivos pelos quais ele quer repassar gratuitamente a outras pessoas: “*(...) tudo o que eu faço na minha vida é gratuito. Vamos deixar isso bem alinhado aqui que tudo, tudo, nunca*

*gastei um real! Por que tudo o que eu pesquisava, eu ia na deep web, mas eu achava o servidor gratuito, porque eu não queria gastar dinheiro*". Além disso, ele é alguém que se encanta por tudo o que é novo, ao mesmo tempo em que é *"um cara que gosto de conforto"* e que diz tender a evitar coisas que o tirem da zona de conforto.

Bernardo nasceu numa família de classe média. Mora com seus avós maternos desde criança, onde sempre teve acesso à *internet* e ao computador. Seus pais se separaram quando ele tinha 4 anos de idade. Seu avô é representante comercial, setor no qual a mãe de Bernardo também trabalhava. Hoje ela cursa a faculdade de direito. Questionado se, na infância, pensou em seguir essa profissão ele diz que *"Jamais! Eu, tipo assim, fui um cara muito livre. Meu pai ele era um cara muito livre nesse aspecto de escolha de profissão. Então minha família é tradicionalmente de advogados. Todo mundo é advogado. E quando eu digo todo mundo, é todo mundo sem exceção. E meu pai em momento nenhum ele quis isso pra mim"*.

O pai se destaca como uma figura fundamental ao longo de toda a trajetória de Bernardo, como seu principal apoiador, estando sempre próximo, se dispondo a conversar com bastante interesse sobre seus projetos e atividades. Além dessa postura de incentivo, tanto o pai quanto a mãe nunca assumiram uma postura de *"cabresto"*, seja na escola ou nas escolhas relativas a estudo e trabalho. Para ele o seu pai enxergou e investiu em seu potencial desde sempre: *"Então meu pai foi o cara que comprou a conta de 100 dólares da Apple pra eu brincar, 100 dólares, pra postar aplicativo besta. Besta não, assim... Ele já enxergava um potencial naquilo"*. Bernardo procura sempre honrar a dedicação e apreço de seu pai.

Foi usando o *notebook* do pai que ele se engajou a, brincando, aprender programação para produzir aplicativos na plataforma do Sistema Operacional do *Iphone* (IOS, na sigla em inglês). Aos 12 anos Bernardo comprou um livro que ensinava linguagem de programação C++ na livraria Cultura do *Shopping* Rio Mar; Aos 14 desenvolveu, por interesse próprio, um aplicativo que dizia os preços de taxi a depender da região onde a pessoa se encontrava. Aos 15 anos um amigo comum dele e de seu pai, que tinha uma loja de acessórios para *Iphone*, tinha interesse num aplicativo por meio do qual pudesse fidelizar os clientes. Foi o primeiro projeto que Bernardo encarou fazer por encomenda, mesmo sem saber ao certo como fazer, sempre pesquisando conteúdo na *internet*.

Seu fascínio por programação só crescia: *"Eu achava incrível que eu dava comandos para o computador e ele respondia a esses comandos. Eu dizia "se isso, faça aquilo". E ele fazia. Muita coisa de quem é controlador mesmo, gostei muito"*. A partir dessa vontade e dessa demanda por produzir soluções, Bernardo procurava aprender coisas, daí que para ele *"tudo começa nessas pesquisas... Tudo na minha vida começa com pesquisas bizarras no*

Google”. Todo processo de aprendizagem e trabalho de Bernardo só se define a partir, por meio e em função desses dispositivos tecnológicos, sejam eles físicos ou digitais:

***Bernardo:** Brincando, brincando, brincando e estudando e entendendo como é que a plataforma IOS funcionava eu já entendi que um botão se conectava a um pedaço de código e que o pedaço de código poderia dar um instrução pra ele e que aquela barra que ficava ali em cima se conectava a outro pedaço de código, mas era um pedaço de código que controlava o pedaço de código que tava dentro dele.*

O aplicativo foi entregue, mas Bernardo não parou por aí, enquanto estava no Ensino Médio surgiu o projeto que passou a ser seu foco. Bernardo afirmou que sua relação com a escola nunca foi de dedicação aos estudos, não tirava notas altas e frequentemente ia para recuperação “*Porque meu foco não era o colégio. Aquilo ali não fazia sentido pra mim. Do começo ao fim*”. Ele conta que “*(...) só fui descobrir que eu precisava estudar em casa, quando eu tava de recuperação na quinta série. Foi aí que eu fiz ‘caramba, eu preciso pegar o livro em casa!’ (...)* porque aquilo ali não conectava, não havia propósito. E eu quando não via propósito em alguma coisa, eu não consigo fazer aquilo.”

Bernardo também estudou Inglês na Cultura Inglesa, dos 12 aos 17 anos e conseguiu a certificação de proficiência da Cambridge no nível B1. No segundo ano do Ensino Médio, aos 16 anos, quando estava no corredor da escola e havia saído de uma recuperação, um colega, que até então não era tão amigo, sugeriu que desenvolvessem um projeto para “*revolucionar a educação*”. Foi então que desenvolveram, dessa ideia inicial, o que se tornou a primeira *startup* em que Bernardo atuou, a Vestibulando. Esse amigo tinha participado de um curso de criatividade com Murilo Gun (formado em administração na UFPE que montou uma carreira voltado à produção de eventos e conteúdos sobre criatividade, tornando-se influenciador nas redes sociais).

Daí nasceu a ideia de criar uma plataforma que trabalhasse os conteúdos escolares cobrados no vestibular de uma maneira muito didática, fácil, divertida e visualmente interessante. Seu amigo, que aqui chamarei de Gustavo, deu foco em “escalabilizar”, ou seja, envolver um número cada vez maior de pessoas, e também do *marketing*. Isso por que, segundo Bernardo, Gustavo tinha um perfil mais “disruptivo”. Para dar conta desse projeto eles se empenharam em estudar e ler muita coisa. Ao passo que Gustavo leu 75 livros, Bernardo leu 25. Esses livros versavam sobre metodologias de negócios em *startup*, estratégias de *marketing*, habilidades comportamentais e também sobre *design* e programação.

Foi aí que o então namorado (hoje ex-namorado) da tia de Bernardo, já formado na área de computação, falou sobre outras ferramentas de programação e banco de dados: *node* e *mongo*. Muito interessado por coisas novas, Bernardo se propôs a desenvolver o projeto da plataforma “Vestibulando” (nome da *startup*) por meio dessas linguagens. Bernardo também

coloca o seu papel no projeto como a parte do “fazer”, em contraste com o papel de “escalabilizar”. Revelando, pelo que vejo, que “o fazer” tem uma conotação de práticas com as quais o envolvimento das afecções cognitivas e afetivas é maior, já que tanto ele quanto Gustavo estavam fazendo coisas.

O projeto inicial foi ganhando forma até que a plataforma foi deixada de lado, passando-se a usar o *Instagram* como plataforma e gerando-se *Doodles* com base em *Templates* com um *design* desenvolvido por Bernardo. Isso porque com a testagem do projeto, aplicando MVP (sigla em inglês para mínimo produto viável) percebeu-se que era a melhor maneira. No fim das contas, o trabalho de programação e desenvolvimento da plataforma original que Bernardo chamou de “o fazer” serviu mais como aprendizado que para efetivar o impacto da *startup*. Eles conseguiram 40 mil seguidores. Parte do sucesso, especialmente no começo, se deveu a um *Story* postado na página de Murilo Gun, em conversa que o Bernardo teve com ele num evento sobre criatividade.

Ressalte-se que aos 15 anos Bernardo tinha passado por um fim de relacionamento e enfrentado um quadro depressivo. O que o ajudou foi ter se envolvido como “mentorando” de um processo de Marcos Strider (Psicólogo que atua por meio da abordagem da Psicologia Cognitivo Comportamental e promove projetos de desenvolvimento de mentalidades positivas). No entanto, esse processo de lidar com tal situação, Bernardo diz estar bem mais vinculado à dimensão religiosa, ou espiritualidade:

*Clayton: Você teve (...) depressão e tudo o mais. Depois houve uma recuperação e coincide com o momento em que você organiza de maneira... / Bernardo: Engraçado! Como é que tu reparou isso, mano!? É muito massa! / Clayton: O que é que foi o gatilho disso? / Bernardo: Pra isso tudo? A espiritualidade! (...) Digo assim, sem medo de ser feliz! Sem medo de ser feliz! / Clayton: Qual é a religião? O ambiente, ou o local? Ou grupo. / Bernardo: Religião, véi... Não é religião, é um grupo reli... São práticas religiosas, não é religião. Eu sou do xamanismo. (...) Lá, véi. É um dojô pra quem quer crescer na vida como pessoa! Pra quem quer se entender e pra quem tem coragem de se olhar com profundidade. Pra quem tem coragem pra se medir. (...) Eu cheguei ao xamanismo, com... Através de um mentor. Eu já fiz mentoria com um cara hoje, com um cara aqui em Pernambuco e tá tomando proporções brasileiras o que ele está fazendo que é Marcos Strider. (...) Foi meu mentor de vida. O que é um mentor? Um mentor é um cara que já trilhou o caminho que tu quer trilhar e que a partir daí ele vai te orientar e te guiar a partir do teu caminho, não a partir do dele. Então, assim, ele foi meu mentor de vida. A gente pode dizer que eu fiz psicoterapia, que não fiz psicoterapia, fiz mentoria com ele durante muitos anos. E não era psicoterapia porque ele era meu mentor. Então ele é o que hoje eu enxergo que é o meu ambiente faixa preta. (...) A conversa vai ser sobre liberdade profissional, liberdade financeira, liberdade emocional, liberdade espiritual, como tudo tá linkado. Sobre leis universais e aí tu vai falar sobre espiritualidade profunda na prática. Na prática, não é ser uma enciclopédia de espiritualidade. Espiritualidade na prática são práticas que você faz, que estão alinhados com valores, que são muito maiores que você, alinhado com valores universais. Pronto, isso tudo onde eu hoje alimento isso, é nesse ambiente onde tudo começou. Como mentorando de Marcos. Gustavo é mentorando de Marcos também. E hoje eu trabalho pra Marcos, inclusive, como designer.*

E esse foi o ponto de mudança fundamental na trajetória de Bernardo. A esse processo que ele chamou de “transmutação” está atrelado o desenvolvimento de um conjunto de hábitos voltados à melhoria da performance:

**Bernardo:** *No terceiro ano é que eu tive que mudar. E aí foi quando entrou todo um estudo de comportamental. Por que no terceiro foi quando eu performei o mais alto de minha vida inteira. O meu corpo virou uma máquina afiada de alta performance de atenção, de foco (...) Então esse ano foi quando eu fui de um cara que ficava de recuperação em tudo e passei num dos mais difíceis cursos de ciência da computação do Brasil. Que é na UFPE.*

De certo que a espiritualidade não determinou, sozinha, o “ponto de virada”, mas foi um gatilho, já que proporcionou um conjunto de dispositivos de crenças, de pensamentos e de comportamentos que conferiram a Bernardo um senso de unidade em sua vida: a Jornada em busca de liberdade. Esses dispositivos incluem metodologias de reflexão sobre o próprio corpo e sobre a alimentação e incluem o registro e monitoração das práticas, pensamentos, alimentação, ou acontecimentos da vida cotidiana no *Evernote* (um aplicativo de anotações). Além disso, ainda sobre o período do vestibulando, outros fatores foram cruciais:

**Bernardo:** *Nesses anos de vestibulando, que foram dois, eu tive várias vivências de startup. Dentre elas foi a Startup Weekend que tá completamente alinhado com o processo de evolução da startup. O processo de evolução do vestibulando, o startup weekend ele tem aí o peso fortíssimo. Por que eu pude ver que eu posso validar, testar, validar, colocar em pratica e ganhar dinheiro com isso em 48 horas. Foi terceiro lugar, tirei terceiro da Startup Weekend Health de 2017 ou foi 2018. Acho que foi 2018 isso aí.*

O projeto do Vestibulando foi deixado de lado e a administração da página repassada a um amigo; Um novo projeto surgiu, mais focado em habilidades comportamentais e “psicologia aplicada na prática”, o *Morf*, que promove treinamentos e explica a camisa com que Bernardo estava. Mas mesmo assim ele acabou saindo desse projeto ao perceber que a sua “praia”, no sentido de exercer as atividades, não era com isso, mas com programação. Então depois de entrar no curso de Ciência da Computação no CIN – UFPE, Bernardo, que é um “Hackatoneiro apaixonado” continuou lidando com obstáculos e desafios de diversos tipos, sempre contando com o suporte do pai: “*Eu não tenho a dimensão do quão importante isso foi pra mim, na minha vida. Eu digo que é tão grande que eu não tenho a dimensão. Ter um pai ali perto, incentivando e dizendo ‘É isso aí! Vá e meta a cara!’*”.

As atividades na qual passou a se engajar deveriam desempenhar um papel contributivo ao seu propósito que é a um só tempo profissional, pessoal, acadêmico e, sobretudo, espiritual, que é a dimensão que conecta todas as outras. Participando e vencendo *Hackathons* (competições onde os participantes precisam desenvolver soluções para problemas reais, trabalhando em equipe durante um final de semana e que geralmente envolvem prêmios). Dentre os *Hackathons* que ganhou, estão o da Globo, que ocorreu dentro

da casa onde é filmado o *Reality Show “Big Brother Brasil”* e o da *Campus Party Brasil* em 2018.

Também recebe destaque como uma das “*grandes vitórias*” de sua vida, o fato de ter passado na seleção do PET (Programa de Educação Tutorial) do CIN. No começo do curso, as notas foram baixas “*muito baixas*”, porque algumas disciplinas não faziam o menor sentido. Não obstante, o fato de estar no PET abria portas e facilitava o acesso a pessoas, recursos e lugares onde Bernardo poderia realizar “*várias empreitadas, vários fronts e iniciativas*”. E para continuar no PET não seria possível ter mais de duas reprovações ao longo do curso, o que o motivou a estudar, pelo menos o mínimo para ser aprovado. Isso porque o PET permite dar cabo de seu propósito na Universidade, que é fazer dela um “*laboratório de experimentação, para as ideias que eu tenho, pra dar vazão à toda essa criatividade que eu tenho*”.

Bernardo fez um Canal no *Youtube* onde ensina coisas como desenvolver uma rede neural do zero em *Javascript*, que aprendeu com um *youtuber* estadunidense: “*aprendo na gringa e trago pra cá*”. Promove palestras e hoje desenvolve um projeto chamado “*Code for Coders*” que envolve palestras e *workshops* sobre temas incomuns para a graduação. Para ele, o *mindset* de crescimento é fundamental para que ele busque desafios que o tirem da zona de conforto, buscando monetizar (tornar rentável) inclusive o que tem por *hobby*. Suas aspirações, curiosamente, envolvem atuar em grandes empresas como *Google, Facebook* e *Apple*.

### **5.2.2 Carlos: uma pessoa de impacto social**

Eu falei com Carlos no dia 19 de julho de 2019. Marina Mota havia me passado o contato de *whatsapp* dele. Carlos foi muito solícito, porém lacônico por *whatsapp*, o que não se manteve na entrevista. Marcamos a entrevista para o dia 5 de agosto de 2019 às 8 horas da manhã. A entrevista ocorreu num prédio do CIN que se chama “Bloco Branco”, no primeiro andar, numas mesas dispostas para uso comum. Estava havendo uma reforma e, com isso, muito barulho. Mas não a ponto de comprometer a entrevista e o áudio.

Carlos, cujo pai é policial e a mãe dona de casa, sempre foi uma criança muito estudiosa e com excelente desempenho escolar. Estudou no Colégio Múltiplo Ensino, uma escola particular que promovia eventos de premiação a “alunos estrela” e quase sempre ele era o primeiro colocado. Ele sempre recebeu muito estímulo de seus pais. Sua mãe largou o ensino médio no segundo ano porque precisava trabalhar e no trabalho ela conheceu o pai de Carlos. Mas ela sempre acompanhou e se envolveu com a vida escolar do filho, estimulando

seu gosto pela leitura e pelos números. Carlos diz que seus pais, dentro do que sabiam, deram a base para que ele pudesse fazer as coisas, não vendo impossibilidade alguma no que desejava fazer.

Em virtude de seu desempenho escolar, o coordenador do colégio, em busca de promover a imagem da escola divulgando aprovações em concursos de seus alunos, pagou a inscrição de Carlos no concurso do SENAI. Ele foi aprovado, mas não pode cursar à época, pois somente ingressava quem estivesse cursando o 2º ano de ensino médio. Porém, seu pai já o havia orientado a fazer cursinho preparatório para entrar no IFPE, num curso que, segundo seu pai, seria bom para ele. Ele “respeitou” a recomendação do pai e fez. Não se arrepende da escolha e diz que foi muito bom pra ele. A recomendação de seu pai se baseou na observação de que Carlos gostava muito de jogos de computadores.

Ele, que sempre morou num condomínio no bairro do Totó, diz que tinha amigos de condomínio com quem brincava e “jogava bola”, mas com alguns deles, mais tarde, teve de cortar relações. Isso porque esses amigos começaram a “*entrar numa vibe*” que não era a sua, como o uso de entorpecentes ilícitos. Carlos diz que tem medo de sua relação com jogos digitais, ele não gosta de desenvolver jogos, mas de jogar mesmo. Por não gostar de “*ser fraco no jogo*” acaba se viciando. Jogava jogos como *Habbo*, que simulava a vida real, mas depois passou a focar em RPG e MMO. Prefere jogos que envolvam pessoas, portanto, *on-line*. Mesmo que jogue *off-line*, prefere ter alguém presente do lado.

Com o tempo Carlos acabou se desvinculando das relações que tinha com o jogo, porque preferiu focar seu tempo e esforços em projetos voltados aos estudos e à vida profissional. Além disso percebeu que a comunidade da plataforma do jogo estava sendo tóxica, envolvendo xingamentos, inclusive. Desinstalou o jogo do computador e deu sua conta para um primo. Uma decisão drástica, de “*oito ou oitenta*”, mas necessária, em seus termos.

Já fez eucaristia, já que sua família é católica, mas não se manteve na Igreja já que não via seus frequentadores atuarem como Cristãos e discordava mesmo de falas dos padres, decidindo que não queria mais estar naquele ambiente. Hoje sem religião, ele acredita em fé e isso tem relação com o que é sua meta de vida: “*impactar um bilhão de pessoas*”.

*Carlos: E eu não tenho problema de ir em Igreja. Eu posso ir, mas eu não tenho vontade de ir. Eu gosto de ir pra Igreja por que eu gosto de ter um momento meu, de tipo, eu quero me encontrar consigo mesmo. De tipo, ir pra Igreja, e acho que faz tempo que eu não vou na Igreja. Mas quando eu ia, ficava ajoelhado, eu nem prestava atenção na missa. Eu tava em um momento em que eu vou relaxar e ficar de boa. Em relação a isso de espiritualidade eu acredito muito nisso de que existe alguma coisa e que eu sou guiado em fazer o bem. Meu guide é esse, o meu de deus é "Eu vou fazer o bem, no matter what".*

Também estudou Inglês durante quatro anos na *TransWorld* onde pode desenvolver ainda mais sua conexão com pessoas e onde se empenhou para mostrar o seu melhor e se engajar nas coisas. Percebeu que não valia a pena estudar ou trabalhar longe de casa dado o tempo de trajeto. No Inglês viveu módulos onde era necessário escolher um tema de sua preferência e dar uma aula sobre, coisa de que Carlos gostava. Mais tarde ele daria aula de matemática como voluntário em projeto de preparação para o vestibular e também, aproveitando a base diferenciada que teve quando estudou no IFPE, deu aula particular de cálculo a estudantes da graduação que enfrentavam dificuldade com a matéria.

No IFPE Carlos entrou muito introspectivo e bastante focado nas disciplinas. O impactou muito um colega chamado Otacílio Neto que, já no primeiro período, estava envolvido em projetos de robótica e competições e convidou a ele e demais colegas de turma a se engajarem também. Por meio dele Carlos conheceu o *Arduino*, que é “*um computadorzinho*” que é só uma “*plaquinha*” programável ao qual se pode conectar sensores que geram dados e permitem montar diferentes projetos. O pai de Carlos comprou um *Kit de arduino* por R\$ 100,00 num *site* de vendas chinês *AliExpress*. Com esse *kit* Carlos montou projetos que lhe renderam prêmios em competições como o *Arduhack*.

O IFPE representou um “*turnover*” de mudanças drásticas na vida de Carlos. Desenvolveu o gosto por projetos extra-classe, criou laços de amizade importantes e foi deixando de ser introspectivo para se tornar alguém comunicativo e sempre ávido por conexões humanas, atento a habilidades comportamentais. Importante o papel das “*vibes* do momento” vividas com seus amigos, por meio das quais praticaram e até fizeram cursos de Hipnose e mágica. Também pode participar de pesquisa e projetos de âmbito profissional, como a *Railbee* (em parceria com a CTTU e MetroRec). Nesse último projeto ele pode estar em contato com profissionais, desenvolvendo atividades de programação, mas também interpessoais, de comunicação e tarefas braçais como “*passar cabo*” no metrô.

Carlos fala de uma incessante vontade de fazer coisas e de estar conectado, mas que nem sempre os projetos deram certo. Exemplo foram as tentativas de desenvolver dois *softwares*, um para a barbearia onde cortava o cabelo e outro para a autoescola onde tirou sua habilitação. Hoje ele identifica que faltaram estratégias como a testagem do *software* por meio de métodos como MVP e que envolvesse os usuários da solução. Por outro lado, ele participou, junto com o idealizador Otacílio, da construção da biblioteca Brasilino, que é uma alternativa de programar em *arduino* utilizando também a língua portuguesa e não apenas o inglês. A proposta é a de possibilitar que pessoas com dificuldade em inglês e crianças que não dominam o idioma possam programar.

Para escolher o curso que queria, Carlos consultou professores, fez pesquisa sobre os cursos e áreas de atuação. Ele, que se diz bastante visual, colocou numa lousa suas competências e aptidões, imprimiu as ementas dos curso que poderia escolher e tentou, por aproximação, ver o que seria mais adequado. Também na época do Sisu, em 2016, Carlos participou de um *Hackathon* onde pode conhecer pessoas e ferramentas da área de desenvolvimento que o fizeram consolidar a escolha por engenharia da computação na UFPE. Já na faculdade Carlos continuou a desenvolver projetos para conectar pessoas com interesse comum na área e com destaque para *Hackathons* (que ele e os amigos chegaram a organizar no IFPE) e os de impacto social, com ou sem fins lucrativos.

Vivências como a do *Summer Job* da *Cesar School* tiveram grande relevância para a trajetória de Carlos. Nela ele pode trabalhar com equipes multidisciplinares, com pessoas de outros países para gerar soluções reais para empresas. Foi uma experiência que o permitiu desenvolver um “*mindset de feedback*” que foi crucial para experiências futuras. Também participou de pesquisa no Laboratório de Inovação Veicular da FIAT na UFPE, o LIVE. No entanto, depois de participar da competição da *Campus Mobile* em São Paulo, Carlos resolveu deixar o LIVE ao perceber que não estava mais alinhado com os seus interesses. A referida competição representou um novo “*turnover*”, onde ele pode viver uma marcante experiência de conhecer lugares, instituições e pessoas com “*culturas*”, “*outros mindsets*” e “*vibes de todo*” tipo, com pessoas de diferentes partes do Brasil.

A sua equipe ficou hospedada num *Hostel* juntamente com outras equipes. Ele acabou ficando alojado num quarto diferente da de sua equipe, mas passava todo o tempo junto com eles num outro quarto onde havia mais duas equipes. Essas equipes, apesar de concorrentes, se ajudavam e foram muito solidárias e cooperativas entre si. Essas foram as três equipes finalistas na respectiva categoria, que foi a de *Smart Cities*. Depois de várias fases, inclusive *online*, com diferentes desafios e tarefas (de desenvolvimento, apresentação e avaliação por banca) a equipe de Carlos, “*Padrinhos Mágicos*”, foi a vitoriosa e, como parte do prêmio, ganhou uma viagem de imersão no Vale do Silício, no estado da Califórnia - EUA.

Foi desse projeto que surgiu a sua *startup*, que leva o nome de sua equipe. A proposta consiste em identificar problemas e demandas de instituições como lares de idosos e gerar soluções com base em trabalho voluntário: “*Quem não quer trabalhar fazendo o bem?*”. Ele se mantém envolvido com outros projetos como o time de empreendedorismo do CIN, o *SandPit* e também desenvolve solução para a prefeitura, depois de ganhar a competição *Hacker Cidadão*, criando uma ferramenta de indicação de emprego a ser usada pela agência do trabalho e emprego. Carlos encara a faculdade como uma ferramenta, dando menos peso às

disciplinas e focando nos projetos que desenvolve. Para isso ele não aceita a uniformização do curso e aplica “*a lei do esforço mínimo*” quanto as matérias da matriz curricular do curso.

Mais ainda, ele vê como fundamental a conexão com seus amigos, de modo que mantém um grupo chamado “*Master Mais*”, dos amigos mais próximos que estão sempre se incentivando, compartilhando problemas, conquistas e propostas de resolver coisas da vida cotidiana, familiares ou profissionais e que se encontram todo sábado às 9h da manhã. Ele gosta de ter seus momentos de lazer especialmente assistindo séries, mas também indo a parques e se reunindo com amigos para tomar cerveja. Sempre procura se envolver em projetos que o permitam viajar. Ele também namorou por 3 meses, e diz que apesar do curto tempo, desenvolveu uma conexão forte com a pessoa e hoje são amigos, afinal, para ele, as relações são coisas que se constroem e diz que “*você é a média das cinco pessoas com quem convive*”.

**Carlos:** *E eu vejo também hoje que eu tô no ramo do empreendedorismo porque eu passei a aprender mais sobre mim. Tem aquele negócio que eu nunca lembro o nome do cara. Das sete habilidades (...). Porque hoje fala muito da lógica matemática. Mas tem também a lógica matemática, a intrapessoal, a interpessoal, a emotiva... E essas habilidades que você tem eu passei a desenvolver mais as minhas habilidades interpessoais e intrapessoais. Então como eu porto quando estou falando com alguém, como é que eu falo quando estou num grupo de pessoas, eu fico só olhando pra tu ou eu passo e olho. Tem as regras dos três segundos, eu olho três segundos e olho pra outra pessoa, e outra pessoa e você vai construindo esse ambiente. Como é que eu falo quando estou fazendo apresentação. Meu ombro tem que estar pra cima, como é que é a minha postura. Como é que as pessoas me veem hoje, elas me veem com a cabeça baixa, com a cabeça pra cima. Então como é que eu estou me mostrando e como é que eu quero ser visto. (...)é uma construção também de livros que eu li que eu falo "Velho, isso aqui é total o que eu fazer". E tem um livro que se chama "A comunicação não violenta" que eu tô lendo e que, véi, é muito mais de boas você ler um negócio e você ficar, "What the fuck?? Isso aqui é um negócio certo!". Antes de entrar na faculdade também eu tinha pensado em fazer psicologia. Mas tipo, eu gostava muito de matemática, então psicologia seria um curso eu vou fazer aí por fora, eu vou ler e aí... Tem muito disso. Teve até um livro que eu li que é "O poder do foco", que tipo no livro você tinha que pegar três pessoas e você tem que pegar as melhores coisas dessas três pessoas e que você gostaria de ter em você. De tipo, personalidade, não só de personalidade, mas coisas que as pessoas fazem. E aí tem o meu amigo Felipe que eu hackeei eles, que eu tipo, peguei as melhores coisas deles e botei em mim. E que realmente eu fiz isso. Eu vi que eu gosto muito disso em Otacílio, eu gosto muito disso em Felipe, eu gosto muito disso em Eduardo. Vou pegar cada uma dessas coisas e vou ver como é que eles fazem que eu acho coisa boa, e tem coisa ruim neles e eu não vou querer pegar essas coisas, eu vou pegar o que eu acho legal. E eu peguei e embuti em mim.*

Carlos conta também que sua vontade de querer ajudar com um *mindset* desenvolvido desde criança, quando era incentivado por sua mãe a praticar doações de roupas e brinquedos. A dimensão da geração de impacto, de poder, de alguma forma, fazer o bem “*no matter o what*” é o *guide*, o Deus e a religião de Carlos. É nessa perspectiva que ele se engaja no empreendedorismo, buscando sempre aprimorar a si mesmo.

### 5.2.3 Daniel: empreendendo em *startup* como uma jogada segura na vida

A entrevista ocorreu no dia 5 de agosto de 2019, às 16h no 4º andar de um prédio do Centro de Informática da UFPE, numa sala chamada “O *Pitchi*” usada pela *Startup* onde o Daniel trabalha. O contato de Daniel foi obtido por meio de Marina Mota, que conheci no Evento do *Rec’n’Play*. A partir do pedido de Marina, Daniel entrou em contato comigo pelo *whatsapp* no dia 25 de julho de 2019, e então marcamos a entrevista. A sala era bem equipada e silenciosa. Um dos integrantes da equipe trabalhava num *notebook* numa outra mesa, usando fones de ouvido e completamente absorto em seu trabalho.

Daniel é filho de uma professora de história que trabalha nas redes públicas municipal e estadual e de um mecânico de automóveis que é dono de sua própria oficina. Ele relata que foi educado para fazer jogadas seguras na vida; para seguir um “*caminho batido, bem estabelecido*” de um curso e emprego tradicionais. Foi esse o principal motivo pelo qual entrou no curso de Engenharia da Computação da UFPE, pela “*segurança que o diploma (de engenheiro) dá*”. Ele também conta que seus avós eram muito pobres e chegaram mesmo, no caso dos avós paternos, a passar fome. Seu pai é oriundo do interior de Pernambuco e é um dos irmãos mais velhos de um total de seis filhos, que saiu do interior e foi buscar uma vida melhor na capital, Recife.

Foi então que seu pai ingressou na então Escola Técnica (Hoje IFPE, onde Daniel estudou) mas não conseguiu concluir o curso, o que Daniel vê como uma “*maldição de família*”, já que também não concluiu o curso técnico no IFPE. No caso de seu pai, o motivo foi o desgaste de trabalhar em chão de fábrica e fazer o curso simultaneamente. “*Ele nunca me estimulou muito a assumir muitos riscos. Era um discurso bem típico do faça um curso que dê dinheiro e depois tente passar num concurso*”. E sua mãe dizia: “*faça concurso da Petrobrás, seja engenheiro da Petrobrás! O filho de num sei quem é engenheiro da Petrobrás e tá muito bem, comprou um apartamento pra mãe e tá ganhando um salário de num sei quantos mil reais!*”

Daniel diz que pelos seus pais, jamais teria entrado no empreendedorismo *startup*, mas que, para eles, o simples fato de estar na UFPE já é motivo de grande orgulho. Na intenção de seus pais ele deveria seguir o percurso de concluir a graduação e fazer mestrado e doutorado, pois essa é a “*carreira mais bonita*”. Até certo ponto ele concorda com isso e admira quem teve “*a coragem*” de fazer essa escolha, “*ainda mais nesses tempos*”. Ele sempre se identificou com cursos como física e matemática e sempre preferiu leituras mais acadêmicas, inclusive em filosofia.

**Daniel:** *E uma coisa que eu penso até hoje é que, se por acaso fosse, a vida tivesse um pouco mais de estímulo eu trocaria tranquilamente uma renda de 5 vezes maior, é claro, salvo um valor certo mínimo, né, de um pouco de conforto na vida. Mas eu trocaria um renda muito maior na indústria, numa empresa minha ou não, seja numa startup que eu criei ou não pra ser professor aqui. Porque eu acho que realmente é, eu fiz I.C. Iniciação científica, dois anos de I.C. E Foi uma das experiências mais confortáveis pra mim, mais agradáveis. Eu não insisti nisso basicamente porque eu tive medo mesmo, eu tive receio de passar por muita dificuldade e acabou sendo, manifestando um pouco da educação que meus pais me deram e se voltou um pouco até contra o que eles queriam, porque eles me educaram a não assumir tanto risco e, na época, eu achei que perseguir a vida acadêmica era o maior risco que eu poderia assumir.*

Para ele, a opção de empreender em *startup*, se levada a sério, proporciona a oportunidade de conhecer pessoas e instituições relevantes, lhe confere visibilidade de modo que, empreender em *startup* no CIN, para ele, “*não é um risco tão grande quanto a maioria das pessoas pensa*”. Há a possibilidade de o projeto falhar, mas a experiência adquirida torna improvável a chance de ficar desempregado, em último caso. Apesar da percepção de risco que seus pais tinham sobre empreender, Daniel, atuando em *startups* a partir do CIN, percebeu que, na verdade, poderia ser a jogada mais segura a fazer em suas circunstâncias. Acerca de seu pai ele diz que,

**Daniel:** *Embora ele mesmo seja um empreendedor individual. Ele é mecânico hoje em dia de automóveis e ele não... Ele acha super certo, que ele tenha feito essa escolha, que ele tenha escolhido ser autônomo e trabalhar pra ele próprio... Ele sempre falou... Sempre fala muito mal da experiência de ter que trabalhar pros outros e de ter que lidar com todos os sapos que a pessoa tem que engolir, especialmente na vida de trabalhador de chão de fábrica que ele levou. Mas mesmo assim ele não... O que ele queria pra mim num era a vida de trabalhador peão que ele teve, mas a de um engenheiro, por exemplo, que na cabeça dele é uma vida mais tranquila, são horários de trabalho mais curtos, com salários melhores e com um patrão que supostamente lhe respeite um pouco mais. Mas não sei se isso é verdade, creio fortemente que não.*

Desse modo, Daniel coloca que destoa bastante da “*média dos jovens empreendedores do CIN*”, pelo menos pelo que nota em eventos de que participa. Nunca foi um sonho ou meta de vida que o acompanha desde a infância, como outros empreendedores contam sobre si mesmos. Sobre a infância, em suas atividades escolares ele se define como um estudante “*caretão*”, sempre com bom desempenho e bom comportamento. Seus pais nunca precisaram se preocupar nesse quesito. De seu ponto de vista, parte disso se devia ao seguinte fato:

**Daniel:** *Eu também nas escolas em que eu era, em que eu estudei, em todas elas eu tinha, num era bolsa mas eu tinha um abatimento de dez, quinze ou 20%. E uma das coisas que era exigida pra que não fosse perdido esse abatimento era o bom desempenho escolar. Então de certa forma eu também nem tinha a escolha de não ir bem nos estudos.*

Ele relata que houve um episódio de suas notas caírem o que foi atribuído a uma crise no casamento de seus pais, embora ele diga que, na época, não se deu conta disso. Quem percebeu foi um grupo de uma instituição católica da qual fazia parte, “*Arautos do Evangelho*”, onde teve acesso às aulas de karatê de que gostava. Esse era o motivo pelo qual

fazia parte do grupo, já que não participava ativamente da vida religiosa. A família da mãe era católica, já o pai, “*espírita kardecista*”. No entanto, sua relação com a religião sempre foi muito distante. Ele chegou a fazer o catecismo e a primeira comunhão por causa de uma tia beata.

Conta também que ao passo em sua irmã diz que gostava de cantar porque sentia que “*Deus estava ouvindo*” ele nunca teve essa relação: “*Tem gente que nasce sem o bichinho da fé e eu acho que eu sou uma dessas pessoas*”. A única vez em que a religião pode lhe promover uma sensação de alívio ele diz não valer, já que o medo que teria sido aliviado foi causado pela própria religião. A situação ocorreu depois que ele, que se dizia uma “*péssima criança*” de “*temperamento explosivo*” ter se aborrecido e “*xingado dos céus ao inferno todo mundo*”. Daí ouviu de uma amiga da mãe que “*proferir impropérios diretamente contra o espírito santo*” é um pecado sem perdão.

**Daniel:** *E aí eu pensei "Fudeu! Tô no inferno agora!", tá ligado!? "Tem nem... Fiz nem 12 anos de idade mas já tô no inferno". Porque, né, falei... Aí na hora assim, deu um medo! Deu um medo tão forte que eu chorei. Porque eu pensei assim "Fudeu, vou pro inferno, ele vai dizer pra mim que não tem como me perdoar e fudeu!". E o padre olhou pra minha cara riu e falou "Então meu filho, você era uma criança!" E me botou pra rezar três Pai nosso e três Ave Maria.*

Daniel diz que na verdade sempre foi muito apegado à ciência e se as pessoas tendem a tomar por referência outras pessoas, ou gurus, que ele detesta, seu fundamento é sempre em referências científicas e filosóficas para construir a sua visão de mundo e noções éticas e estéticas, inclusive sobre o que é certo ou errado. Ele se diz bastante crítico a certos discursos de *Coaching* comuns ao meio empreendedor. Também conta que, apesar de não ter sido um “*menino de apartamento*” e ter brincado na rua, sempre foi um “*jogador hardcorezinho*” na infância e adolescência e que até hoje, apesar de não ter mais tempo, gosta de jogos.

Sempre jogou sem se ater aos objetivos e missões do jogo. Com o tempo passou a preferir jogos com mais história e estética, inclusive os de RPG. Investiu bastante dinheiro em jogos, inclusive com o dinheiro que ganhava de suas bolsas na UFPE. O jogo também o ajudou a aprender Inglês que, juntamente com as leituras em inglês que fazia na *Wikipédia*, sobre física e filosofia, correspondem a maior parte do que sabe em inglês hoje, tendo sido esses fatores mais importantes que os cursos que fez de idiomas. Ele também sempre gostou de artes marciais e praticava um estilo de luta sem proteção, encarando isso como um desafio pessoal, para desenvolver uma mentalidade de lidar de forma desportiva com o que considerava o maior temor: o da dor física. Mas conta que apesar de ter sido uma criança destemperada, nunca foi violento fisicamente ou competitivo.

**Daniel:** *É... Eu nunca fui pessoalmente, apesar de gostar de artes marciais e tal, eu nunca fui muito competitivo. Assim, nunca tive aquela vontade de ganhar dos*

*outros. Então assim, o jogo multiplayer eu gosto de ganhar pro jogo. Jogar, ter aquela experiência e aí seguir em frente e jogar outra coisa. Então assim, aquela... O multiplayer, ele pende muito pro lado da competição e tal de você querer que... Por exemplo os jogos hoje em dia têm aqueles Lider Boss de botar num sei o que de Bronze e Diamantes que até parece que o LoL tem aquele negócio da classificação de você no jogo. Mas eu nunca me importei muito com isso. Mas ao mesmo tempo ninguém gosta de perder.*

Em um certo momento da vida os negócios do pai iam muito mal e a oficina faliu. Somente a renda da mãe passou a sustentar a família. Com pavor de ter que ir pra uma escola pública estadual, Daniel estudou para entrar no IFPE e conseguiu. Sua escolha pelo curso técnico de eletrotécnica, no entanto, ele considera infeliz. Sempre achou a parte técnica do curso detestável e tediosa. Apesar de se identificar com a instituição, ele não gostava de seu curso e pensava que se tivesse escolhido eletrônica teria sido mais feliz:

**Daniel:** *A técnica era uma coisa muito óbvia e aí você tinha que desenvolver a habilidade manual para desenvolver aqui bem feito e tal e não me estimulava intelectualmente. Eu não me sentia, aquilo não me atraía. E aí eventualmente depois de me arrastar o curso durante muito tempo. Mesmo sem reprovações eu não queria mais. E aí quando na época eu fiquei sabendo que o Enem ia abrir essa possibilidade e aí eu acho que foi o primeiro ano em que o Enem abriu essa possibilidade.*

No IF ele pode relativizar o seu estilo “caretão” de estudante. Tinha um bom rendimento, mas quando estava de “*saco cheio de aula*” decidia que faltaria, usando sua cota de 25% de faltas possíveis, para jogar bola.

**Daniel:** *Não pretendo ter filhos mas se eu tivesse filhos eu queria que eles estudassem numa escola naqueles moldes. Eu acho que na minha opinião a escola técnica ela fornece meio que uma antecipação de responsabilidades na vida da pessoa. Porque você tem uma certa vivência de universitário, parecido. Você tem liberdade e os professores não ficam no seu pé. E eu acho assim, teve colegas meus que abusavam, mas eu acho que é bom, assim. Mesmo que a pessoa abuse, a pessoa ter a oportunidade de abusar tão cedo na vida, eu acho interessante, assim. Se for pra errar que erre logo cedo, né? E eu achava legal. (...)E eu inclusive acho que se os empregos dessem mais brecha para as pessoas tirarem um day off simplesmente porque estão de saco cheio, eu acho que os empregos segurariam mais as pessoas.*

Com a chance de obter o certificado de conclusão do ensino médio pelo Enem, Daniel pesquisou qual curso fazer na UFPE, “*ainda na época do Orkut*”. Acabou optando por engenharia da computação e passou. Ao longo do curso ele foi desenvolvendo cada vez mais afinidade. Participou de iniciação científica (IC) duas vezes, chegou a apresentar artigo em congresso e depois deixou a IC em função da bolsa na *Apple Develop Academy*, que tinha um valor melhor. Aí ele já começou a ter contato com o empreendedorismo e perceber que, apesar de discordar de muita coisa, algumas outras faziam sentido, inclusive do ponto de vista técnico.

Mas foi na disciplina de “Projetão” que Daniel teve a vivência mais marcante e decisiva para a entrada nesse meio. A disciplina é cursada no oitavo período e os alunos formam equipes para desenvolver projetos voltados ao mercado. Apesar de não concordar

com a proposta como um todo e de estar cursando por ser uma disciplina obrigatória, Daniel se permitiu levar com seriedade a experiência:

**Daniel:** *Só que a medida em que eu fui, a cadeira foi desenrolando e a gente foi fazendo projeto, eu percebi que aquela visão, por assim dizer, de empreendedorismo que é uma coisa que a gente não tem no curso de engenharia, a gente não estuda praticamente nada voltado pra negócios, aquilo tava... Mesmo que eu não concordasse muito com tudo o que eu escutava eu, de certa forma me abria a mente e me fazia aprender coisas que de certa forma eu não aprenderia de outra forma. E também até tecnicamente, porque participar daquilo e por tá fazendo alguma coisa que era voltada pra resolver algum problema de verdade, eu acabei aprendendo coisas tecnicamente da área de programação em si que se eu fosse deixado solto, provavelmente eu não aprenderia. E eu achei, quando terminou a cadeira a gente ficou, na época a gente foi o grupo premiado como melhor grupo, que mais se adequou à necessidade do mercado em si com a solução que a gente fez. E a gente teve uma conversa em que o pessoal perguntou "E aí, quem é que vai querer continuar?". Porque todo mundo precisava ficar, porque antes era uma cadeira mas agora todo mundo passou, todo mundo tá livre da obrigação e quem é que vai ficar? E eu acabei ficando, mas eu não escolhi ficar pelo sonho de empreender. Eu escolhi ficar porque eu me admirei do quanto eu tinha aprendido com aquilo e eu pensei, "Poxa, por que não ficar?". E eu ainda tenho tempo pra isso, eu posso alocar um tempo da minha vida pra isso e vamos ver até ode essa experiência me leva. Vamos ver o que é que eu posso aprender e o que é que eu posso me desenvolver. E aí, desde então, 2017, a gente já votou, né, que o termo que a gente utilizou para abandonar a ideia original e formular um outro nome pra coisa. Mas o pessoal dos originais que eram 11 ou 12 já entrou gente e saiu gente e hoje em dia a gente é seis. Mas dos seis, só um não era das pessoas que originalmente tavam nesse grupo que participaram da cadeira. É uma pessoa que veio depois.*

Daniel também conta que seu papel na *startup* é mais na parte de desenvolvimento e que nas reuniões, só fala quando discorda fortemente de algo. Também diz que não é muito sociável e tende a ser mais reservado. Tem a tendência de, ao longo de sua trajetória, deixar muitos amigos para trás, principalmente depois de sair de certos contextos. O maior motivo é a falta de contato, do que ele não sente uma necessidade frequente. Em contrapartida, no que diz respeito ao trabalho, ele diz que as pessoas imaginam que em sua área é viável o trabalho a distância e *home office*. Mas não teve uma experiência boa em sua *startup* com essa modalidade de trabalho. É o trabalho e o contato presencial do time que permite um fluxo de execução de atividades e um ritmo maior de produção, já que o contato direto evita dispersões e motiva o foco.

#### 5.2.4 Eduardo e seu investimento de fé

O contato de Eduardo foi obtido por meio da entrevista com Carlos. No mesmo dia 5 de agosto, em que ocorreu a entrevista com Carlos, eu falei com Eduardo pelo *whatsapp* e marcamos para às 14 horas do dia 6 de agosto de 2019 a entrevista, que ocorreu no prédio principal do CIN, num dos corredores. Eduardo foi muito solícito. Ele é oriundo de uma família de classe média baixa. Seu pai é professor de Biologia e depois se tornou gestor escolar. Por ter licenciatura, o pai de Eduardo estava habilitado, à época, para suprir carência

na escola dando aula de matemática. Isso levou Eduardo a “durante muito tempo” achar que seu pai fosse “matemático”. A isso ele associa seu interesse maior por matemática durante toda vida escolar.

Atualmente a mãe de Eduardo tem graduação e pós-graduação em Relações Públicas e trabalha como vendedora. Ela conseguiu se graduar graças ao incentivo de seu marido e vem de uma trajetória de muita pobreza, tendo vivido até mesmo situação de miséria e fome. O ensino fundamental de Eduardo foi em escola particular. Para ele, o direcionamento dado por seus pais permitiu-lhe “chegar onde chegou”. Ele sempre esteve motivado a estudar porque sabia que seu pai havia “lutado muito por aquilo”, pra dar um futuro melhor à família e ele tinha que aproveitar a oportunidade. Ele também diz que seus pais sempre o incentivaram a gerenciar bem o dinheiro.

**Eduardo:** *Eu lembro que eles compraram um cofre azul. Aí tinha um verde e um vermelho que era pros meus outros dois irmãos. E aí eu sempre juntava no meu e, no fim, eu consegui juntar mais dinheiro que eles. Talvez, eu acho que eu fui incentivado mais cedo, porque a gente ganhou esses cofrinhos juntos e eles... Eu era o mais novo e eles eram mais velhos. Então eles já tinham malícia e tudo o mais. Eles ficavam com a faca tirando o dinheiro do cofrinho e eu não fazia. E no fim eu acho que quando abrimos o cofrinho, juntando o deles num tinha metade do que tinha no meu.*

Eduardo deu esse dinheiro aos pais para ajudar na compra do apartamento, já que “tinha consciência” que também era pra ele morar. Para ele, a educação que recebeu dos pais o ajudou a pensar no coletivo e ele trouxe isso consigo para promover um negócio de impacto social em sua *startup*, a “Padrinhos Mágicos” (mesma de Carlos do tópico 5.2.2). Em relação à religião, a mãe dele é católica e o pai é espírita.

**Eduardo:** *Só que em momento nenhum, nenhum dos dois me incentivou a nada de voltado à parte religiosa. Então eles não chegavam e "Ó, você tem que ir pro centro espírita, você tem que ir pra Igreja Católica!". E por incrível que pareça, quando eu era mais novo, por causa do meu ciclo de amizade, eu comecei a frequentar a Igreja Evangélica. E eu frequentei por um tempo e depois eu basicamente fui entendendo umas coisas e fui sendo contra algumas coisas e tudo o mais.*

Hoje, se assumindo cristão e crente em Deus, Eduardo não pratica nenhuma religião. Ressalta a importância de seus pais incentivarem o diálogo e a parceria, de modo que ele sempre teve voz, ao invés de lidar com imposições e autoritarismos. Quando indagado sobre o que ele tem e que é condição sem a qual não poderia empreender, responde pronta e veementemente:

**Eduardo:** *Estrutura familiar! Eu acho que essa é a palavra certa. Eu acredito que hoje se eu tivesse muito mais responsabilidades e se tivesse que estar conciliando tudo isso, eu acho que seria muito difícil. Porque querendo ou não eu ainda dependo da minha mãe em alguns aspectos. Eu moro com ela. Então as minhas contas a pagar, eu tenho o meu dinheiro. Só que você ter essa base familiar, esse apoio e essa segurança de que eu posso arriscar que se não der certo eu tenho o apoio. E eu acho que pessoas que têm esse apoio é mais difícil de você tá arriscando alguma coisa. E é mais perigo, você não sabe o que é que pode*

*acontecer e tu pode se prejudicar muito mais do que se tu tivesse uma estrutura familiar e tudo o mais. Mas eu acredito que é isso.*

Ele conta também que sua mãe tem tomado como dela cada uma das conquistas de Eduardo e é muito orgulhosa dele. Ela diz que ele é o investimento dela. Para ele é motivo de muita felicidade ser esse motivo de orgulho para seus pais. Sempre valorizou o esforço de sua mãe, que pagou seu curso de Inglês e buscou seguir o caminho inverso do de seus irmãos, que, para ele, não aproveitaram as oportunidades e frustraram os pais. Ele também conta que desde os oito ou nove anos tem acesso a computador com *internet*, sendo que a internet era a discada. A partir daí ele foi tendo acesso a outras tecnologias e pode acompanhar o crescimento da *internet*.

Ganhou da mãe um videogame quando tinha 12 anos. Conta que não era a melhor versão para a época, mas foi o que sua mãe pode comprar e ele pode se divertir bastante. Além de jogar, Eduardo também gostava muito de vender e ganhar dinheiro, sempre poupando para ter reserva e poder empregar bem. Na escola ele observava o que estava na moda, como pulseiras em espiral e então as comprava em grandes quantidades. Então vendia a um preço abaixo do que era praticado, mas com sua margem de lucro. Seu gosto por matemática o ajudava bastante com as vendas.

Ele diz que quando migrou para a rede pública de ensino, encontrou muita facilidade com as matérias e se frustrou muito com o que era cobrado. Sequer precisou executar seu plano de estudos para manter um alto rendimento. Ele havia prestado vestibular para estudar o ensino médio no IFPE, mas não conseguiu aprovação. No entanto, foi aprovado no SENAI, no curso de Eletrônica. Lá ele se envolveu num projeto recebendo uma bolsa de R\$ 300,00, podendo montar seu primeiro computador e ter mais autonomia em relação aos pais. Por meio do SENAI também se envolveu com projetos e conheceu o *arduino*.

**Eduardo:** *E aí eu acho que se eu não tivesse no SENAI seria um pouco difícil de tá lidando com a tecnologia. O ambiente lá também é super inovador, tem competição e tem um monte de coisa. Então foi o que me motivou a tá estudando e procurando esses cursos na área de tecnologia também. (...) E foi lá também que eu tive o contato com a parte de administração, por que a gente tinha cadeiras de administração e era bastante interessante. Eu vi que eu achava legal, enquanto muitos amigos meus achava tedioso, achava chato. Eu já achava bacana aquilo dali. (...) E eu via que tinha que pensar fora da caixa, muitas vezes. Porque quem tá empreendendo, quem tá vendo essa parte de diferencial hoje não é quem tá imerso no curso. Então hoje eu faço engenharia da computação, eu tenho noção de várias tecnologias que estão no meu curso. Só que pra você tá empreendendo você tem que tá empregando essa tecnologia em setores muitas vezes diferente do teu e saindo da tua zona de conforto. Tem que tá pensando fora, tem que tá no contato com outras pessoas pra tá entendendo justamente essas dores que tu não consegue enxergar.*

Sobre o ingresso na faculdade, seus amigos o incentivaram a escolher um curso no CIN. Contribuiu o fato de ter conhecido a disparidade tecnológica entre o CTG (Centro de

Tecnologia e Geociências) da UFPE, onde poderia escolher Engenharia Eletrônica, e o CIN. A sua base escolar em algumas matérias também pesou na escolha, como a deficiência em física e, especialmente, em química. Apesar de ter dificuldade em física, o que lhe custou uma reprovação na faculdade, ele gosta de algumas subáreas dessa matéria. Mas como Engenharia Eletrônica tinha a disciplina de Química em sua matriz curricular, ele preferiu Engenharia da Computação. O fato de as notas para aprovação nesse curso serem altas, o Sisu representou um momento de tensão muito grande e a escolha pelo curso foi arriscada.

Assim que entrou na UFPE, Eduardo começou a participar de *Hackathons*, onde pode entender o universo de *startup* e inserir-se nesse meio, lidando com os três pilares em que a competição se baseava: *design*, desenvolvimento e negócios. A partir disso ele passou a buscar mais conhecimentos e chegou a fazer um curso técnico de administração, para não ficar completamente dependente e para saber o básico na hora de procurar por parcerias e serviços de que seus negócios precisassem. Foi também em *hackathons* que ele percebeu a importância de ter um time multidisciplinar o que considera uma debilidade de sua *startup* que é composta de desenvolvedores, apenas.

Além disso, para conciliar a *startup* com as demais atividades do curso, inclusive com as pesquisas que lhe “garantem o bolso” ele precisa gerir bem o tempo e fazer algumas adequações, diminuindo a quantidade de “cadeiras” nas quais se matricula e reservando 15 horas semanais para a *Startup*, ocorrendo encontros presenciais à noite. Ele se envolveu num projeto de pesquisa do LIVE (assim como seu amigo Carlos). Hoje ele é capaz de desenvolver em diferentes linguagens de programação e que, nesse projeto, lida com sistemas desembarcados e prototipação, mas prefere trazer propostas para os problemas dos clientes. Esses clientes geralmente são empresas, para as quais gera produtos personalizados. Essas dores de que fala também podem ser criadas, ao mostrar para as pessoas as facilidades possíveis de que ainda não dispõem.

O que importa é gerar produtos que tenham relevância e impacto real na vida das pessoas. Nesse sentido, Eduardo entende seu curso como “coringa”: “*A gente pode estar envolvido em qualquer lugar porque a gente tem a tecnologia. Então tudo hoje pode ter tecnologia e aí eu gostei muito dessa parte*”. Apesar disso, relata problemas com o curso relativas à didática dos professores, à defasagem de certos conteúdos que deveriam ser indispensáveis, mas que não são vistos, além do fato de ser um curso integral, o que dificulta o estágio e o envolvimento com atividades remuneradas: “*Hoje tu tem que tá trabalhando em lugares que são flexíveis e por bolsas, porque estágio na área de engenharia, principalmente aqui no CIN, você só consegue estagiar com 63% do curso completo*”.

Além disso, ele diz que é difícil lidar com o risco, principalmente no momento crítico e de alta incerteza da *startup*, de modo que ninguém do time largou suas atividades remuneradas para se dedicar somente à *startup*. Até conseguir investimentos como os de programas de aceleração e incubação, é necessário assumir o risco calculado e também ter fé:

**Eduardo:** *Eu acredito que essa é a palavra certa, você estar acreditando que aquilo ali ele é alguma coisa que é escalável e você tem que... Startup eu acredito que é um pouco de fé também! Você, óbvio que tem a parte que vai tá correndo o risco calculado que é importante, você tem que ter essa noção. Mas é você tá entendendo o ambiente e você vê muita, muita possibilidade de dar certo, muita chance de crescimento. E quem entra a parte de desde que eu aprendi também em Hackathon, eu gosto muito de dar o pitchi, às vezes, no Hackathon; e eu gosto de dar o pitchi principalmente quando eu compre a ideia.*

Para ele parece ser fundamental utilizar-se de estratégias de testagem e métrica de desempenho como o MVP e de otimização dos processos como o “*Lean Startup*”, pois permitem assumir o risco calculado. Mas é a fé no projeto que gera a motivação e a sintonia da equipe para continuar arriscando, para continuar investindo. A conciliação da fé com o risco calculado do investimento também tem a ver com a necessidade de gerar valor num negócio de impacto social originalmente pensado como “*non profit*”. Isso porque é essa geração de valor e de renda que permitirá tornar a *startup* a principal atividade, para então obter êxito.

Essa percepção, ou *Mindset* foi obtido com a participação no *Campus Mobile*, cuja vitória lhe rendeu, dentre outras coisas, uma viagem para o Vale do Silício. Esses eventos geram, ao mesmo tempo, aprendizagens importantes e recursos. Por fim, Eduardo tem buscado diversificar suas atividades e distribuir melhor o tempo para sempre ter momentos com a família, com sua namorada (está há cinco anos num relacionamento) e poder fazer viagens de lazer. Também está buscando retomar um ritmo de atividades físicas regulares:

**Eduardo:** *Em relação às atividades físicas eu já pratiquei bastante, hoje eu tô um pouco sedentário e eu tô tentando voltar. Então eu voltei a pedalar. Na época que eu estudava no SENAI eu fazia ciclismo e musculação, então... e corria também. Então eu fazia muita coisa. Só que depois quando eu comecei a faculdade e trabalhar, é quase impossível você ter foco. Hoje eu tô indo pra academia quase dez horas da noite e eu tô tentando. Depois eu fico: ‘Eita, só falta uma hora pra academia fechar e eu tô indo agora, ou vai, ou vai’. E tô tentando voltar porque eu tava bem acima do peso. Eu acho que na época quando eu tinha 16 anos eu tava praticando tudo isso eu pesava 85kg e mês passado eu tava com 104kg. Então ganhei quase vinte quilos, por aí. E agora eu tô com 98kg. Então eu tô perdendo peso e pretendo voltar pra os 85kg.*

### 5.2.5 Felipe: a iluminada lenda em construção

Felipe vem de uma família de funcionários públicos: o pai é funcionário do Tribunal de Justiça de Pernambuco e a mãe é professora da rede pública estadual de ensino. Tem um irmão que é seis anos mais velho que ele e que, posteriormente, formou-se em administração

na UFPE e veio a se tornar também um funcionário público na UFBA. Desde criança, com seus sete ou oito anos, Felipe gostava de vender coisas. Montava uma banquinha na rua de casa e vendia *kits* que doces e outros brindes que ganhava das festas que ia, ou brindes da *McDonald's*. “*E eu sempre achei, desde pequeno, eu tinha a mentalidade um pouco de que dinheiro é um recurso pra você conseguir usar em outras coisas*”.

O pai achava essa atitude engraçada e dava apoio. Felipe morava com os avós no bairro de Jardim São Paulo, em Recife-PE. No ensino fundamental estudou numa escola particular, o Colégio Visão. Nessa época, montou um canal no *Youtube* para tratar, com humor, das coisas que gostava, inspirado por *Youtubers* que se tornavam referência no Brasil nos anos de 2011 e 2012: “*E aí eu chamei uns amigos na sétima série do Ensino Fundamental e eu disse assim, ó ‘Vamos fazer um canal no youtube como realmente uma coisa profissional e tentar evoluir’*”. Tinha todo um cuidado artístico com o canal, coincidiu com a época em que fazia um curso de computação gráfica.

Mas no início do Ensino Médio abandonou esse projeto porque se sentia constrangido com as avaliações negativas e porque não obteve retorno por “*não encontrar as pessoas certas*” tão dispostas e empenhadas quanto ele. Então Felipe toma uma decisão: “*Pô, véi, vou começar a estudar e vou parar com isso*”. Mas da experiência que teve com computação gráfica Felipe conta que desenvolveu o gosto por lidar com tecnologia e inovação, embora não soubesse bem o significado desses termos. Então tomou conhecimento da Escola Técnica Estadual (ETE) Cícero Dias e do IFPE. Amigos da escola o incentivaram a se inscrever e prestar o concurso para ingresso nos cursos dessas instituições. Na primeira, o interesse seria em Desenvolvimento de Jogos; na segunda, o que mais se aproximava de seus interesses era o curso de Eletrônica.

Não passou de primeira na ETE, mas acabou passando no IFPE: “*Decidi e entrei no IF por questão de minha mãe achar melhor e ela era professora da rede estadual e achava que estadual era ruim. E aí botou pressão pra mim, pra eu ir pra federal e eu fui pra federal que, no caso, era IFPE, né? E aí lá um fator muito importante pra mim foi conhecer meus amigos*”. Foi por conta desses amigos que Felipe começou “*a entender que, era muito melhor ter as conquistas extraclasses de fora*”. Essa mudança de perspectiva foi importante para Felipe porque tem a ver com seus engajamentos futuros que partiram desse ponto, ao mesmo tempo em que remetem a questões passadas, de sua infância.

Acerca de sua infância, Felipe conta que seu avô era uma referência, quem cuidava da família, um líder, o “*Chefe da família*”, assim como o é o seu pai, que ele define como um “*líder nato*”. No entanto à época do ensino fundamental seu avô faleceu. Ele ficou muito

abatido, contou que chorou pensando sobre e tomou a decisão de cuidar de sua família assim como fez seu avô, “*chamou a responsabilidade*” para si e se empenhou em fazer o certo: “*Eu prometo a meu avô, e ele nem sabe disso, mas eu vou cuidar da minha família da mesma forma!*”. Não usou o luto para justificar a falta na escola e foi assistir aula porque era o certo. O avô também sempre consertava coisas, e Felipe aprendia observando e acabou incorporando essa característica.

Essa conduta de muito engajamento, de muito empenho se expressava também no desempenho escolar, fato que Felipe disse ter mudado depois do IFPE. No ensino fundamental ele chegou a chorar por tirar uma nota 9,5, tinha que ser nota 10:

**Felipe:** *Minha mãe achava que eu era muito focado, eu era muito determinado. E aí você quando é criança ou é oito ou é oitenta e aí eu perdi outras coisas. E aí minha mãe dizia "Olha, cuidado, eu acho que você tem que ser mais tranquilo". Minha mãe é uma pessoa muito tranquila. Minha mãe é uma pessoa que faz o básico e ela aproveita a vida dela de outra forma, não no trabalho. E meu pai também. Nunca foi aquele negócio de que "Olha, a tua nota tá baixa". Ele nem ia ver a nota, tava boa sim. Então eu é que me esforçava, pedia pra ir lá ver a nota e não sei o que e tal. E eles eram bem tipo, "Ah, tá bom!". Até porque eles sabiam que eu me cobrava. Então eles falavam mais com meu irmão. Meu irmão era muito (...) relaxado e eu era o oposto. E era ambicioso desde pequeno!*

Na escola também Felipe lançava mão de diferentes estratégias para poupar dinheiro. No lugar de comprar lanche lá, levava de casa, ou pedia um pouco de cada colega e acabava poupando do seu. Era importante preservar o recurso do dinheiro. Depois de entrar no IFPE e conhecer Otacílio, Eduardo, Carlos e Maicom, Felipe montou uma base de referências e de apoio mútuo que foi fundamental para as decisões que tomou, inclusive a de entrar no curso de Engenharia da Computação no CIN – UFPE. Ainda no IFPE ele, que gostava muito do universo *Geek* (estilo estético e de consumo “*nerd*”, voltado a referências de cinema, música, jogos, eletrônica e etc) criou a *Tosh*, uma loja *on-line* (no Instagram e Facebook) que vendia quadros customizados no estilo *geek*, onde o cliente “montava” a arte e ele e a equipe produziam e enviavam para o endereço do cliente.

Com o tempo Felipe percebeu que não queria trabalhar com isso, afinal já estava cursando eletrônica. Mas manteve-se produzindo os quadros para os pedidos que surgiam, já que rendiam dinheiro. O projeto durou quatro anos, até 2017, quando Felipe entrou na faculdade. Ainda no IFPE Felipe pode conhecer e desenvolver um laço de admiração mútua com um professor, o Erick Viana que pode ser uma referência para o empreendedorismo e um apoio afetivo que Felipe gostaria muito que seus próprios pais pudessem ser. Ele se queixou que seus pais não entendiam o valor do que ele fazia e que somente com os resultados que consegue com premiações em competições, como os *Hackathons*, é possível, ao menos, fazer com que os pais vejam algum sentido em suas atividades empreendedoras.

***Felipe:** Doideira! Por exemplo, quando eu voltei com 10 mil reais do Rio de Janeiro com 18 anos, ele fizeram ‘Oxe, que porra é essa? Num fim de semana! Dez mil reais no fim de semana e eu não ganho isso trabalhando em dois meses!’. Tá ligado? E aí começaram a notar que tinha alguma coisa ali. Tipo, tá estranho esse menino ganhar esse dinheiro assim, do nada. Começaram a entender que fazia sentido o que eu faço, mas até hoje, eu não consigo ter uma conversa de verdade com meus pais.*

*Tipo, isso que a gente tá conversando aqui, que eu tô falando pra tu, que não é bem uma conversa, é mais um monólogo, de escutar de verdade e tal. Então eu sou bem afastado em relação a minhas escolhas. Eu estudei pra ter escolha sozinho e eu falo pra ele que vou escolher isso. Só pra tipo, deixar claro. E aí meus pais achavam muito estranho isso do Hackathon, por exemplo, muito estranho! Mas eles começaram a entender. Então eu tinha um professor aqui no IFPE que era meu guru, o cara mais próximo a mim que era o professor Erik. E aí ele queria fazer palestra sobre isso, sobre empreendedorismo e tal desde pirraia e aí falar sobre criatividade e tal. E aí ele me chamava e um dia meu pai foi ver a palestra. E ele perguntou ‘E aí, o que é que você acha do meu filho?’. E ele ‘O seu filho é incrível!’. E aí ele ficou sem entender nada, tá ligado? Por que eu sou próximo até hoje do professor, então ele é um cara bem... Ele é um exemplo pra mim de liderança, assim. Eu sempre procurei mentores pra seguir e ele e Murilo Gun são ele, por exemplo. Que é um cara que eu sigo desde sempre e eu digo ‘Cara, esse cara é espetacular! O que que é que posso aprender com ele e o que que eu posso ensinar pra ele, o que eu posso dar pra esse cara!’.*

Situação similar ocorreu quando a *startup* de Felipe conseguiu incentivo de 100 mil reais num programa de aceleração da *Overdrives*. São momentos em que, para eles, seus pais conseguem ver sentido no que ele faz. Ou ainda numa conversa que teve com o dono de uma rede de apostas em Pernambuco que o chamou de “incrível” ao seu pai. Depois do IFPE, Felipe teve de escolher qual curso faria, mas sabia que seria na UFPE. Sua decisão ponderou alguns elementos, como o prestígio e o reconhecimento que um diploma universitário poderia lhe conferir, ainda mais se fosse em alguma das áreas tradicionais, no caso a engenharia. Apesar de sempre apresentar um perfil mais administrativo, o que o levaria a escolher o curso de Sistemas da Informação, ele preferiu cursar Engenharia da Computação, considerando a pressão exercida pelos pais, o reconhecimento do diploma (fator que ele diz que não levaria em conta hoje) e também porque, em tese, aprenderia mais.

Essa busca por reconhecimento parece uma constante na vida de Felipe. Em sua trajetória a busca por isso o impele a um alto grau de engajamento enérgico e de muito envolvimento. Merecem destaques dois episódios ocorridos ainda no início do curso de graduação: conseguir ingressar no programa da *Apple Developer Academy* (ADA) e a vitória num *Hackathon* de proporções internacionais, promovido pela Petrobrás e que rendeu a ele e a sua equipe um prêmio de 40 mil reais. Em ambos os casos foram conquistas muito importantes, já que nelas Felipe teve de realizar feitos improváveis e inéditos.

Desde que estudava no IFPE Felipe almejava se envolver no Projeto da ADA. Mas antes dele e de seus amigos, que também conseguiram a aprovação, nenhum estudante do

segundo período havia conseguido. Os professores tiveram que discutir bastante sobre os impactos no desempenho dele no curso e, depois disso, decidiram pela aprovação. O envolvimento na ADA foi de suma importância porque:

*Felipe: (...) lá na Develop Academy eu comecei realmente a ter contato com tecnologia de ponta. Eu não tinha tanto dinheiro e tipo, eu tinha até recurso bom, mas eu comecei a ter mais recursos, computador da Apple e tal e me ajudava muito, me ajudava a testar muita coisa. E aí eu entrei nesse universo, já continuava fazendo Hackathon e aí surgiu uma lenda aqui na UFPE que a gente, por exemplo no CIN a gente era conhecido como os Hackathon Boys. (...) Depois disso, depois do Academy e depois de aprender muito eu notei que eu gostava de empreender desde o começo, pela questão do porquê que eu gosto de empreender. Porque eu gosto muito do risco. Então desde de pequeno eu gostava muito de arriscar e gostava muito de diferenciar, de me diferenciar e de ter minha identidade própria e eu gosto do risco...*

Esse gosto declarado por lidar com o risco foi mola propulsora que, aliado a sua busca por reconhecimento e vontade de inspirar e liderar pessoas o levou a refletir sobre si mesmo, sobre as possibilidades de se transformar numa pessoa melhor. Mas antes disso, cabe tratar da segunda conquista muito importante que foi a vitória do *Hackathon* da Petrobrás. Os concorrentes dessa competição vinham de diferentes locais, havia gente com “*Doutorado na Polônia*” e que dominavam tecnologias como Inteligência Artificial e Realidade Aumentada, ao passo que ele e sua equipe só dominavam o básico de desenvolvimento.

Num momento de desespero, Felipe parou e tomou a decisão de não ouvir tudo o que os mentores do evento diziam, ignorando algumas críticas. Ele, que gosta de “*vender sonhos*” não se sentia confiante para apresentar o *Picthi* (apresentação do projeto), por que não acreditava na ideia. Foi aí que se reuniu com a equipe e decidiu dar um passo atrás, focar em algo que sempre foi bastante significativo em sua vida: o recurso do dinheiro. Então no lugar de se empenhar em gerar soluções tecnologicamente elegantes e avançadas, ele e sua equipe desenvolveram uma solução que renderia à Petrobrás economia de milhões de dólares. Desse modo, eles venceram a competição contra concorrentes formidáveis.

Além disso, Felipe disse que enfrentou muita dificuldade em lidar com questões de temperamento e de sua ansiedade. Mencionou que já teve atitudes explosivas, inclusive já foi “*ignorante*” com a mãe. Nesse ponto, decorrente de suas leituras e do consumo de conteúdos acerca do budismo e práticas de meditação e mentalização, Felipe pode refletir sobre sua conduta, achar explicações e desenvolver estratégias para lidar com essa “*dificuldade emocional*” de forma positiva. Além da meditação, outras estratégias e motivações passaram a ser empregadas. Dentre elas a “*regra dos 20 segundos*” que consiste no fato de que, se você levar mais de 20 segundos para resolver algum desentendimento ou qualquer outra situação

interpessoal, abra mão disso, deixe para um outro momento e direcione suas energias para algo mais produtivo.

Por meio disso ele conseguiu voltar a jogar futebol, por exemplo, atividade que havia deixado de realizar dado o seu temperamento em jogo. Felipe também pretende ser referência pra outras pessoas e sua meta de sucesso é inspirar pessoas, vender sonhos e impactar, pelo menos de início, um milhão de pessoas:

***Felipe:** Tipo eu não queria necessariamente ser rico ou algo do tipo. Eu quero que no final da minha vida dê um bom livro e isso era uma coisa meio que eu notei e eu tive que refletir muito pra entender que realmente é isso. Então eu queria sentir aquele mesmo entusiasmo que eu sinto quando eu leio um livro de Steves Jobs, por exemplo, ou eu leio o livro de Elon Musk. Que é tipo, porra, como é que aquele cara pensou nisso! Eu queria que a minha vida fosse o reflexo pra outras pessoas dessa mesma forma que foi pra mim. E aí eu disse, 'pô, é isso'. Li, aí comecei a... Eu quero empreender e eu vou mesmo pro risco. E eu tive que tratar aquele lado emocional que eu tenho e que até hoje eu trato que é tipo, eu não trabalho muito bem com emoções negativas. Eu Fico desestabilizado pra algumas coisas. E eu não vou conseguir empreender se eu não melhorar nisso.*

É em função desse ideal de realização que ele coloca sua trajetória em perspectiva e, por conseguinte, relativiza situações de estresse ou potencial desentendimento. Por exemplo, se alguém é grosseiro com ele, no lugar de reagir de forma explosiva, ele pensa em como isso pode ser contado no livro de sua história, e então, situações que poderiam ser negativas, passam a ser, inclusive, engraçadas. Também um padre desempenhou papel importante:

***Felipe:** E aí se encaixa com a ideia de ter um livro bom escrito sobre mim que é tipo, liderança é uma coisa importante. Então, eu não posso ser um líder instável. Eu não posso... As pessoas não vão confiar em mim, eu não vou passar confiança se eu não for estável. E eu também não quero causar dor nas pessoas sendo ignorante com elas. Então, como é que eu comecei a resolver isso? Eu vi que eu era meio estressado, quando eu era pequeno eu brigava, perdia futebol e ficava puto porque eu jogava mal e perdia no futebol. E eu disse "Pô, eu sou muito esquentado". (risos). E aí eu reconheci que esse esquentamento, essa competitividade era bom em alguns casos porque me dava aquele negócio de "Pô, eu vou ganhar essa porra! Eu não quero saber quem é tu, mas eu vou ganhar!". E a competitividade é importante, com respeito, lógico. E aí, porra, chegou um momento em que eu perco o respeito. E aí o limite tá aqui. Então eu não posso chorar, eu não posso bater no cara, nem gritar com esse cara, porque eu tenho que ser justo com ele, assim como eu quero que ele seja justo comigo. E aí eu comecei a refletir sobre isso e tem muito a ver com a igreja também (...), o Frei Reinaldo. Ele me ajudou muito nisso. Conversar e refletir. Mas meu ambiente familiar, em casa, meu pai, na verdade, ele não é o melhor exemplo pra isso. Por ele ser um líder nato e tal, e ao redor todo mundo se sentir de ele ser meio que o patriarca da família, querendo ou não, essa hora dele de estresse e ansiedade, atrapalha todo mundo. Daí uma das primeiras coisas que eu fiz foi me afastar um pouco disso. Vou refletir sozinho sobre isso, meditar pra isso. Como é que as pessoas combatem isso em livros que eu li. E aí a meditação, vou tentar a meditação. E melhorou pra mim.*

Felipe também acompanha a *Live* de um influenciador chamado de “O primo rico” e pratica o hábito de se acordar às cinco da manhã numa rotina que envolve mentalizar o dia, meditar, ler e estudar sobre temas de interesse para sua *startup*, compartilhar informações e notícias de interesse para sua equipe de trabalho, resolver questões administrativas e trabalhar.

Ele também usa um *Bullet Journal*, onde anota observações importantes sobre suas atitudes, coisas do cotidiano e breves avaliações com base em parâmetros métricos. Outra estratégia que adotou para melhorar sua performance e de sua equipe de trabalho na *Startup*, para “pôr a mão na massa”:

**Felipe:** *A mão na massa Startup? Receber as coisas ruins de forma objetiva. E existe muito aquele negócio que é tipo, você não pode deixar uma definição de sucesso ou fracasso de um produto ou algo do tipo na mão de sua mentalidade. Você tem que deixar métricas e KPIs, que eles chamam, que são Key Performance e eu esqueci o I. É... Indicators. Que são exatamente indicadores numéricos pra dizer assim "Isso é sucesso pra gente!".*

A *startup* da qual Felipe é “*co-founder*” foi criada a partir da proposta de um amigo de seu irmão, cuja ideia inicial era promover uma plataforma virtual de apostas. Depois, com os levantamentos de mercado que Felipe fez, a ideia evoluiu para uma plataforma de esportes digitais. Nela é possível realizar apostas entre jogadores competidores. A ideia é que a plataforma sirva de triagem para que jogadores possam se profissionalizar e ganhar dinheiro jogando, para saber se podem entrar no mercado de fato e ser patrocinados, por exemplo.

**Felipe:** *(...) É pro cara mesmo saber se ele tem capacidade ou não. E pros próprios pais também, porque muitos são pessoas muito novas, são novas e daí tem muito aquela coisa de que isso não dá certo e tal e daqui que você consiga ser um streamer profissional, véi, é muita caminhada. Então é a hora que a gente olha, vamos trazer mais pra perto isso do cara. E vamos trazer também outro serviço que é a ferramenta de torneio. Hoje tem o Sympla, por exemplo, que é pra você comprar ingresso. A ideia da Gemu é que a gente facilite pra esse cara a mesma coisa que o sympla, mas em relação a torneio. O cara cria um torneio, colocou lá, o cara se inscreve, valida automaticamente o resultado e o cara só teve que divulgar o torneio. Então muito do pensamento da gente foi combinatividade. Eu vejo as coisas e isso aqui tem, ou isso aqui não tem e isso aqui não tem no mercado.*

Felipe também conta que fez parte da Igreja Católica como “*Cristão crismado*”, que ainda ajuda a igreja quando pode, mas que se afastou em decorrência de atitudes que observava e que fizeram com que “*todo o discurso da igreja desmoronasse*”, como falas discriminatórias em função da sexualidade ou acerca de pessoas que praticam outras religiões. Para ele a personalidade de Jesus e de outros líderes não condiz com o que se é praticado na Igreja em diversas ocasiões. Ele também fez leituras que impactaram bastante em sua perspectiva de vida, especialmente as sobre o budismo e sobre filosofia, incluindo autores como Aristóteles, Kant e Nietzsche. Passou a tomar o ideal de iluminação como a prática de ser uma pessoa melhor, de ter liberdade e de gerar o bem.

O seu relacionamento de 3 anos com uma namorada cujo perfil emocional ele diz ser o oposto do dele também é muito importante. Ela, que é “*uma pessoa muito tranquila*”, avisa-o de que ele está muito estressado. É com ela que ele pode superar um ritmo de trabalho “*ridículo*”, onde até as viagens que faz sempre envolviam o trabalho. Ele sai com ela para um restaurante ou cinema, desliga o celular e deixa de ser um “*Job to be done*” (como o apelidam,

já que ele não para de falar sobre isso) para ser um namorado, ter um lazer de fato. Ainda assim, Felipe entende que é necessário ser um a pessoa melhor para poder lidar com o risco que sua atividade impõe de maneira positiva e conseguir impactar positivamente o máximo de pessoas.

Para ele também é fundamental “*Entender ganho futuro, entender que você está ganhando no futuro*”. Isso faz com que ele compense sacrifícios do presente, como exercer atividades extras além das que exerce como diretor de produto, lidando com tarefas de desenvolvimento (programação), por exemplo. Isso também tem a ver com as vezes em que se coloca em perspectiva, vendo-se dentro da trajetória rumo a sua meta de sucesso, ser uma lenda de inspiração, ter a biografia num livro.

**Felipe:** E assim, (...) Felipe, na verdade, não é esse cara que tu tá vendo. Na mente de Felipe existe um Farol, digamos, e o que eu tô na Luz agora é o que Felipe pensa conscientemente, mas quem é que controla esse Farol? Teoricamente eu sou esse Farol, entendeu? Então eu comecei a entender essa perspectiva.

Além da dimensão da reflexividade presente no trecho acima, ele consegue expressar as características como a vontade de reconhecimento, a capacidade de inspirar pessoas, a necessidade de desenvoltura emocional, a busca por iluminação espiritual e a variedade de disposições, nem sempre conscientes de Felipe. Ademais, também é indicativo de que há dispositivos capazes de gerar posturas reflexivas e críticas sobre si mesmo, promovendo mudanças que não apenas reproduzem e fazem perpetuar disposições herdadas, incorporadas como se fossem entidades transcendentais e puras. Esses dispositivos incluem leituras, metodologias comportamentais e também referências pessoais. Ao longo do texto ele narra diversos episódios se colocando em perspectiva, inclusive a de antever uma situação futura onde, o que vive agora fará parte de seu passado, de uma história que pretende que resulte num livro inspirador. Essa é, inclusive condição para sua meta de sucesso: impactar milhões de pessoas.

### 5. 3 RASTREANDO OS DISPOSITIVOS: DAS NARRATIVAS ÀS PERSONALIDADES EMPREENDEDORAS

Uma vez que as sínteses narrativas foram apresentadas, cabe agora destacar os elementos pertinentes às situações de agenciamento que foram citados na metodologia e que constituem as situações de agenciamento nas quais as personalidades se formam em relação a um domínio de práticas. Esses elementos, conforme já mencionado, incluem os quadros, nos termos de Lahire (2008), bem como pessoas, discursos, coisas e lugares configurados em rede, nos termos de Latour (2012). Exemplificando cada um deles, pode-se citar como

quadros a família, grupos ou instituições religiosas, instituições de educação e empresas; os discursos incluem expressões e formas de auto definição, ou ainda as proposições científicas e filosóficas, valores e crenças verbalizadas, conteúdo midiático e literário consumido, além das descrições de metodologias gerenciais e comportamentais, notícias e outros conteúdos de redes sociais.

Aqui cabe a menção a Boltanski (2001) e sua proposta de levar a sério as exigências normativas a que os indivíduos se impõem e tomar as falas desses indivíduos como elementos empíricos a serem analisados, especialmente pela recorrência de termos. De meu ponto de vista, há que se fazer uma distinção fundamental entre a abordagem que desenvolvo aqui e a dele: certamente devemos levar a sério o que dizem os agentes sobre suas práticas, mas a narrativa que eles apresentam revelam também dispositivos não discursivos, apesar de discursivamente descritos. Por isso, na abordagem que desenvolvo, a dimensão normativa é uma dentre outras. É certo que no ato da pesquisa, não foi possível ter contato direto com os dispositivos não discursivos descritos ou referidos pelos entrevistados. Mas, se ao exemplificar os elementos discursivos, eu me referi a “descrições de metodologias gerenciais e comportamentais” foi porque a descrição delas é a dimensão discursiva, mas elas também envolvem a parte prática.

Dáí eu questiono se seria mais ou menos pragmático se ater aos termos constitutivos dos enunciados ou considerar a narrativa como referente a práticas vivenciadas ao longo de uma trajetória que o indivíduo reconstitui no ato da entrevista. Seria mais ou menos pragmático considerar que essas práticas descritas são reveladoras de múltiplas implicações, afinal, até mesmo no ato da pesquisa, especialmente na entrevista, havia localizadores que criavam um ambiente; um aparelho celular gravando o áudio; um entrevistador implicado por dispositivos de proposições científicas e processos cognitivos próprios de um campo, a sociologia; e um entrevistado também com seus dispositivos e processos cognitivos em curso.

Sem fechar esse questionamento, pelo menos agora, cabe mencionar exemplos de outros elementos que constituem as situações de agenciamento, como as pessoas, que podem ser os pais e outros familiares, cônjuges, clientes, sócios, amigos, professores e figuras públicas que se tornam referência. Também as coisas, que podem ou não ser simbólicas, como técnicas, tecnologias, equipamentos tecnológicos, alimentos, livros, o corpo, uma lousa, um cofrinho, dinheiro e outras. Essas ilustrações são importantes para se definir melhor outros elementos pertinentes às situações de agenciamento, como os dispositivos, as disposições, as competências e as apetências.

Pode-se tomar o objeto livro em brochura. Nele há discursos objetivados em textos. A partir das características que esse livro, de início, e depois o seu texto apresentam alguém pode ter diferentes percepções sobre ele. Essas percepções dependem de uma série de elementos e envolvem o organismo da pessoa, sua acuidade visual, seus valores estéticos, seus objetivos em relação à leitura e tantos outros que exercem influência sobre a percepção do leitor, implicando-a de diferentes maneiras. A depender dessa percepção, o livro será avaliado de certa forma, podendo ser considerado atraente, útil e belo, ou não.

Isso significa que as apetências se manifestam a partir da percepção, mas não se confundem com ela. Trata-se de momentos diferentes de um processo. Além disso, o dispositivo que revele as disposições mobilizadas a partir do manuseio, aquisição e leitura desse livro só pode ser definido relacionalmente. Por exemplo, nessa situação, onde estaria o dispositivo? No caso de um livro que ensine estratégias de controle emocional o dispositivo poderia estar no livro como objeto, no discurso nele objetivado, no ato da leitura ou nas estratégias que ele descreve. Vale lembrar que os dispositivos permitem identificar empiricamente as disposições, porque estão relacionados às modalidades (modos de agir, sentir e pensar) e seus efeitos. Mas a articulação entre eles só faz sentido se apreendido a partir de uma história contada que indique o fluxo das conexões entre coisas, pessoas, discursos e lugares configurados em rede (LATOURETTE, 2012).

Assim, é pela configuração na qual essa rede se articula que se definem os dispositivos. No exemplo em tela, o objeto livro pode ser um dispositivo implicando processos cognitivos sobre estratégias comportamentais e, a partir de seus efeitos pretendidos ou não, podem revelar as apetências e competências pelo tema tratado no texto ou de estilo de leitura. Também o discurso objetivado no livro pode revelar disposições de crença (valores éticos e adesões ideológicas). Por fim, os efeitos das estratégias comportamentais descritas no livro podem se definir como dispositivos se revelam uma disposição para aprendizagem emocional, por meio de competências para incorporar novas condutas; mas também revela uma vontade de modificar disposições de sentimento e ação vinculadas a um temperamento indesejado.

Essas distinções são importantes de se fazer por motivos que também devem ser destacados antes de se proceder ao segundo momento da análise, que será a construção de quadro de matrizes disposicionais constitutivos da personalidade empreendedora. Primeiro, vale lembrar a dimensão da escala de análise e o potencial de rastreabilidade empírica dos dispositivos. Isso porque o contexto das *startups* é o do regime de acumulação flexível (HARVEY, 1992) numa dinâmica de produção e distribuição organizada em rede, na qual a

matriz energética teve sua hegemonia suplantada pela matriz de conhecimento (CASTELLS, 2005).

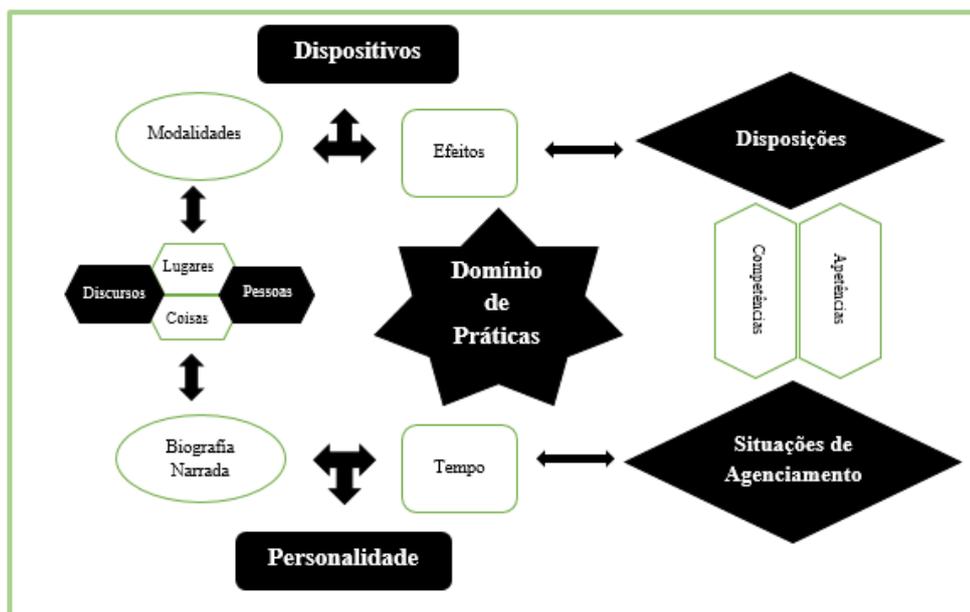
Do ponto de vista da análise da dissertação, não faria sentido saltar do abismo entre a escala de configuração global entre pessoas, coisas, discursos e lugares do modo de produção capitalista em seu regime de acumulação flexível para explicar a existência de ideias geradoras de práticas e comportamentos que seriam funcionais a essa mesma configuração. Do meu ponto de vista, essa é a operação realizada pelos trabalhos que falam da funcionalidade do discurso empreendedor, ou dos que o tomam como uma ideologia neoliberal, ou dos que pressupõem um perfil profissional por essa demanda funcional do “sistema capitalista”.

Esses trabalhos estabelecem relações importantes de se discutir no que diz respeito à dinâmicas de maior às menores escalas. Ainda assim, é igualmente importante desenvolver diferentes estratégias para analisar a maneira pela qual a ideologia opera individualmente e sobre os dispositivos que agenciam a ação e implicam em engajamento das pessoas, para, desse modo, visualizar as possibilidades de transformação dessa configuração social. A maneira de pensar que toma os dispositivos como noção mediadora permite refletir sobre qual o processo expresso na aparente contradição entre as disposições de crença e de ação de que fala Lahire (2008) e como esse processo implica agenciamentos a pessoas de carne e osso.

Essas pessoas são mesmo iludidas, no sentido de estarem enganadas quanto a algum grau de unidade de si? Qual o parâmetro de verdade para tal afirmação? Além do mais, o papel do sociólogo, no ato de pesquisar, deve ser o de entender processos ou elaborar explicações éticas e estéticas sobre mundo? Não quero negar, com essas indagações, o fato de que há dispositivos discursivos (que de modo rico e efetivo podem ser explorado a partir de modelos de justificação e crítica, por exemplo) que agenciem um ritmo de trabalho degradante, mas que gerem ganhos apropriados por outrem. Não obstante, tecer uma análise por meio dos dispositivos, concordando com Wakefield e Braun (2014), é obter um mapa de como tal situação se configura e, com isso, esboçar reações transformadoras.

Esse caminho parece ser bem mais potente que o de chamar de iludidos aqueles que podem promover tais transformações. Sem mais, pode-se operar um esboço de objetivação e ilustração da chave analítica que utiliza as noções de personalidade e dispositivo como segue na figura 1. Quanto à matriz disposicional relativa às sínteses narrativas, o modelo pelo qual elas foram obtidas para se chegar às sínteses por ser visto no apêndice 1.

**Figura 1: Esquema do processo analítico da formação social de personalidades**



Em resumo, as situações de agenciamento ao longo do tempo podem ser apreendidas por meio de narrativas síntese de um processo de autocomposição biográfica da qual se pode inferir uma personalidade relativa a um domínio de práticas. Essas situações de agenciamento são materializadas por pessoas, discursos, coisas e lugares configurados em rede. Nessa rede, estão implicados modos de agir, sentir e pensar - as modalidades. Estas, só podem ser identificadas a partir de seus efeitos (percepções, pensamentos, crenças, emoções e ações). O padrão desses efeitos revela uma disposição que se constitui também de processos cognitivos práticos como as competências e as apetências.

Os dispositivos só se definem relacionamente a partir das implicações entre a configuração de coisas, pessoas, discursos e lugares; e as modalidades. A variação individual dessas configurações e operações de dispositivos apresenta um sentido de unidade expresso no processo de autocomposição biográfica e, apesar de envolver múltiplas implicações, é único, singular e vinculado a uma trajetória individual. Nesse sentido, a personalidade pode ser entendida como uma homologia desta configuração que é, a um só tempo, singular e plural, individual e social ou, de modo mais simples e breve, um **modo de ser relativo a um domínio de práticas**.

Os retratos sociológicos que seguem abaixo devem ser considerados do ponto de vista em que a noção de personalidade tem sido proposta ao longo dessa dissertação, como refletindo configurações em rede de coisas, pessoas, discursos e lugares que agenciaram a trajetória de vida de uma pessoa que, por sua vez, elabora tal trajetória num processo de autocomposição biográfica. De uma forma mais próxima ao que Lahire desenvolve, poderia

se chegar aos retratos já na síntese das entrevistas, num processo que sintetiza a história, a apresenta por meio de uma linguagem sociológica e tece comentários de reflexão e inferências.

Aqui o retrato é empregado de outra forma, de modo que as sínteses são apresentadas primeiro, o modelo de análise objetivado na figura 1 e no apêndice 1 indica o procedimento que permite chegar à matriz de disposições de uma pessoa, relativamente a um domínio de práticas. É exatamente com base nisso que as sínteses são elaboradas e então retomadas para se chegar ao retrato sociológico. Esse retrato não é apresentado de forma independente das considerações finais. Na verdade, as conclusões a que o experimento permite chegar só fazem sentido se fundamentadas empiricamente nos retratos sociológicos que seguem no próximo tópico.

Assim, **o retrato sociológico expressa momentos que exemplificam as operações de implicação entre dispositivos, modalidades e efeitos**. Uma aproximação simples, porém, cabível a este modo de usá-lo seria o de um álbum de fotografias que registram momentos importantes e significativos de relações de implicação, mas não apresentam a totalidade de situações de agenciamento. Mais ainda, exatamente por não apresentar todas as situações de agenciamento da vida de alguém, os retratos sociológicos tornam inteligíveis os processos extremamente dinâmicos e irreduzíveis da realidade social. Ora, um mapa do exato tamanho do lugar que ele representa não contribui em nada para colocar esse lugar em perspectiva e revelar aspectos que, de outro modo, não seriam inteligíveis. É nessa perspectiva que os retratos são apresentados.

No entanto, é possível ter um mapa que se aproxime mais e que consiga dar conta de uma maior quantidade de elementos implicados de forma complexa acerca desse lugar. Assim, a personalidade empreendedora aqui, diferentemente do modo como ela foi tratada na literatura acerca do tema e analisada no capítulo 2 se define em função de um processo de configuração em rede de elementos humanos e não humanos; mas de modo singular numa trajetória de vida específica. Assim, não se trata de atribuir certas qualidades, porém **disposições mobilizadas num processo de contínuas conexões entre pessoas, coisas, lugares e discursos, em relação a um domínio de práticas**. A seguir as sínteses são retomadas na perspectiva de trazer/informar a construção de retratos sociológicos.

## 5.4 OS RETRATOS SOCIOLÓGICOS DAS PERSONALIDADES EMPREENDEDORAS

### 5.4.1 O retrato sociológico da personalidade empreendedora de Bernardo

A começar pelo caso de Bernardo, cuja personalidade empreendedora reflete, analogicamente em sua narrativa, uma homologia de disposições para a aprendizagem contínua por meio de recursos como aplicativos de busca e navegação na *internet*, *sites* com informações e aplicações específicas; uma disposição para compartilhar de forma gratuita tudo o que aprende, com *slides* que tornem fácil e visualmente atrativo esse conhecimento.

Ou seja, as modalidades autodidatismo, ensino e partilha gratuita de habilidades e saberes só existem implicadas por coisas como equipamentos tecnológicos, *softwares*, *internet* e linguagens de programação. Além disso, essas modalidades podem manifestar-se como competências para criar aplicativos aos 14 anos, mas não gerar efeitos similares na escola, já que Bernardo era uma criança que frequentemente ia para a recuperação e só soube que deveria pegar o livro em casa para estudar na quinta série, quando estava em recuperação. De certo que os objetos do lugar “escola” eram outros, mas se estudar a contragosto usando um livro em casa não parecia uma apetência, foi exatamente um livro de linguagem de programação que Bernardo comprou na Livraria Cultura do *Shopping* para lidar com o desafio de desenvolver um aplicativo novo por encomenda.

Também pessoas como o pai, que comprou a conta para Bernardo brincar na plataforma IOS, seu maior apoiador e incentivador. Além disso, se antes não havia propósito na escola, pensar a escola como meio de se chegar ao curso de ciência da computação do CIN levou Bernardo de “*um cara que ficava em Recuperação em tudo, para um aprovado num dos vestibulares mais concorridos do país*”. Mas tudo isso não se conseguiu apenas por meio de um propósito, mas novos discursos, lugares, coisas e pessoas em nova configuração: o xamanismo, um mentor e as práticas de *biohacking* que transformaram o seu corpo numa “*máquina de alta performance e foco*”.

O senso de unidade que tem sobre si e sobre sua história também advém de sua vida espiritual, se entendendo como que numa jornada, numa busca por si mesmo. Não à toa, desde a infância, “tudo” na vida de Bernardo “*começa com pesquisas bizarras no Google*”. Os discursos de uma certa psicologia aplicada, de astrologia e signos e de livros sobre métodos de *marketing* e gestão de *startup* são os meios pelos quais Bernardo se coloca como uma pessoa que gosta de conforto, um taurino. No entanto, imbuído de uma missão espiritual que tem como recurso sua criatividade, ele é motivado a se colocar em desconforto por meio de

desafios. Esses desafios envolvem dar vazão à sua criatividade e a se provar, ou desenvolver suas faculdades.

É nesse sentido que, se antes, o ambiente escolar era desprovido de propósito, agora, Bernardo dispõe de crenças operadas a partir de uma série de dispositivos discursivos, que o permitem entender a universidade como um instrumento de propósitos que ele mesmo pode construir. Mais do que isso, esse instrumento precisa promover aprendizagem que não se relaciona, por sua vez, com as disciplinas regulares, mas com conhecimentos outros, buscados em outras fontes. Assim, a universidade é seu laboratório de quem empreende numa jornada em busca de si.

Mais ainda, a personalidade empreendedora de Bernardo não se define em termos estritos de atributos como autodidata, ainda que ele seja um exímio e voraz autodidata. Mas ele o é para situações, ambientes e propósitos que lhe instiguem o interesse. Assim, a modalidade autodidata gera seus efeitos nas “brincadeiras” de programação e buscas no *Google*, para dar conta de projetos e desafios e só ocorrem por conta de equipamentos e tecnologias como um *notebook*, ferramentas de busca na *internet*, o domínio da língua inglesa e a interação com pessoas como o pai e amigos. É mais pertinente dizer que Bernardo tem uma *personalidade empreendedora de uma jornada espiritual rumo à liberdade*.

#### 5.4.2 O retrato sociológico da personalidade empreendedora de Carlos

Já o Carlos tem uma *personalidade de uma pessoa de impacto social*. Essa personalidade reflete uma série de processos de agenciamento que remetem às doações que Carlos fazia com sua mãe desde criança, mas também envolvem o engajamento num jogo, sem querer ser fraco no jogo! Assim, o seu Deus e o seu *Guide* se definem como “*fazer o bem no matter what*”. Mas não apenas fazer o bem, não é aceitável fazer o bem, trabalhar com isso, conseguir retorno e, no entanto, ser fraco. É preciso ser forte, é preciso impactar um bilhão de pessoas e prestar um tributo de respeito ao seu Deus.

Carlos, aliás, abandonou um jogo implicado por dispositivos como a *internet*, computador e plataforma de jogos *online* com contas individuais desinstalando os jogos do computador e doando sua conta a um primo. Passou então a se engajar em outros jogos nos quais também não estava disposto a ser fraco, mas onde poderia impactar muitas pessoas e que envolviam computadores: projetar e competir usando *arduino*, inclusive em *Kit* que seu pai comprou da China, num site chamado *Aliexpress*. Sem o seu pai, sem esse *site* e essa rede internacional de vendas coordenada desde a China, a configuração de implicações da personalidade de Carlos muito provavelmente seria bem diferente.

Também poderia ser bem diferente sem os amigos, especialmente o Otacílio Neto na época do IF, bem como sem as *vibes* com os amigos, desde hipnose à mágica. Mais tarde também os livros onde pode desenvolver leituras que instigam *insights* do tipo “*What the fuck!?* Eu tenho que fazer isso!”. E isso envolve “*hackear*” o comportamento dos amigos, observando, identificado e embutindo em si mesmo condutas que lhe interessam. Mesmo num momento de escolha decisiva sobre o rumo de sua vida, Carlos consultou pessoas, recorreu a uma lousa, pincel para quadro branco, ementas de cursos impressas e fez estimativas sobre qual curso mais se adequava às suas competências, apetências e aspirações.

A *Startup* de Carlos também busca fazer o bem e ter grande impacto social: A “Padrinhos Mágicos” gera soluções para pessoas e envolve trabalho voluntário. Trata-se de um projeto que não é para jogadores fracos, com ela ele venceu uma competição nacional, a *Campus Mobile* e teve como prêmio uma viagem ao Vale do Silício. Esses acontecimentos vão dar forma à sua “*Big Picture*” de seu propósito de vida, ao mesmo tempo em que vão dando forma ao que ele é: **uma pessoa de impacto social.**

#### 5.4.3 O retrato sociológico da personalidade empreendedora de Daniel

Daniel veio de uma família que o ensinou a fazer jogadas seguras na vida! Empreender, pelo que ele aprendeu de seu pai, apesar de possibilitar “*não trabalhar para os outros*” não seria uma jogada segura. A carreira mais bonita, seria entrar na UFPE, fazer graduação, mestrado e doutorado! Daniel, no entanto, sempre buscou ter referências não em pessoas especificadas, mas sim na ciência e na filosofia objetivadas em livros e artigos na *internet*.

Na busca de desenvolver essas referências pelas quais ele sempre teve muita aptidão e se sentiu muito bem estimulado intelectualmente ele lia artigos em inglês na *Wikipédia* sobre filosofia e física. Esse apreço pela racionalidade o fez entender que não tinha o “*bichinho da fé*”, sempre se mantendo muito distante da religião. Sua reação aos discursos, práticas e lugares religiosos é de uma apreciação estética, não de engajamento e adesão a crenças.

Ele também gostava muito de jogar *videogame*, mas não necessariamente com o propósito indicado pelo jogo, seu maior apreço é por histórias interessantes, por **vencer do jogo** e não de vencer pessoas. Ele também busca apreciar a dimensão artística dos jogos. Aliás, Daniel não se sente tão motivado a manter contatos pessoais frequentes, deixando muitos amigos para trás. Isso aconteceu com alguns amigos do IFPE, onde fez o ensino médio, integrado ao técnico. A experiência nessa instituição promoveu mudanças sobre as percepções e paixões de Daniel: detestando o aspecto técnico de seu curso (muito óbvio e sem

estímulos intelectuais), mas amando o formato acadêmico da instituição, fruindo de maior liberdade e, portanto, responsabilidade sobre seus estudos.

Quando escolheu entrar na universidade, ele buscou referências também em comentários da rede social *Orkut* e optou pelo curso de engenharia da computação, cujo diploma dava mais segurança. Na busca por cumprir todas as disciplinas de seu curso, parou na de Projeto. Lá ele trabalhou com uma equipe para gerar uma solução e daí surgiu a *startup*. Hoje trabalhando em *startup*, Daniel se diz bem crítico a maior parte dos discursos sobre o empreendedorismo e se vê como um *outsider* dentre os jovens empreendedores do CIN. Mas ser um *outsider* no jogo nunca foi problema para Daniel, afinal, ele tem seu próprio estilo e propósitos no que faz e suas referências não envolvem a fé.

Ele entende que seguir carreira na área da pesquisa no Brasil é um risco e que não tem gerado um bom retorno, nem boas condições de trabalho. Já com o empreendedorismo em *startup* no CIN, Daniel é visto e está sempre em contato com pessoas e instituições muito relevantes e também adquire uma experiência que dificilmente o levaria a um condição de desemprego, caso o projeto na *startup* dê errado.

Ele pode então reinventar a fórmula de seus pais para lidar com o risco. Além disso, apesar de não sentir tanta necessidade de frequente contato direto com pessoas, no ambiente de trabalho, Daniel se sente mais motivado ao foco e ao bom ritmo de trabalho se estiver presencialmente no local e com sua equipe. Isso porque essas pessoas, configuradas nesse lugar e com as coisas de que precisa o agenciam de uma forma que parece ser a mais adequada para o trabalho focado e produtivo. Em resumo, Daniel tem uma ***personalidade de empreender como uma jogada segura na vida.***

#### **5.4.4 O retrato sociológico da personalidade empreendedora de Eduardo**

Eduardo acreditou durante muito tempo que seu pai era matemático e por isso, com base nessa crença, desenvolveu um gosto particular por matemática na escola. Usou os conhecimentos nessa disciplina para chegar ao melhor preço em suas vendas, mas também conciliar isso com uma boa margem de lucro e com a superação da concorrência. Aliás, Eduardo busca sempre encontrar fórmulas, nem sempre matemáticas, que o permitam ter êxito naquilo que se dispõe a fazer e sempre considerando a dimensão do risco.

Ora, ele sabe que pode assumir certos riscos exatamente porque dispõe de estrutura familiar, que o apoiará caso seu empreendimento dê errado. Ele também encontrou uma fórmula de fé para lidar com o dilema do risco e conciliar o engajamento em algo que gere impacto social, faça o bem e também gere ganhos e lucro para si. A fórmula consiste em

acreditar, em ter fé no potencial de sucesso do projeto para motivar e manter coesa a equipe quanto ao propósito do negócio e ao retorno futuro. Mas ao mesmo tempo é importante lançar mão de dispositivos como métricas, testagem e procedimentos de otimização de rotinas gerenciais para **lidar com o risco de forma calculada**.

A trajetória de Eduardo revela que o dispositivo da fé não lhe repercutiu no engajamento ou adesão a dogmas e rituais de religiões instituídas. Na verdade, a disposição de crença presumida no dispositivo de fé tem implicação com um ambiente familiar que sempre incentivou o diálogo, a parceria e o questionamento; bem como o gosto pelo cálculo repercutiu numa vivência da crença como possível de ser endossada no cálculo. É assim que Eduardo, relativamente ao empreendedorismo *startup* apresenta uma ***personalidade de investimento de fé***.

Essa fé tem a ver com uma equipe motivada e unida; com uma família sem a qual não é possível empreender; com a possibilidade de “*vender sonho e transformar dores em soluções relevantes*”; com o fato de se ver como um investimento de seus pais e de buscar honrar isso, sendo motivo de orgulho. Mas também tem a ver com gerir bem o dinheiro, poupar, juntar num cofrinho azul que ganhou da mãe e entregar o que juntou por uma causa coletiva: comprar o apartamento onde iria morar com os pais. Muito provavelmente sem o cofre e sem a crença de que o pai era matemático em vez de professor de biologia, dentre outros dispositivos que implicaram as situações de agenciamento de sua trajetória, a personalidade de Eduardo seria completamente diferente.

#### **5.4.5 O retrato sociológico da personalidade empreendedora de Felipe**

Inspirado em seu avô, Felipe pegou o gosto por consertar coisas, bem como o de chamar pra si a responsabilidade de ser um bom chefe de família. Mas não qualquer tipo de chefe e sim aquele que inspira, que dá o norte, que pode ser uma iluminação, um Farol. Para isso, ele precisou entender que age agora para “ganhar no futuro”. No entanto, nem sempre é fácil lidar com seu emocional e com seu temperamento. Por meio de suas leituras ele chegou a técnicas de controle e modelagem emocional que envolvem meditação, mentalização e outros métodos comportamentais que operam com dispositivos que, por sua vez, implicam modalidades e efeitos reveladores.

Esses dispositivos evidenciam um senso de responsabilidade com o outro, de modo que esse outro não se restringe às pessoas de seu convívio imediato, mas refletem também o futuro leitor de sua biografia, que ele deseja inspirar; inclui também seus colegas de trabalho que ele precisa liderar como um bom chefe de família; e abrange sua meta inicial de vida:

impactar um milhão de pessoas. Além do mais, essas práticas de controle emocional também revelam a tentativa de incorporar novas competências emocionais que o permitam realizar suas aspirações e apetências no trabalho e na vida.

Não obstante, também fica evidenciado que há uma disposição de temperamento explosivo que Felipe detesta. Ele também teve de aprender a lidar bem com resultados negativos por meio da busca por iluminação. Essa iluminação inclui dispositivos discursivos e modalidades que o permitam estar atento e refletir sobre si mesmo, ganhando a capacidade de se colocar em perspectiva. Também o Padre foi importante para isso, ao mostrar, ainda na infância e adolescência, a importância do diálogo sadio.

Assim, Felipe pode se engajar em projetos com impacto nos sonhos e também no bolso dos outros. Primeiro vencendo o *Hackathon* que lhe rendeu 10 mil reais como prêmio pela competição num único fim de semana: ao apelar para “*o bolso da Petrobrás*”, para o impacto nas finanças da empresa, Felipe e sua equipe, que só sabiam o básico de desenvolvimento, superaram adversários formidáveis, que dominavam, inclusive, Inteligência Artificial. Com essa vitória ele também obteve o reconhecimento, ainda insuficiente, de seus pais sobre seu engajamento no empreendedorismo.

Hoje, ele é *co-founder* de uma *startup*, a *Gemu*, que possibilita a *gamers* de esportes virtuais e digitais se provarem, a obterem reconhecimento por sua performance como *gamers* e saber se vale investir nessa carreira ou não. Afinal, esse reconhecimento é muito importante para Felipe, que estudou computação gráfica e lançou um canal sobre jogos ainda no Ensino Fundamental. Acabou não tendo sucesso nessa empreitada por não achar uma equipe tão engajada quanto ele e por não saber lidar com a crítica. Por isso hoje ele não deixa as avaliações de sucesso nas mãos da opinião alheia nem de sua própria mentalidade, mas de dispositivos outros como métricas e “*Key Performance Indicator*”.

A vida passada e futura de Felipe como essa lenda que é (a do *Hackathon Boy*) e que pretende ser no livro de sua vida o impelem a um presente de iluminação espiritual e também constante reflexividade e questionamento sobre “*quem controla o farol*”: suas disposições mais detestáveis, ou suas aspirações mais sublimes? Afinal, ele é o Farol. É nesse sentido que a personalidade empreendedora de Felipe é a de ***uma iluminada lenda em construção***.

## 6 À GUIA DE CONCLUSÃO DO EXPERIMENTO

Vale lembrar que em Bourdieu (1996) a noção de homologia remete a um conjunto de posições sociais relativas a um conjunto de atividades; lembre-se também que, para ele a realidade empírica é analógica, ou hipotética, no sentido em que é “reflexo analógico das relações entre elementos de uma estrutura teórica” (THIRY-CHERQUES, 2006). Além disso, as reflexões conclusivas dessa dissertação partem da perspectiva de Bourdieu, assim como o faz Lahire, mas não se atém estritamente ao modo com que aquele sociólogo entende e aplica os conceitos de que dispõe.

Nesse sentido, pode-se incrementar à análise disposicional originalmente proposta por Bourdieu contribuições como o foco na escala individual e na dimensão heterogênea das disposições por meio de incursões empíricas aos agentes; a possibilidade de que o campo relacional se configure em rede e envolva não apenas as relações de força entre humanos, que dispõem de elementos materiais ou simbólicos incorporados, mas também coisas, discursos e lugares se implicando mutuamente, em situações de agenciamento, como propõe Latour (2012).

Antes de tudo, porém, algumas ressalvas devem ser feitas: primeiro que não há qualquer intento de tomar as contribuições de Bourdieu como obsoletas, ou as de Boltanski como inadequadas ao tratamento da temática sobre a qual me debruço; Também não há a pretensão forçosa ao ineditismo que busca “inovar” em termos para descrever coisas já muito bem descritas por outros autores. Esse segundo ponto ocorreria caso houvesse um engajamento demasiado na inventividade e uma falta desastrosa no rigor. As escolhas que fiz têm a ver com o fato de que, na verdade, Bourdieu não trabalha com elementos não discursivos e não humanos dentro de seu modelo de análise, e também não o faz o Boltanski.

Esse é o motivo pelo qual pareceu oportuno o recurso às contribuições de Lahire. Ele parte de uma crítica construtiva a Bourdieu, dando ênfase a análise empírica à escala individual. Ainda assim, as posturas pragmáticas como as francesas, parecem potentes quando sugerem tomar as disposições como produtos de uma descrição a posteriori da análise, e não como forças ou entidades abstratas que operam às sombras e presumidas a priori da análise (BARTHE, 2016). No entanto, partindo dessas posturas pragmáticas, a ideia de focar apenas na gramática moral de justificações, críticas e ordens de grandezas me pareceu distante do propósito da pesquisa, de modo que as proposições de Boltanski não atendiam aos propósitos do estudo.

Nesse sentido, trazer as contribuições de Latour, ao considerar os elementos não humanos, em consonância com Ingold, ao considerar os aspectos não discursivos pareceu

promissor. O real objetivo com isso é poder expressar figurações de certos aspectos da realidade que, de outro modo, não se fazem expressar. De certo que há limites nessa articulação teórica e que ela também parte de limites (tais como o domínio da literatura por parte do autor, mesmo que tendo feito amplas leituras nas línguas inglesa e portuguesa). Mas ela também abre portas e gera novas possibilidades.

Além disso, atentar para a escala de análise é fundamental. O empreendedorismo, com todos os aspectos do que possa significar (se discurso, se redes, se ideologia, se identidade) diz respeito a abstrações, por vezes genéricas. As *startups* como modelos de atuação empreendedora, ao ainda o movimento pelo qual elas se consolidam tem a ver com tudo aquilo que sociólogos têm proposto da dinâmica do social na contemporaneidade: as transformações a nível global e demais escalas mais abrangentes em termos de dinâmicas de capital, tecnologias, simbologias mais gerais que servem de referências a visões de mundo e inspiram comportamento e também a governos e suas políticas.

Seria possível mencionar diversos autores, alguns dos quais já mencionados, que fazem análises brilhantes nessas escalas. No entanto, o que se propõe aqui não concorre com nenhuma dessas perspectivas (e nem poderia por questões de viabilidade para fundamentar, num mestrado, a recusa a tais teorias); mas segue um outro caminho possível: o de rastrear empiricamente elementos que impliquem situações de agenciamento (subjativadores, localizadores, personalizadores) e que podem ser discursivos ou não, humanos e não humanos configurados em rede. Uma sociologia dos dispositivos que, por sua vez, tornam empiricamente tratáveis as disposições heterogêneas que ganham senso de unidade numa trajetória de vida narrada, sempre relativa a um domínio de práticas especificado.

## 6.1 CONCLUSÕES POSSÍVEIS SOBRE PERSONALIDADE EM SOCIOLOGIA

A maneira de rastrear as implicações disposicionais ocorre por meio da identificação desses dispositivos agenciadores de práticas, aceitando a proposta de Agambém (2005) de ampliar o sentido com que o termo é empregado e incluindo nesse conceito tudo aquilo que pode implicar agenciamento. Desse modo, se a dimensão empírica permite fazer analogias do que se estuda - o “social”; e se as homologias remetem ao conjunto de posições relativas a um conjunto de práticas, então, do ponto de vista do experimento teórico com base empírica desenvolvido nessa dissertação e considerando também os incrementos à perspectiva disposicional citadas acima, pode-se dizer que:

- O conceito de personalidade reflete, analogicamente, a homologia de múltiplas e mútuas implicações configuradas em rede;

- Essas implicações envolvem não apenas pessoas, mas também coisas, discursos e lugares implicadas em diferentes e sucessivas configurações em rede;
- Essas implicações geram situações de agenciamento e remetem às relações entre as pessoas, coisas, discursos e lugares de um lado, e as modalidades e seus efeitos de outro;
- As modalidades são os modos de agir, sentir e pensar numa dada circunstância e relativa a um domínio de práticas, ou conjunto de atividades;
- As modalidades são agenciadas por dispositivos que se revelam a partir dos efeitos das modalidades;
- Os dispositivos não são coisas, pessoas, lugares ou discursos em si, mas só se definem relacionalmente, expressos nos efeitos pretendidos, ou não, das modalidades;
- As disposições são o padrão pelo qual as modalidades e os efeitos se implicam por dispositivos ao longo de uma trajetória individual e sempre relativas a um domínio de práticas;
- Por serem um padrão, elas não dizem respeito a uma capacidade que habilite (competências), nem à apetência, que diz respeito à vontade ou desejo de engajar as competências;
- No entanto as competências e apetências são indícios de dispositivos em situação de agenciamento, ou de modalidades surtindo efeitos quando, por exemplo, expressam a capacidade de agir de certa forma mobilizada ou reprimida a partir de uma apetência implicada por certo dispositivo;
- O conjunto de disposições desejadas ou detestadas, percebidas ou não percebidas, expressas discursivamente ou não e relativas a um domínio de práticas podem ser resumidas como um modo de ser relativo a um domínio de práticas;
- Esse modo de ser é uma outra maneira de se definir a noção de personalidade trabalhada na pesquisa, mas que só faz sentido na perspectiva disposicional desenvolvida à escala individual, rastreadas empiricamente por dispositivos e apreendidas a partir de uma síntese narrativa da autocomposição biográfica das pessoas.

Diante desses tópicos, pode-se perceber que as conclusões envolvem uma dimensão teórica no sentido de trazer definições conceituais, de carregar de sentido alguns termos que descrevem coisas da realidade. Mais do que isso, esses conceitos precisam ser operados

empiricamente em pesquisas científicas. Quanto a isso, vale lembrar do aspecto teórico concernente às generalizações a que se pode chegar numa pesquisa qualitativa. Digo isso para falar da possibilidade de retrabalhar os retratos sociológicos, anteriormente descritos, à luz das conclusões aqui elencadas.

Certamente o olhar subsidiado pelas conclusões a que se chegou, no sentido do que pode significar uma noção sociológica de personalidade, incrementaria as interpretações possíveis do material empírico. No entanto, o caminho trilhado para se chegar até aqui, a tais conclusões, parte dos retratos tal como estão apresentados. Por isso o caráter experimental da pesquisa. Considere-se também o espaço de que se dispõe numa dissertação, o que se tem é uma porta aberta a novos caminhos possíveis, cuja continuidade, se por mim ou outros pesquisadores interessados, se verá noutro momento.

## 6.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS: APROXIMAÇÕES, LIMITES E POSSIBILIDADES PARA UMA TEORIA SOCIOLOGICA DA PERSONALIDADE

As reflexões desenvolvidas até aqui, longe de fecharem o debate, dizem respeito a caminhos possíveis em interlocuções que, do ponto de vista da fundamentação empírica, parece estar apenas se iniciando. Obviamente que discussões que sugerem o potencial de uma noção sociológica da personalidade, como já destacado ao longo de todo o trabalho, não são novidade, no todo. Mas aqui, o que se tentou foi apresentar a possibilidade de operacionalizar tal conceito na prática da pesquisa sociológica para entender processos que são tanto micro quanto macro, mas que só fazem sentido se apreendidos a partir de pessoas de carne e osso e suas trajetórias narradas.

O foco se manteve o tempo todo em processos empiricamente rastreáveis a partir da noção de dispositivos, de modo que alguns temas frequentes e certamente pertinentes não foram explicitamente apresentados na dissertação. Isso porque são temas que são colocados em termos tradicionalmente reivindicados por sociólogos de diferentes nichos e dizem respeito a: classes sociais, consumo, gênero e sexualidade, bem como ao dilema da ocupação *versus* profissão *versus* trabalho (SORJ, 2000). Mas isso por questões de foco, de espaço para desenvolver o debate sem incorrer em avaliações injustas, impertinentes e reducionistas das sérias e relevantes contribuições que se desenvolvem sobre tais temáticas.

Isso, no entanto, configura um convite a se iniciar discussões maiores e também referenciadas na pesquisa empírica para explorar o potencial da noção de personalidade em redimensionar o debate sobre cada um desses temas, de modo que aí seria possível citar os inúmeros autores que lidam sociologicamente com essas questões. Jessé de Souza (2010) em

seu trabalho sobre os “Batalhadores Brasileiros” recorre à Bourdieu e Lahire, bem como Sennet e lida com aspectos como a dimensão simbólica das desigualdades sociais, o passado incorporado nos agentes e o papel de processos de socialização marcantes para gerar disposições.

No entanto, ao longo do trabalho, permanecem um tanto obscuras as definições metodológicas do recurso ao campo e do procedimento de análise, apesar de que é incontestável a base no robusto material empírico de que dispôs. Vale salientar a atenção dada à dimensão ética do trabalho, à vida religiosa, o pertencimento a um projeto comunitário e o papel da família, que também observei em minha pesquisa. Apesar disso, do ponto de vista do experimento aqui desenvolvido, a rastreabilidade empírica foi preocupação constante partindo da noção de dispositivo e, por isso, muito diferente da abordagem de Jessé de Souza. O mesmo vale para as contribuições de Ulrich Beck, especialmente no que diz respeito ao risco; e Richard Sennet no tocante às transformações morais relativas ao mundo do trabalho e aos profissionais dos setores de tecnologias informacionais.

Quanto ao primeiro, a noção de risco que ele emprega é desenvolvida numa escala de análise e com um conotação muito diferente da que emerge da análise nesta dissertação. O risco aqui aparece ora como dispositivo discursivo, ora como pensamento ou sentimento envolto numa série de implicações relativas a escolhas, priorizações e motivações dos agentes. Em Beck (1996), a noção de risco remete à escala global do risco como sinônimo de catástrofe e tem a ver com as transformações do meio ambiente. Quanto a Sennet (1999), ele traduz o impacto das mudanças na configuração capitalista como situação de corrosão do caráter. Tal discussão está a léguas do que foi proposto aqui em termos de abordagem, tendo em vista que o caráter pessoal aqui está implicado na configuração a partir de dispositivos.

Além disso, em relação à educação e sua tematização direta, cabe algumas ressalvas: embora não tematizada como um conceito, autores como Lahire e Bourdieu, amplamente discutidos ao longo da dissertação, são ícones desse debate. Talvez estranhe-se o fato de que o modelo da discussão se desenvolva sempre num sentido: recorrendo à descrição de processos com referência a análises empíricas e buscando termos que dão inteligibilidade científica a eles na teoria; o que se distingue de seu oposto: descrever e discutir as opiniões de “N” autores sobre educação universitária e mercado para então tratar da vida prática de estudantes que empreendem.

Também fica evidente a necessidade de definir melhor, com base em mais estudos empíricos e leituras que recorram a diferentes áreas, não apenas à sociologia, da noção de dispositivo e seu potencial de rastreabilidade empírica das disposições. Pode-se, inclusive,

empregar simultaneamente estratégias como a etnografia, formas de análise das redes sociais na *internet*, os grupos de discussão e as análises documentais. Com isso, pode-se observar e analisar diferentes momentos e situações de implicação entre modalidades, dispositivos e efeitos.

Ademais, também é possível assumir abstratamente como real a perspectiva do agente em sua trajetória, práticas e domínios de práticas. Desse modo, antes de perguntar o porquê ou o como esse agente se engaja em suas atividades, pode-se questionar, seja para o próprio agente ou para grupos de agentes divergentes, por que alguém não agiria, pensaria ou se sentiria assim. Isso porque, se entendermos que o mundo existente e o social vivido pelo agente é tão real quanto construído (LATOURETTE, 2012), é tão natural quanto natural é o corpo/organismo das pessoas (INGOLD, 1991) implicadas em redes de coisas, pessoas e discursos, então abrem-se caminhos promissores de pesquisa.

Por exemplo, seriam sociais as ações, sentimentos e pensamentos de pessoas que em nossas sociedades são consideradas loucas? As suas ações, pensamentos e sentimentos seriam perturbações ou desvios da cultura e “do social”? Ou seriam exatamente o social expresso materialmente numa configuração tal, numa certa trajetória e situações de agenciamento por dispositivos? Eis o poder que os dispositivos podem apresentar à pesquisa sociológica, inclusive em focar mais no convite ao entendimento de implicações, que à tipificação *a priori* e normativa comparando o que é, com o que, segundo tais e tais princípios o “fenômeno” estudado deveria ser.

Assim, tipificações e adjetivações *a priori*, já desgastadas no senso comum, podem ser redimensionadas por uma discussão científica e empiricamente fundamentada, tais como: loucura, desvio, crueldade, banditismo, marginalidade, caráter, elitismo, peleguismo e outros. É nesse sentido que algumas aproximações podem criar o elo que Bourdieu mencionou em *Meditações Pascalinas* entre a sociologia e a psicologia ou psicanálise, bem como também mencionou Boltanski (2001) sobre a relação adequada entre sociologia e psicanálise para dar conta de uma noção de personalidade. Exemplo disso é a possibilidade de aproximação por meio dos conceitos de dispositivo, personalidade e sintoma (MAIA; MEDEIROS; FONTES, 2012).

A configuração de agenciamentos presentes, passados e organizados num processo de autocomposição biográfica ou apreendidos por meios outros, como a etnografia; sempre atentando para dispositivos não discursivos e elementos não humanos da rede de múltiplas implicações pode ser entendida como sintoma “do social” ao mesmo tempo em que a personalidade que reflete analogicamente a homologia “do social” é sintoma do singular no

plural. Essa perspectiva, tendo em mente que as pessoas de carne e osso, bem como as coisas, discursos e lugares são a realidade existente, não haveria porque tomá-las como mais ou menos reais e sim, em última instância, abrir questionamentos “heréticos” como: o surto psicótico é uma prática social, ou há práticas sociais no surto psicótico?

Resta também o limite de lidar com a dimensão da pessoa como um organismo, ou tratar de forma específica o corpo, inclusive mencionado pelos entrevistados como “máquina de alta performance” e em situações de ganho e perda de massa corporal em função das atividades de trabalho, lazer, alimentação e desporto realizadas. Eis o intento de lançar um convite à comunidade sociológica para atentar à possibilidade existente de trabalhar com a rastreabilidade empírica dos dispositivos e desenvolver modelos teóricos operando com o conceito sociológico de personalidade. A dissertação experimentou tal conceito e logrou de discussões que puderam redimensionar entendimentos da sociologia disposicionalista e também de debates acadêmicos como os que versam sobre trabalho, educação e empreendedorismo.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? *In*: CONFERÊNCIA PESSOAL [s.n]. **Transcrição de palestra**. Ilha de Santa Catarina, Florianópolis - SC. Tradução de Nilcéia Valdati. Outra travessia, 2005. p. 9-16.
- AGUIAR, Odílio Alves. **Política na sociedade do conhecimento**. Trans/Form/Ação, (São Paulo), v.30(1), 2007, p.11-24.
- ALEXANDER, Jeffrey. *Action and its environments: toward a new synthesis*. Nova York, Columbia University Press, 1990.
- ALLPORT, Gordon. **Concepts of traits and personality**. Dartmouth College - Psychological Bulletin, 1927. Disponível em: <http://www.yorku.ca/dept/psych/classics/author.htm> Acesso em Fevereiro de 2019.
- ALLPORT, Gordon. **The individual and his religion: a psychological interpretation**. New York: Macmillan; London: Collier Macmillan, 1950.
- ALSOS, Gry Agnete; CLAUSEN, Tommy Høyvarde; HYTTI, Ulla; SOLVOLL, Sølvi. Entrepreneurs' social identity and the preference of causal and effectual behaviours in start-up processes, **Entrepreneurship & Regional Development**, 2016. 28:3-4, 234-258, DOI:10.1080/08985626.2016.1155742. To link to this article: <http://dx.doi.org/10.1080/08985626.2016.1155742>.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. **“Com o suor do trabalho”**: uma análise do *ethos* dos batalhadores manifesto no âmbito do consumo. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2018.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. Dos habitus de classe aos patrimônios individuais de disposições: reflexões sobre a prática em Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, nº 42, mai/ago, p.294-327, 2016.
- AMÂNDIO, S. Entrevista com Bernard Lahire “Do Homem Plural ao Mundo Plural”. **Análise Social**, Lisboa, xlvii (1.º), n. 202, pp. 195-208, 2012.
- AZAMBUJA, Lucas Rodrigues; MOCELIN, Daniel Gustavo. Empreendedorismo intensivo em conhecimento: elementos para uma agenda de pesquisas sobre a ação empreendedora no Brasil. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 19, no 46, set/dez 2017, p. 30-75. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-019004602>.
- BARBOT, Janine; DODIER, Nicolas. A força dos dispositivos. **Revista Sociedade e Estado**. Vol. 32, n. 2, Mai/Ago, 2017.
- BARREIROS, B. C. Sociologia e psicologia: disposição social como via de convergência. **Revista Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, 29, e161516, 2017.
- BARTHE, Y. (et. Al). **Sociologia pragmática**: guia do usuário. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 18, nº 41, jan/abr 2016, p. 84-129.
- BECK, Ulrich. World risk society as a cosmopolitan society? Ecological questions in a framework of manufactured uncertainties. **Theory, culture and society**, vol. 13 (4): 1-32, 1996.

BENEVIDES, Pablo Severiano. **O dispositivo da verdade**: uma análise a partir do pensamento de Michel Foucault. 2013. 511f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2013.

BENNETT, Jane. *Vibrant Matter: a political ecology of things*. Durham: Duke University, Press, 2010.

BETONI, Camila Souza. **O Espírito dos donos**: empreendedorismo como projeto de adaptação da juventude. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Florianópolis, SC, 2014.

BICUDO, Lucas. Afinal o que é uma startup? **Startse**, São Paulo, Mai. 2016. Disponível em: <<https://www.startse.com/noticia/startups/18963/afinal-o-que-e-uma-startup>>. Acesso em 26 dez. 2018.

BOLTANSKI, Luc. A moral da rede? Críticas e Justificações nas recentes evoluções do capitalismo. **Fórum Sociológico**, Lisboa, nº 5/6, p. 13-35, 2001.

BOLTANSKI, Luc. Sociologia da crítica, instituições e o novo modo de dominação gestonária. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 99, p. 441-463, nov. 2013.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BORBA, Marcelo Leandro; HOELTGEBAUM, Marianne; SILVEIRA, Amélia. A produção científica em empreendedorismo: análise do academy of management meeting: 1954-2005. **Revista de Administração Mackenzie**, V. 12, N. 2. São Paulo, SP, mar./abr., 2011. p. 169-206. ISSN 1678-6971.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalinas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. São Paulo – Papyrus, 1996.

BRANDÃO, Ana Maria. Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica. **Configurações**, Lisboa, Universidade do Minho, vol. 3, n. 3, p. 83-106, 2007.

BUSSOLINI, Jeffrey. What is a dispositive? **Foucault Studies**, Denmark, v. 10, p. 85-107, 2010.

CAMPOS, Elziane Bouzada Dias. **Competências Empreendedoras**: uma Avaliação no Contexto de Empresas Juniores Brasileiras. Tese de Doutorado em Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações. Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2015.

CANEVER, Mario Duarte; KOHLS, Volnei Krause; LAGEMANN, Marcelo; RIGATTO, Paulo. Empreendedorismo: por que alguns estudantes e não outros escolhem ser empreendedores? **Estudos em Psicologia**, Rio de Janeiro, 2013. v. 13, n. 1, p. 101-124.

CARVALHO, Pedro Monteiro. **O Papel de empreendedor na constituição da identidade**: uma análise dramaturgica. Dissertação (Mestrado) Programa De Pós-Graduação em Administração - Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Curitiba, 2016.

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - Vol. 1 In: **A Sociedade em Rede**. 4ª edição, Ed. Paz e Terra, 2005.

CAVALCANTE, Fernando Luiz Nobre. **Start! Up? O arranque empreendedor do capitalismo informacional**. Dissertação (mestrado) em sociologia. PPGS – UFCE. Fortaleza, 2015.

COAN, Marival. **Educação para o empreendedorismo: implicações epistemológicas, políticas e práticas**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, SC, 2011.

DAMASIO, Augusto. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DE CLERCQ, Dirk; VORONOV, Maxim. **Toward a Practice Perspective of Entrepreneurship: Entrepreneurial Legitimacy as Habitus**. The online version of this article can be found at: <http://isb.sagepub.com/content/27/4/395>. DOI: 10.1177/02662 42609334971. *International Small Business Journal* 2009 27: 395.

DENNET, Daniel. **Kinds of minds**. Nova York: Basic Books, 1996.

DOWN, Simon; REVELEY, James. Generational Encounters and the Social Formation of Entrepreneurial Identity: ‘Young Guns’ and ‘Old Farts. **Organization Articles**. Volume 11(2): 233–250, ISSN 1350–5084, 2004 SAGE (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi). DOI: 10.1177/1350508404030381 [www.sagepublications.com](http://www.sagepublications.com).

DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da sociedade de corte**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa, edições 70, 2008.

**Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades**. BBC – Brasil, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>. Acesso em 3 de Janeiro de 2020.

ERENHEICH, John. **Personality Theory: A Case of Intellectual and Social Isolation?** Filadélfia, The Journal of Psychology, 1997.

ÉSTHER, A. B.; RODRIGUES, I.S.; FREIRE, E. S. A identidade empreendedora no contexto das empresas de pequeno porte. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.1, n.2, 2012.

FONTENELE, R. E. S. Empreendedorismo, Competitividade e Crescimento Econômico: **Evidências Empíricas**. RAC, Curitiba, v. 14, n. 6, art. 6, pp. 1094-1112, Nov./Dez. 2010 [www.anpad.org.br/rac](http://www.anpad.org.br/rac).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. (Org) Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FULLER, Ted; TIAN, Yumiao. Social and Symbolic Capital and Responsible Entrepreneurship: An Empirical Investigation of SME Narratives. **Journal of Business Ethics** (2006) 67:287–304. DOI 10.1007/s10551-006-9185-3

GONZALES, Zuleika Köhler; BAUM, Carlos. Desdobrando a Teoria Ator-Rede: Reagregando o Social no trabalho de Latour. Porto Alegre. **Polis e Psique**, vol. 3, n. 1, 2013, pp. 142-157.

GOSS, David. Schumpeter’s Legacy? Interaction and Emotions in the Sociology of Entrepreneurship. **Entrepreneurship Theory and Practice**. Mar. 2005, pp. 205-218.

GUERREIRO, M. D.; CAETANO, A.; RODRIGUES, E.; BARROSO, M.; COUTO, A. I. Caminhos para o empreendedorismo: uma tipologia de acesso à atividade empreendedora. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v.2, n.3, 2013.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. 17. ed. [Trad. Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves] São Paulo: Loyola, 1992.

INGOLD, Tim. ‘Gente como a gente’ - O conceito de homem anatomicamente moderno, **Ponto Urbe** [Online], vol. 9, 2011, Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1823>. Acesso em 22 August 2019.

INGOLD, Tim. Becoming Persons: Consciousness and Sociality in Human Evolution. **Cultural Dynamics**, Volume 4 Issue 3, November 1991 pp. 355-378. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/092137409100400307>. Acesso em 5 de Junho de 2018.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. London and New York: Routledge, 2000.

JACOBS, Struan. How Role Replaced Personality as a Major Category of Sociology. **American Sociologist**, online, Jun. 2018, Volume 49, número 2, pp. 280–298 2017. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007/s12108-017-9354-0>. Acesso em Jan de 2019.

JAIN, Sanjay; GEORGE, Gerard; MALTARICH, Mark. Academics or entrepreneurs? Investigating role identity modification of university scientists involved in commercialization activity. **Research Policy**, 38 (2009) 922–935. Journal homepage: [www.elsevier.com/locate/respol](http://www.elsevier.com/locate/respol).

JOHN, Oliver P.; ROBINS, Richard W; PERVIN, Lawrence A. **The Hand Book of Personality: Theory and Research**. 3. ed. New York: The Guilford Press, 2008

JONES, James W. Personality and Epistemology: Cognitive social learning theory as a philosophy of science. New Jersey, **Journal of Religion and Science**, vol. 24, no. 1, March 1989.

KON, Fabio; MONTEIRO, Julian. **Empreendedorismo em Computação e Startups de Software**. Atualizações em Informática. XXXIV Congresso da Sociedade Brasileira de Computação – CSBC, Brasília, 2014. pp 176-215.

KRUGLANSKI; HIGGINS. Theory Construction in Social Personality Psychology: Personal Experiences and Lessons Learned. **Personality and Social Psychology Review** – Special Issue, Santa Bárbara - CA, vol. 8, n. 2, 2004.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997

LAHIRE. Bernard. A fabricação social dos indivíduos: quadros, modalidades, tempos e efeitos de socialização. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1393-1404, dez., 2015.

LAHIRE. Bernard. A transmissão familiar da ordem desigual das coisas. Tradução de Pascoal Carvalho. **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, Vol. XXI, pág.13-22, 2011.

LAHIRE. Bernard. **O Homem plural**: os determinantes da ação. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. Tradução de Jussara Rowland. Revisão científica da tradução de António Firmino da Costa. *Sociologia. Problemas e Práticas*, n.º 49, pp. 11-42, 2005.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**: Disposições e variações individuais. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos Deuliar e Didier Martin. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: Ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: Uma introdução à teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LEITCH, Claire M.; HARRISON, Richard T. Identity, identity formation and identity work in entrepreneurship: conceptual developments and empirical applications. **Entrepreneurship & Regional Development**, 2016. DOI: 10.1080/08985626.2016.1155740. To link to this article: <http://dx.doi.org/10.1080/08985626.2016.1155740>

LEITE, Elaine da Silveira; MELO, Natália Máximo. Uma nova noção de empresário: a naturalização do “empreendedor”. **Revista de Sociologia e Política** v. 16, n.º 31: 35-47 Nov. 2008

LEMKE, Thomas. Rearticulando o conceito de dispositivo: combinando STS e analítica do Governo. **Mediações**. Londrina, vol. 23, n. 1, pp. 32-62, jan/jun, 2018.

LEWIS, Kate V. Identity capital: an exploration in the context of youth social entrepreneurship. **Entrepreneurship & Regional Development**, 2016. DOI: 10.1080/08985626.2016.1155741. To link to this article: <http://dx.doi.org/10.1080/08985626.2016.1155741>

LEWIS, Kate V.; HO, Marcus; HARRIS, Candice; MORRISON, Rachel. Becoming an entrepreneur: opportunities and identity transitions. **International Journal of Gender and Entrepreneurship**, 2016. Vol. 8. Iss 2 pp. 98 – 116. Permanent link to this document: <http://dx.doi.org/10.1108/IJGE-02-2015-0006>.

LIMA JÚNIOR, Otávio Pedro Alves de. **O espírito do capitalismo e a cultura do empreendedorismo**: educação e ideologia. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Belo Horizonte, 2011. 141 p.

LIMA JÚNIOR, Paulo; MASSI, Luciana. Retratos sociológicos: uma metodologia de investigação para a pesquisa em educação. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 21, n.3, p. 559-574, 2015.

LÓPEZ RUIZ, Osvaldo Javier. **O “ethos” dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Campinas-SP, 2004.

MACHADO, H. P. V.; NASSIF, V. M. J. **Empreendedores**: Reflexões sobre Concepções Históricas e Contemporâneas. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, pp. 892-899, Nov./Dez. 2014 [www.anpad.org.br/rac](http://www.anpad.org.br/rac).

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e como experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MAIA, Aline Borba; MEDEIROS, Cynthia Pereira; FONTES, Flávio. O conceito de sintoma na Psicanálise: uma introdução. **Estilos da Clínica**, 2012, 17(1), 44-61. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v17n1/v17n1a04.pdf>. Acesso em Junho de 2019.

MAIA, Marcel Maggion. **Como nascem as startups?** Uma análise microsociológica das performances e estratégias discursivas dos empreendedores à procura de capital. Dissertação de mestrado em sociologia. PPGS-USP. São Paulo, 2016.

MARTES, Ana Cristina Braga. Weber e Schumpeter: a ação econômica do empreendedor. **Revista de Economia Política**, vol 30, nº 2 (118), pp 254-270, abril-junho/2010.

MASSAINI, Silvyne Ane; ARTUSO, Simone Barakat; GOUVÊA, Maria Aparecida; POLO, Edison Fernandes. Empreendedorismo e competitividade global: uma análise multivariada de dados. **Revista Gestão Organizacional** | Vol. 5 - N. 2 - Jul./Dez. – 2012.

MENDONÇA, Renata. Como os testes de Facebook usam seus dados pessoais - e como empresas ganham dinheiro com isso. **BBC Brasil em São Paulo**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-43106323>. Acesso em 3 de Janeiro de 2020.

NICHOLSON, Ian A. M. **Inventing Personality**: Gordon Allport and the Science of Selfhood. Washington – DC: American psychological Association, 2003.

NIEWIADOMSKI, Christophe. **Reinvenções do sujeito social**: teorias e práticas biográficas. Porto Alegre: Sulina, 2009.

OLESEN, Henning Salling. Histórias de vida na análise e práticas sociais/Life-History – A Psycho-Societal Approach. In WEBER, Silke; LEITHÄUSER, Thomas. [org]. **Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais e na Prática Social**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

PANDOLFI, Marcelo de Amorim. **“Admirável mundo do empreendedorismo”**: adoção do empreendedorismo como princípio educativo no curso técnico em administração do Instituto Federal do Espírito Santo. Tese (Doutorado) - São Carlos: UFSCar, 2015.

REGIS, Fátima. De sujeito a sistema de informação: como as novas concepções de mente afetam a subjetividade. **Ciências & Cognição**, online, vol 09, s/n, 2006, pp. 137-145. Disponível em: Acesso em 10 de agosto de 2019.

ROSE, Nikolas. Psicologia como uma ciência social. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, vol. 20, n. 2, 2008, pp. 155-164.

ROSENTHAL, Gabriele. **Pesquisa social interpretativa**. 5ª. ed. Tradução de Tomás da Costa. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2014.

RUEF, Martin; LOUNSBURY, Michael. "Introduction: The Sociology of Entrepreneurship" *In The Sociology of Entrepreneurship. Research in the Sociology of Organizations*, Volume 25, 1–29  
Published online: 08 Mar 2015; 1-29. Permanent link to this document:  
[http://dx.doi.org/10.1016/S0733-558X\(06\)25001-8](http://dx.doi.org/10.1016/S0733-558X(06)25001-8).

SAMPAIO, SMR., org. **Observatório da vida estudantil**: primeiros estudos [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, 273 p. ISBN 978-85-232-1211-7. Available from SciELO Books  
<http://books.scielo.org>

SANTOS, A.; CARVALHO, C.; MÓNICO, L.; PARREIRA, P. Empreendedorismo no ensino superior: Estudo psicométrico da escala Oportunidades e Recursos para Empreender. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, 2017(4), 269-278. doi: 10.17652/rpot/2017.4.13736.

SENNET, R. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Maio/Jun/Jul/Ago 2002 Nº 20.
- SILVA, Priscila. Dispositivo: um conceito, uma estratégia. **Revista Profanações**, ano 1, n. 2, pp. 144-158, jul./dez. 2014.
- SILVA, Regina Coeli Machado. A Teoria da Pessoa em Tim Ingold: mudança ou continuidade das representações ocidentais e nos conceitos antropológicos? **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 357-389, jan/jun. 2011.
- SOARES, Paulo Marcondes ferreira. **Leituras de abordagens sociológicas: sínteses teóricas dos anos 1980 – versão preliminar, 1998** [S.l.: s.n.].
- SORJ, Billa. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 15, n 43, jun de 2000.
- SOUZA DE SOUZA, Paulo Sérgio. **As contribuições de um projeto empreendedor para um grupo de estudantes do ensino médio politécnico**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, PUCRS – Porto Alegre, 2016.
- SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.
- THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro 40(1):27-55, Jan./Fev. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>. Acesso em 4 de Janeiro de 2017.
- WAKEFIELD, Stephanie; BRAUN, Bruce. Governing the resilient city. *Environment and planning. Society and Space*, Genova, v. 32, n. 1, p. 4-11, 2014.
- WATSON, Tony J. Entrepreneurship – A Suitable Case for Sociological Treatment. **Sociology Compass** 6/4 (2012): 306–315, 10.1111/j.1751-9020.2011.00455.x.
- YITSHAKI, Ronit; KROPP, Fredric. Entrepreneurial passions and identities in different contexts: a comparison between high-tech and social entrepreneurs. **Entrepreneurship & Regional Development**, 2016. DOI: 10.1080/08985626.2016.1155743. To link to this article: <http://dx.doi.org/10.1080/08985626.2016.1155743>

**APRÊNDICE A – TABELA DE ANÁLISE DA MATRIZ DE DISPOSIÇÕES  
CONSTITUTIVAS DA PERSONALIDADE**

| QUADROS                    |                  | TEMPO                 |                       |                       | PERSONALIDADE |
|----------------------------|------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------|
|                            |                  | Infância              | Adolescência          | Juventude             |               |
| Familia                    | <i>Pessoas</i>   | Modalidades e Efeitos | Modalidades e Efeitos | Modalidades e Efeitos |               |
|                            | <i>Discursos</i> |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Lugares</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Coisas</i>    |                       |                       |                       |               |
| DISPOSITIVOS E DISPOSIÇÕES |                  |                       |                       |                       |               |
| Religião                   | <i>Pessoas</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Discursos</i> |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Lugares</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Coisas</i>    |                       |                       |                       |               |
| DISPOSITIVOS E DISPOSIÇÕES |                  |                       |                       |                       |               |
| Amizades                   | <i>Pessoas</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Discursos</i> |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Lugares</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Coisas</i>    |                       |                       |                       |               |
| DISPOSITIVOS E DISPOSIÇÕES |                  |                       |                       |                       |               |
| Educação                   | <i>Pessoas</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Discursos</i> |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Lugares</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Coisas</i>    |                       |                       |                       |               |
| DISPOSITIVOS E DISPOSIÇÕES |                  |                       |                       |                       |               |
| Trabalho                   | <i>Pessoas</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Discursos</i> |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Lugares</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Coisas</i>    |                       |                       |                       |               |
| DISPOSITIVOS E DISPOSIÇÕES |                  |                       |                       |                       |               |
| Lazer e Consumo            | <i>Pessoas</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Discursos</i> |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Lugares</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Coisas</i>    |                       |                       |                       |               |
| DISPOSITIVOS E DISPOSIÇÕES |                  |                       |                       |                       |               |
| Relacionamentos            | <i>Pessoas</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Discursos</i> |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Lugares</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Coisas</i>    |                       |                       |                       |               |
| DISPOSITIVOS E DISPOSIÇÕES |                  |                       |                       |                       |               |
| Projetos                   | <i>Pessoas</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Discursos</i> |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Lugares</i>   |                       |                       |                       |               |
|                            | <i>Coisas</i>    |                       |                       |                       |               |
| DISPOSITIVOS E DISPOSIÇÕES |                  |                       |                       |                       |               |

**APRÊNDICE B – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO DE  
PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA EM PESQUISA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA EM  
PESQUISA CIENTÍFICA.**

Eu, \_\_\_\_\_,  
com inscrição no CPF de número \_\_\_\_\_ e RG  
\_\_\_\_\_ de órgão expedidor \_\_\_\_\_ e UF \_\_\_\_\_,  
Profissão/Ocupação: \_\_\_\_\_, declaro que voluntariamente aceito  
participar da pesquisa **STARTUPS E A FORMAÇÃO SOCIAL DA PERSONALIDADE  
EMPREENDEDORA DE UNIVERSITÁRIOS** realizada no âmbito do **Mestrado  
Acadêmico em Sociologia** por **CLAYTON RODRIGUES DA SILVA**, estudante de  
mestrado no PPGS-UFPE, de CPF XXX.XXX.XXX-XX e RG XXXXXXXX SDS-PE,  
orientado pela Professora SILKE WEBER, podendo-se confirmar o vínculo institucional com  
a citada Universidade e PPG por meio do telefone 81 2126-8285 e e-mail:  
[ppgs.ufpe@gmail.com](mailto:ppgs.ufpe@gmail.com).

Aceito conceder informações, que serão utilizadas com fins exclusivamente acadêmicos e  
científicos, por meio de entrevista(s) com áudios gravados e transcritos, sabendo que tais  
transcrições comporão material de análise e estarão presentes nos resultados da pesquisa a  
serem apresentados em dissertação de mestrado. Estou ciente de que os dados não serão  
associados ao meu nome nas análises e nos resultados da pesquisa, de modo que deverá ser  
utilizado algum codinome, garantindo-se o meu anonimato e assegurando-se a minha  
privacidade. Sei também que uma cópia da transcrição me será disponibilizada, assim como  
poderei receber uma cópia da dissertação produto da pesquisa em formato PDF, pelo e-  
mail: \_\_\_\_\_, podendo receber informações também  
pelo telefone/celular (\_\_) \_\_\_\_\_-\_\_\_\_\_. Também tenho ciência de que não receberei  
qualquer forma de pagamento pela participação.

Recife, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

\_\_\_\_\_  
Assinatura de Participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador